

O Lugar da Galeria João Esteves de Oliveira na Arte Contemporânea Portuguesa

Isabel Andrade Dias

Mestrado em Mercados da Arte

Orientador:

Doutor Luís Urbano Afonso, Professor Associado com Agregação,
FLUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Co-Orientadora:

Doutora Paula André, Professora Auxiliar, ISCTE – Instituto Universitário de
Lisboa

Novembro, 2023

Departamento de História

O Lugar da Galeria João Esteves de Oliveira na Arte Contemporânea Portuguesa

Isabel Andrade Dias

Mestrado em Mercados de Arte

Orientador:

Doutor Luís Urbano Afonso, Professor Associado com Agregação,
FLUL - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Co-Orientadora:

Doutora Paula André, Professora Auxiliar, ISCTE – Instituto Universitário de
Lisboa

Novembro, 2023

Agradecimento

Agradeço especialmente ao orientador Professor Luís Afonso e à coorientadora Professora Paula André pela constante disponibilidade sem a qual não teria terminado este trabalho.

A todos os artistas e arquitetos que tiveram a amabilidade de responder ao meu inquérito também expresso a minha profunda gratidão. Testemunhos enriquecedores deste estudo que provavelmente serão interpretados à luz de outros olhares.

À Joana Esteves de Oliveira, filha do galerista, agradeço as informações familiares que nos ajudam a compreender a figura notável de João Esteves de Oliveira.

Os amigos e a família, sempre presentes, sobretudo nas alturas críticas e cruciais foram fundamentais durante este período.

Por último, o mais relevante, o João Esteves de Oliveira, o galerista. A quem agradeço tudo o que aprendi durante o período que colaborei na Galeria do Chiado, especialmente o lugar do desenho na arte contemporânea portuguesa.

Resumo

A presente dissertação foi elaborada com o intuito de demonstrar o lugar da Galeria João Esteves de Oliveira na Arte Contemporânea Portuguesa. Sendo a única Galeria que promoveu durante as primeiras décadas do século XXI o trabalho sobre papel conferiu uma autonomia ao desenho quer no domínio comercial quer no âmbito da crítica e da historiografia. Esta leitura tem início na apresentação do galerista, colecionador com uma carreira no mundo da banca que abre o seu espaço no Chiado, em 2002. A história da Galeria, os artistas, as exposições e as estratégias face às oscilações económicas também determinam o seu percurso.

Os artistas são apresentados de acordo com critérios diversificados, desde o económico, a faixa etária, a profissão, as mulheres e os grandes nomes da história de arte. As respostas aos inquéritos situam a Galeria no seu lugar precursor e incontornável no mercado da arte, designadamente no do desenho e do trabalho sobre papel.

Palavras – chave: Galeria João Esteves de Oliveira; Trabalho sobre papel; desenho; arte contemporânea portuguesa

Abstract

This dissertation was written with the aim of highlighting the place of Galeria João Esteves de Oliveira in Portuguese Contemporary Art. As the only gallery that promoted work on paper during the first decades of the 21st century, it conferred an autonomy to drawing both in the commercial domain and in the field of criticism and historiography. This reading begins with the presentation of the gallerist, a collector with a career in banking, who opened his space in Chiado in 2002. The history of the gallery, the artists, the exhibitions and the strategies in the face of economic fluctuations also determine its path.

Artists are presented according to diverse criteria, from economic, age group, profession, women and the great names in art history. The responses to the surveys place the Gallery in its pioneering and unavoidable place in the art market, particularly in drawing and work on paper.

Key words: Galeria João Esteves de Oliveira; Work on paper; drawing; Portuguese contemporary art

Índice

Introdução.....	1
Tema.....	1
Objetivos	1
Estrutura	2
Fontes e Metodologia	3
Estado da Arte	4
CAPÍTULO 1 - João Esteves de Oliveira: O homem e a galeria	8
1.1 João Esteves de Oliveira.....	8
1.2 A galeria João Esteves de Oliveira, uma galeria de nicho.....	9
A vocação e a missão da galeria.....	9
A localização e o espaço	10
Inauguração	11
A Loja de Desenho	11
Enquadramento.....	12
Evolução económica da Galeria	15
Missão cultural	16
História das exposições: programa e as escolhas	18
CAPÍTULO 2. Os artistas da JEO.....	22
2.1. Os blue chips da JEO.....	23
2.2. Os herdeiros do Ar.Co da JEO	29
2.3. Os arquitetos da JEO	34
2.4. As artistas da JEO.....	36
2.5. Outros artistas da JEO	38
CAPÍTULO 3. O lugar da Galeria JEO na arte contemporânea portuguesa	44
3.1. Os arautos da JEO	44
3.2. Análise ao inquérito.....	45
3.3. Galeria João Esteves de Oliveira: um lugar de desenho.....	50
CAPÍTULO 4. Conclusões.....	53
Referências Bibliográficas	56
Webgrafia	59
Anexo A	62
Anexo B.....	101
Anexo C.....	118

Introdução

Na história da Arte em Portugal, nas quase duas décadas que leva este novo século e JEO leva de galerista, a sua figura será considerada incontornável. O seu vasto programa de acção já hoje pode ser entendido como determinante na resistência à anémica realidade do mercado de arte nacional, nomeadamente do desenho, defendendo a sua diversidade e sua autonomia, quer comercial, quer crítica, quer historiográfica.

(Pinharanda, 2019:9)

Tema

O tema de estudo do presente trabalho é a *Galeria João Esteves de Oliveira Arte Moderna e Contemporânea Trabalhos sobre Papel*. Trata-se de uma Galeria de arte moderna e contemporânea, mas nesta análise optei por excluir a dimensão modernista da mesma. Esta opção não pretende de forma alguma minorizar o trabalho sobre papel do período modernista, e a dimensão do mercado secundário na Galeria, mas imperaram razões práticas. Em primeiro lugar, pela representação diminuta da mesma na atividade da Galeria. Em segundo lugar, por me focar no mercado primário e no acesso direto aos intervenientes que colaboraram neste projeto, nomeadamente aos artistas e arquitetos que expuseram as suas obras na Galeria.

João Borges Esteves de Oliveira (1956-2023), colecionador e bancário deu o seu nome à Galeria que inaugurou no dia 30 de outubro de 2002, no Chiado, e encerrou em maio do ano de 2019. Durante quase duas décadas foi a única Galeria que se dedicou exclusivamente aos trabalhos sobre papel em Portugal. Essa vocação conferiu-lhe uma identidade singular e inovadora no panorama galerístico português nas primeiras décadas do séc. XXI, algo que é reconhecido pelos atores mais relevantes do panorama artístico em Portugal.

Objetivos

Porque optei por este tema? A escolha temática deve-se a três motivos: primeiro, tive o privilégio de colaborar com João Esteves de Oliveira durante dezasseis anos, desde o início do seu projeto até ao encerramento do mesmo; segundo, usufrui do acesso integral às fontes de informação, nomeadamente ao arquivo da Galeria. Por último, o mais relevante, identificar o

lugar incontornável da Galeria na arte contemporânea portuguesa nas primeiras décadas do século XXI. Pretendo demonstrar a sua identidade, a sua vocação a sua preponderância exclusiva no mercado do trabalho sobre papel com incidência no desenho, *defendendo a sua diversidade e sua autonomia, quer comercial, quer crítica, quer historiográfica* como refere João Pinharanda.

Estrutura

De seguida apresento a estrutura do presente trabalho, descrevendo sucintamente o conteúdo de cada capítulo.

Na introdução defino o tema, os objetivos, a estrutura, as opções metodológicas adotadas e, no fim, o estado atual de conhecimento sobre a Galeria.

Para atingir os objetivos que estabeleci, optei por dividir a dissertação em três partes, uma de natureza teórica, destinada a definir o objeto de estudo, e as outras de natureza empírica, analisando dados disponíveis.

No primeiro capítulo, começo pela apresentação do fundador da Galeria, João Esteves de Oliveira, colecionador, bancário e galerista. Segue-se a caracterização da Galeria, a sua vocação, missão cultural e a seu percurso económico. Para completar esta abordagem menciono a história genérica das exposições apresentadas nesse espaço e incluo os programas anuais e as escolhas mais relevantes do galerista.

O enquadramento da Galeria num breve contexto galerístico é essencial para a compreensão da sua identidade distinta face aos seus pares. A Galeria foi um projeto com princípio, meio e fim, existindo ininterruptamente de 2002 a 2019 com a apresentação contínua de exposições. Durante esse período de atividade a Galeria apresentou 102 exposições, 69 individuais (65 contemporâneas e apenas 4 modernistas), 12 (com dois a cinco artistas) e 21 coletivas. Contabilizei 54 artistas e quatro arquitetos contemporâneos com faixas etárias e percursos artísticos muito diversificados, e até divergentes, que expuseram a sua obra no Chiado. Uns emergentes, outros com carreiras conhecidas, apreciadas e cotadas e, os mais invulgares, os consagrados, aqueles cuja obra adquiriu reconhecimento internacional. Alguns participaram apenas em mostras coletivas, outros realizaram exposições individuais, mas todos foram os agentes principais e essenciais, desempenharam um papel determinante e imprescindível

porque contribuíram para a divulgação do desenho e dos trabalhos sobre papel, para o aumento do seu interesse, da sua valorização e comercialização.

Assim, o núcleo central dos capítulos seguintes desenvolve-se em torno desses intervenientes, artistas e arquitetos, que expuseram trabalhos sobre papel na Galeria. Face à diversidade geracional e aos percursos heterogéneos dos mesmos apresentamos grupos de acordo com critérios divergentes. Designo os *blue chip da JEO* aqueles que registaram o maior volume de vendas; os herdeiros do *Ar.Co*¹ correspondem aos jovens artistas emergentes formados nessa escola; os arquitetos da JEO reúne esse grupo profissional que expôs desenho na Galeria; as mulheres/artistas constituem o grupo das artistas da JEO e por último os outros artistas da JEO, aqueles que não se inserem nos critérios mencionados, mas que também tiveram um “lugar ao sol” foram eleitos pelo galerista para expor as suas obras de papel numa exposição individual no espaço do Chiado.

O terceiro capítulo reúne uma análise aos dados obtidos através de um inquérito realizado por mim aos artistas e arquitetos que expuseram trabalhos sobre papel na Galeria.

Por fim, a conclusão provisória. Aquele possível nesta fase de cruzamento de dados e interpretação dos mesmos. Porque as conclusões serão, sempre, provisórias. Outros, posteriormente, com base nesta e outras leituras apresentarão novas e diferentes perspetivas desta temática.

Fontes e Metodologia

As fontes fundamentais desta dissertação são documentais como o arquivo da Galeria, material relevante publicado na imprensa, material editado/publicado pela mesma como newsletter, convites, livros, catálogos, e ainda conteúdo digital, designadamente a página do Facebook², visto que o site já não está ativo e a Galeria não esteve presente noutras redes sociais. Os catálogos editados pela Galeria são essenciais não só eram, sempre, prefaciados pelo galerista como incluíam um texto crítico sobre a respetiva exposição.

A metodologia desta dissertação é mista quer na recolha de dados quer na análise dos mesmos, ou seja, apresento uma abordagem quantitativa e qualitativa.

¹ <https://arco.pt/site/pt> consulta em 16.6.22

² <https://www.facebook.com/galeria.jestevesdeoliveira> consulta em 10.7.22

Para atingir os objetivos do primeiro capítulo, apresentação do galerista, a caracterização da Galeria e a história das suas exposições este estudo baseia-se na recolha e tratamento de dados recolhidos essencialmente nessas fontes. Uma vez completo este processo de informação passei à sistematização, agrupamento e categorização dos artistas e arquitetos da Galeria. No terceiro capítulo apliquei um método empírico diferente dos antecedentes realizei um inquérito. Para o qual foi preparado um guião apropriado com os objetivos de dar a conhecer, na primeira pessoa, as perspetivas dos artistas e arquitetos intervenientes sobre trabalho sobre papel/desenho na obra de cada um e, o testemunho dos mesmos sobre a colaboração com a Galeria e de que forma é que esta contribui para o seu percurso profissional. O inquérito (anexo C:120) foi enviado via email no mês de julho de 2022 aos 48 artistas e quatro arquitetos que expuseram obras na Galeria. O período de respostas decorreu desde esse período até março de 2023.

Incluo também uma entrevista realizada por mim ao galerista, em sua casa, no mês de julho de 2021, como colecionador e galerista e que integrou o trabalho que apresentei na Unidade Curricular Colecionismo e Curadoria, lecionada pelo Docente Professor Alexandre Melo (anexo B:107-111).

Estado da Arte

O conhecimento atual sobre a Galeria é escasso, não obstante destaco algumas referências relevantes nesta temática. A tese de Doutoramento *O Mercado da Arte Moderna e Contemporânea em Portugal* (2005-2013) de Pedro Ribeiro Simões (Simões, Pedro, 2016 anexo:188-198) que constitui um estudo sobre o mercado primário e secundário em Portugal, com particular incidência na região de Lisboa, no início do século XXI. A análise quantitativa ao mercado de arte contemporâneo português, a caracterização do mesmo e a posição das galerias face às oscilações económicas entre os anos 2005 e 2013 contribui para o enquadramento da Galeria durante esse período. Na abordagem empírica, o autor entrevistou diversas personalidades intervenientes no mercado da arte nacional e, o testemunho de JEO como galerista é fundamental para o nosso conteúdo, menciona temas que serão abordados posteriormente. Nessa entrevista o galerista definiu a vocação inovadora da Galeria dedicada exclusivamente ao trabalho sobre papel. Embora se dedicasse predominantemente aos trabalhos contemporâneos, o interesse do fundador pela primeira metade do século XX levou-o a incluir também obras modernistas. A sua vida profissional em Paris permitiu-lhe criar relações com

alguns autores como Júlio Pomar, Jorge Martins, Eduardo Luiz, António Dacosta e Costa Pinheiro. Sobre os critérios da seleção destes, JEO também foi muito claro, era o seu gosto e a maioria dos eleitos já fazia parte da sua coleção começada há alguns anos. O galerista reconheceu que o mercado da arte, à data, 2015 estava recessivo situação que se fazia sentir desde 2010.

Face a esse panorama foram adotadas estratégias para ultrapassar esse período, designadamente os convites enviados em papel foram substituídos pelo formato digital; os catálogos deixaram de ser editados em todas as exposições individuais e, além disso, passamos a organizar exposições de 2 artistas forma de reduzir o investimento na produção. JEO também referiu a redução do espaço dedicado ao comentário crítico sobre as exposições e o mercado da arte. Trata-se de um testemunho do galerista relevante no presente estudo.

Outra referência a ter em conta diz respeito a um pequeno texto intitulado *Uma Galeria de Nicho: Galeria João Esteves de Oliveira* (Afonso e Fernandes, 2019: 328-330), onde se realça a posição do galerista que considerava que só teria sucesso *se conseguisse preencher um nicho de mercado que as galerias existentes não estivessem a ocupar*. Foi assim, precisamente em outubro de 2002, que a Galeria JEO dedicada em modo exclusivo às *obras de papel* preencheu, de forma inédita, essa lacuna vocacionada para um mercado de nicho. A predominância da comercialização de artistas consagrados, facilitada pelo facto de ser colecionador de longa data e de ter trabalhado na banca em Paris onde estabeleceu relações de amizade como por exemplo Jorge Martins (1940) ou Júlio Pomar (1926-2018). O texto também menciona as exposições de desenhos de arquitetos, como Álvaro Siza Vieira (1933), Eduardo Souto Moura (1952) entre outros, que será um tema apresentado neste trabalho. Os artistas modernistas também figuraram em algumas exposições individuais, nomeadamente Bernardo Marques e Emmérico Nunes (1888-1968). O facto de ocupar um nicho de mercado e de complementar o trabalho de outras galerias permitiu-lhe desenvolver excelentes relações com os seus pares. Galeria de nicho dedicada às obras modernas e contemporâneas, mas só, sobre papel, inclui também na sua programação o desenho de arquitetura. A boa relação com os seus pares permitiu-lhe que estes aceitassem que autores de grande nomeada expusessem obras no Chiado. Texto conciso, mas de elevada importância na caracterização da Galeria.

João Pinharanda frequentador assíduo da Galeria, autor de textos críticos de algumas exposições da Galeria e da primeira leitura sobre a coleção João Esteves de Oliveira *Moderno e Contemporâneo Uma Colecção no Século*, salienta que JEO seguia o mesmos critérios na seleção dos artistas como colecionador e como galerista e, muitas vezes cedeu as *melhores obras* a outros colecionadores e assim acrescentou trabalhos sobre papel à coleção dos mesmos.

(Pinharanda, 2019:8)

A imprensa, durante os dezasseis anos de atividade, destacou exposições, artistas, livros e o diretor foi entrevistado por diversas publicações sobre os mais diversos temas relacionados com o mercado da arte. Contudo, a maioria eram notas; textos de reduzida dimensão, mas portadores de algum comentário descritivo/crítico, com ou sem assinatura. Os textos de relevo serão destacados no respetivo contexto. Assim, fase a este estado de conhecimento sobre o nosso objetivo, o lugar da Galeria JEO na arte contemporânea portuguesa, nomeadamente o seu contributo para a divulgação, valorização e comercialização do trabalho sobre papel/desenho é apenas a abertura de uma fresta suscetível a outras luzes.

Considero esta abordagem um instrumento útil não só para o conhecimento da história das galerias portuguesas como também para elucidar as dinâmicas que animam o mercado de arte, nomeadamente do trabalho sobre papel e do desenho contemporâneo. Espero que os testemunhos obtidos através dos inquéritos e entrevistas possam trazer elementos objetivos para outros trabalhos de investigação e originar novos estudos mais aprofundados sobre este tema.

CAPÍTULO 1 - João Esteves de Oliveira: O homem e a galeria

1.1 João Esteves de Oliveira

JEO é um homem moderno e um homem contemporâneo, marcado pela coragem de construir, pela ousadia, pelo risco; mas também pela melancolia, pela dúvida, pela desmultiplicação das possibilidades. (Pinharanda, 2019:9)

João Borges Esteves de Oliveira (figura 1) nasceu no dia 30 de outubro de 1946 na cidade do Porto. Nasceu no seio de uma família tradicional nortenha, filho de Alexandre Serpa Esteves de Oliveira e de Alcina Borges da Fonseca Esteves de Oliveira. Da sua ascendência materna, provem de uma família brasileira de diplomatas e terá herdado o gosto pelas artes do seu tio Landulpho António Borges da Fonseca (1906-1986), colecionador que chegou a expor as suas pinturas no museu do Casino do Estoril em 1984.³ Entre os seus ascendentes também consta o poeta Alberto Serpa Esteves de Oliveira (1906 – 1992)⁴ irmão de seu pai. Para além de ter integrado o grupo da revista *Presença*, Alberto Serpa conviveu com importantes figuras da literatura e da pintura contemporânea e fez uma boa coleção de pintura e de livros⁵. O ambiente privilegiado em que João Esteves de Oliveira cresceu, uma ligação de parentesco com o corpo diplomático e com o mundo das artes e da literatura incutiu-lhe sensibilidade estética e literária relevante para as suas atividades de colecionador e galerista.

João Esteves de Oliveira licenciou-se em Economia e teve uma longa carreira na banca, trabalhou no Banco Português do Atlântico onde foi Diretor Comercial no Porto e Diretor geral na sucursal em Paris, onde viveu sete anos. Posteriormente, no BCP, foi Diretor responsável pelas áreas de clientes particulares, e de grandes empresas, institucionais e internacionais. Da sua estadia em Paris criou relações de amizade e de confiança, nomeadamente com Júlio Pomar e Jorge Martins, artistas que posteriormente desempenharam um papel relevante na programação da Galeria.

³ <http://museucasinoestoril.pt/ficha.aspx?ns=300000&nstarefa=306000&id=100> consulta em 11.2.23

⁴ <https://www.cm-matosinhos.pt/servicos-municipais/cultura/figuras-de-matosinhos/poi/alberto-serpa-1906-1992> consulta em 11.2.23

⁵ As informações obtidas sobre a ascendência do galerista foram fornecidas pela família, nomeadamente pela filha mais velha de João Esteves de Oliveira, Joana Esteves de Oliveira.

O gosto pela arte remonta à sua juventude, como partilhou no discuroso proferido no dia 24 de janeiro de 2020 na Livraria da Travessa a pretexto do lançamento do livro *Moderno e Contemporâneo: A Coleção João Esteves de Oliveira*, 2020 (Anexo B:103). Conta-se na sua família que após um terramoto noturno na cidade invicta, na manhã seguinte, sabendo do sucedido o colecionador exclamou: *e as porcelanas!* (anexo B:103).

Quando terminou o curso de Economia recebeu dos seus pais uma imagem de um menino Jesus Bom-Pastor, em marfim, indo-portuguesa do século XVII, porque, como refere o galerista para eles era óbvio que preteria essa obra ao invés de uma mota ou uma viagem aos E.U.A. Começou a comprar arte no início dos anos 70, designadamente com 25 anos adquiriu a primeira obra, um desenho de Jorge Pinheiro que reconhecia como um artista de grande nomeada e que teve uma exposição individual na Galeria em 2008 (anexo B:103).

Continuou a comprar arte até ao final da sua vida a ponto de ter uma *coleção cuidada, coerente e com uma dimensão que muito o satisfaz*. Para além de colecionar faiança portuguesa, porcelana da China, escultura gótica e renascentista, sobretudo religiosa e escultura religiosa indo-portuguesa aqui interessa-nos os trabalhos sobre papel (anexo B:103).

Devido à reestruturação do sistema financeiro em Portugal, João Esteves de Oliveira abandonou a banca e ficou numa situação de reforma antecipada e, foi assim que em outubro de 2002 abriu a sua galeria, denominada João Esteves de Oliveira Trabalhos sobre papel Arte Moderna e Contemporânea (figuras. 2 e 3), dedicada exclusivamente a obras sobre papel, independentemente das técnicas utilizadas nesse suporte o que na altura era novidade em Portugal.

João Esteves de Oliveira, amante das artes e das letras, colecionador, galerista e mecenas, dirigiu a sua galeria homónima durante quase 16 anos, o que atribui desde logo uma identidade uma lógica muito personalizada, como veremos posteriormente.

1.2 A galeria João Esteves de Oliveira, uma galeria de nicho⁶

A vocação e a missão da galeria

Pode muito bem acontecer que um homem faça num só dia um desenho à pena num pedaço de papel, ou grave qualquer coisa em madeira com um modesto estilete e que isso seja mais belo

⁶ Afonso, Luís Urbano e Alexandra Fernandes (2019), *Mercados da Arte*, Lisboa, Edições Sílabo, pp.328-330

e de maior apreço do que uma obra grande feita por outro, a trabalhar com afinho durante um ano inteiro. (apud Dürer in Oliveira, 2002)

No prefácio do primeiro catálogo editado pela Galeria, JEO definia claramente a vocação da mesma. Recorrendo às palavras de Dürer *um desenho à pena num pedaço de papel* pode ser *mais belo e maior apreço* do que outra obra de maiores dimensões e feita durante um longo período de trabalho. A vocação da Galeria era o suporte papel independentemente dos materiais utilizados sobre o mesmo. Desde os mais comuns, o óleo, acrílico e o grafite, aos mais exóticos como o café, vinho e azeite, utilizados por Pedro Cabrita Reis (1946) nos trabalhos da série *D'après nature, (possibly...)* ou até medicamentos nos desenhos de Rui Chafes (1966) que figuraram na exposição *Inferno (A minha fraqueza é muito forte)*, em 2011 na Galeria.

A missão da Galeria era promover os trabalhos sobre papel, modernos e contemporâneos. Os trabalhos da primeira metade do século XIX eram adquiridos maioritariamente em casas leiloeiras e os contemporâneos nos ateliers dos artistas. O mercado primário foi preponderante, foram realizadas apenas quatro exposições de artistas modernistas.

A localização e o espaço

Localizada na rua Ivens, 38, no Chiado, em Lisboa, com uma arquitetura marcadamente contemporânea que integrava elementos da construção oitocentista original o local teve a intervenção da arquiteta Sofia Oliveira Costa⁷. A porta grande de vidro, funcionava como montra. Ambiente intimista, o chão era de mármore cinzento e as paredes brancas. A iluminação era feita através da luz natural e de projetores de luz halogéneo. Espaço depurado, com abertura para o exterior, designadamente para o Grémio Literário⁸, edifício romântico fundado no século XIX, tinha uma atividade artística e literária e, ia ao encontro do gosto modernista do fundador. Situada no caminho para a Escola de Belas Artes esse espaço era visitado diariamente por jovens estudantes ou professores que por vezes acompanhavam os seus alunos numa visita orientada às exposições decorrentes.

Durante os primeiros anos, a Galeria limitava-se a um piso com cerca de 60 metros quadrados e o espaço do diretor situava-se no mezanino. A área expositiva era pequena e o acervo estava inserido numa estante de carvalho cujos visitantes/colecionadores tinham a

⁷ <https://www.addmore.pt/> consulta em 1.7.22

⁸ <https://www.gremioliterario.pt/historia.php> consulta em 14.2.22

possibilidade de manusear e ver as obras que lhe despertavam mais interesse, como se de uma biblioteca se tratasse (figura 3). Com o aumento gradual das vendas e com a necessidade de aumentar a exposição/reserva das obras e, também por oportunidade de os arrendatários do primeiro andar abandonarem o local, a Galeria estendeu-se, abriu uma pequena porta no mezanino que, surpreendentemente, dava acesso ao segundo piso. Foi uma alteração significativa, passou a ter mais três salas de exposição e outra para guardar o acervo (figuras 4 e 5).

Inauguração

Comecei a colaborar com o João Esteves de Oliveira no verão de 2002. O futuro espaço da Galeria, situado na rua Ivens, 38 ainda estava em obras e durante esse período estivemos instalados, provisoriamente, num armazém próximo, na rua Vítor Cordon, a preparar a abertura da mesma. O projeto era pioneiro e segundo o galerista foi amadurecido ao longo de um ano e meio a reunir um acervo suscetível de responder às exigências do mercado (Pomar, 2002). O designer convidado foi Henrique Cayate (1957)⁹ responsável pela imagem da Galeria, pelo logotipo (figura 6) e o layout do primeiro catálogo que seria o modelo de todos os outros, editados pela Galeria (Figura 7).

No dia 30 de outubro de 2002 as portas abriram ao público e a Galeria estreava-se com um elenco de luxo para o mercado nacional de então, nomeadamente Pierre Bonnard (1867-1947), André Derain (1880-1954), Othon Friesz (1879-1949), Jean Cocteau (1889-1963), Sónia Delaunay (1885-1979), Almada (1893-1970), Eloy (1900-1951), Júlio Pomar (1926-2018), Paula Rego (1935-2022), Pedro Cabrita Reis (1956) entre muitos outros.

A Loja de Desenho

Tanto quanto pude apurar, apenas a efémera *Loja de Desenho* teve um papel e um posicionamento semelhante ao da Galeria JEO. Se é verdade que nos últimos anos surgiram algumas teses de caráter monográfico sobre o mercado da arte português, ainda há muito para fazer. Com efeito, constatei a inexistência de qualquer estudo sobre a *Loja de Desenho*, excetuando uma breve referência a esta galeria como uma das que não resistiram à recessão da década de noventa (Ramires, 2018:49). As informações que partilho nesta dissertação devo a

⁹ <https://www.saraivaeassociados.com/pt-pt/pessoas/> consulta em 5.4.22

um dos seus fundadores, Dr. Paulo Henriques¹⁰, a quem solicitei informações e que gentilmente aceitou responder ao meu email (anexo C:97-99). A *Loja de Desenho* foi uma galeria pioneira na promoção e comercialização do desenho contemporâneo. O projeto inovador deve-se a João Castel-Branco Pereira¹¹ e a Paulo Henriques, fundadores e sócios dessa galeria cuja atividade se limitou apenas a três anos entre 1987 e 1990, devido, segundo os próprios, à concentração de atividades dos mesmos.

Parafraseando Paulo Henriques, estes galeristas visavam mostrar o desenho como um processo mental e autónomo e não como trabalho sobre papel. Contudo, o papel, enquanto o suporte mais comum do desenho, foi também exposto nas respetivas exposições (figura 8). Entre as vinte e uma mostras individuais realizadas, destaco os artistas que também colaboraram com a Galeria, designadamente António Sena, Joaquim Bravo, Pedro Chorão, Gaetan, Ana Jotta, Miguel Branco, Rui Sanches, Rosa Almeida e Rosa Carvalho. Podemos considerar semelhanças entre estas duas galerias desfasadas no tempo, mas também registamos divergências importantes entre as mesmas. A primeira procurou promover o desenho como processo mental considerando o trabalho sobre papel apenas como o suporte mais comum do mesmo. A Galeria JEO dedicava-se exclusivamente às obras sobre papel, modernas e contemporâneas, incidindo igualmente no desenho. Acresce ainda que, segundo Paulo Henriques, apesar de *estar muito em moda naquele período, nunca se considerou a hipótese de desenhos modernistas de autores portugueses* (anexo B:104).

Enquadramento

No início do séc. XXI quando a Galeria abriu as suas portas no Chiado as condições eram favoráveis ao meio artístico em Portugal. Os autores que se debruçaram sobre esse período são unânimes. Para Alexandre Melo a primeira década começou *da forma mais auspiciosa. Toda uma geração, fruto de uma educação universitária consequente e coesa está finalmente a emergir*.¹² O autor destaca as alterações no ensino registadas nesse período e que contribuíram

¹⁰ Natural do Rio de Janeiro, 1957. Mestre em História de Arte, diretor do Museu de José Malhoa (1992-1998), do Museu Nacional do Azulejo (1998-2007), do Museu Nacional de Arte Antiga (2007-2010) e do Museu Nacional de Arte Contemporânea (2012-2013).

<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/entities/15501/> consulta em 16.5.22

¹¹ Natural de Faro, 1947. Licenciado em História pela Universidade de Lisboa em 1973, realizou o curso de Conservador de Museu no Instituto Português do Património Cultural (IPPC) em 1980. Foi diretor do Museu dos Coches (1976 – 1987), diretor do Museu Nacional do Azulejo (1987 – 1998) e diretor do Museu Calouste Gulbenkian (1998 – 2014).

<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/entities/2614/> consulta em 4.1.23

¹² <http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/1o-decada.html#.YulSHXbMLIU> consulta em 17.6.22

para melhorar a educação da arte no nosso país. Por um lado, o ensino artístico de modelo europeu e norte americano do Ar.Co, por outro o surgimento de uma nova geração de professores na FBAUL, designadamente Delfim Sardo e Ângela Ferreira. Acresce ainda, a criação de uma nova escola de arte, a Maumaus, sob a direção de *Jürgen Bock*. Surgia assim, uma nova geração de artistas que emergiu deste contexto, que beneficiava de uma maior disponibilidade de circulação que lhes abriu o acesso a escolas e instituições estrangeiras.¹³

Maria Luísa Santana Ramires refere o ressurgimento do meio galerístico de Lisboa acompanhado pelo aparecimento de uma nova geração de artistas, comissários e críticos que, tal como menciona o autor anterior, foram fruto de uma formação académica universitária coesa e fundamentada (Ramires, 2018:57-66). Nos primeiros anos da década de 2000, segundo Pedro Simões, o nosso mercado de arte evolui de forma positiva e, durante esse período, a rede de galerias foi-se renovando (Simões, 2016:69). A capital retoma a liderança em relação à cidade do Porto com a vinda de algumas sucursais de galerias com bastante destaque, nomeadamente a Presença, a Quadrado Azul, a Graça Brandão e a Fernando Santos.¹⁴ Nesse período inauguraram duas das galerias mais relevantes para o panorama galerístico nacional: Cristina Guerra e Filomena Soares.¹⁵ *Cristina Guerra Contemporary Art* surgiu um ano antes da fundação da Galeria em 2001 e o seu foco principal é a arte contemporânea conceptual (Ramires, 2019:59). Aposta na internalização da arte portuguesa, representa artistas estrangeiros e portugueses, e participa em diversas feiras internacionais.¹⁶ As relações entre as duas galerias eram excelentes. Os artistas José Loureiro e Julião Sarmento representados pela primeira tiveram mais de uma exposição individual no Chiado. Graça Pereira Coutinho também fazia parte desse núcleo de artistas no ano de 2004, quando apresentou as *suas Memórias* na Galeria. Por sua vez, a galeria *Filomena Soares* foi criada em 1999, em Lisboa. A sua vocação é a dinamização da arte contemporânea visando um diálogo entre artistas, curadores e instituições ativas no panorama nacional e internacional.¹⁷ Assim, também está presente em feiras internacionais e, representa um dos artistas mais conceituados da arte contemporânea portuguesa, Rui Chafes personalidade de quem a Galeria teve o privilégio de apresentar os seus desenhos em 2011, obras que normalmente recusa vender (anexo C:160).

A *Graça Brandão* é outra das galerias relevantes da época. Surgiu em 2002 na cidade do Porto, mas em 2006 transferia-se para Lisboa, para o Bairro Alto onde permanece até hoje. É

¹³ Ibidem

¹⁴ Ibidem

¹⁵ Ibidem

¹⁶ <https://www.cristinaguerra.com/consulta> em 2.9.22

¹⁷ <https://www.gfilomenasoares.com/sobre-nos/> consulta em 2.9.22

também nesse ano que a galeria Quadrado Azul, fundada no Porto em 1986, inaugura instalações em Lisboa¹⁸. Ambas se destacam pela divulgação de arte contemporânea em diversas áreas, pintura, escultura, instalação, vídeo e fotografia. No ano seguinte surge a galeria das Salgadeiras, em Lisboa, com a direção artística de Ana Matos. A galeria tem apresentado trabalhos diferentes expressões e géneros artísticos associados à literatura e à poesia.¹⁹ Miguel Nabinho, no ano 2000, começou um projeto pioneiro em Portugal – organizava exposições em espaços selecionados pelos próprios artistas. Em 2003 abriu uma galeria em Campo de Ourique e entre os artistas que representa conta – se Ana Jotta²⁰ que manteve uma relação constante com a Galeria. De acordo com o respetivo website, Vera Cortês²¹ criou uma agência, *Vera Cortês Art Agency*, dedicada a projetos de artistas emergentes (2003-2006) e, a partir daí decidiu estender o seu programa que se mantém até a atualidade e adquiriu um estatuto galerístico incontornável. *Sombras* foi o título da exposição de João Queiroz na Galeria, em 2014, à data incluído nos artistas associados a essa galeria. A galeria *3+1 Arte Contemporânea* abriu em 2007 e visa promover a obra de artistas emergentes portugueses e de artistas internacionais, com propostas arrojadas que ilustram a diversidade da prática artística contemporânea.²² Nesse ano surgiu em Campo de Ourique outro projeto, a galeria *Caroline Pagés*, que apresentava exposições de artistas de renome franceses, portugueses e africanos (Ramires, 2018:64) e também abriu a *Appleton Square*²³, e o Centro de Exposições do Centro Cultural de Belém que alberga a Coleção Berardo, disponibilizando assim ao público uma das coleções de arte moderna e contemporânea mais importantes do país (Simões, 2016:70). A *Baginsky*, situada no Príncipe Real, começou por se dedicar à fotografia e, posteriormente estendeu-se a outros estilos artísticos contemporâneos e mudou-se para a zona industrial de Marvila até 2018, ano do seu encerramento. Cecília Costa estava inserida no núcleo de artistas desta galeria²⁴ e continua a ser representada na cidade do Porto, pela galeria Pedro Oliveira.²⁵ Os seus desenhos estiveram expostos no Chiado em parceria com as obras de Domingos Rego, *Traço Contínuo*, em 2015. Marco Pires²⁶ também é representado nesse espaço do Porto e realizou duas exposições individuais na Galeria JEO, *Obras sobre papel* em 2009 e *Ouvido no Deserto* em 2017. Assim como a *Grande Escolha* da autoria de António Costa Pinheiro que só se realizou

¹⁸ <https://www.quadradoazul.pt/pt/qa/about/> consulta em 19.8.22

¹⁹ <https://salgadeiras.com/galeria/> consulta em 2.9.22

²⁰ <https://www.miguelnabinho.com/pt> consulta em 18.7.22

²¹ <https://www.veracortes.com/info/> consulta em 18.7.22

²² <https://3m1arte.com/galeria/> consulta em 2.9.22

²³ <https://appleton.pt/?lang=pt-pt> consulta em 18.7.23

²⁴ <https://www.meer.com/pt/23742-cecilia-costa-longing> consulta em 18.8.22

²⁵ <http://www.galeriapedrooliveira.com/artists.htm> consulta 2.9.22

²⁶ Ibidem

no Chiado pelo acordo com outro galerista do Norte, Fernando Santos²⁷. A *Galeria Belo Galsterer* distingue-se pelas suas relações fortes com o centro da Europa, sobretudo com a Alemanha²⁸. Francisco Fino iniciou a sua atividade em 2012, representa artistas de várias nacionalidades e expõe fotografia, performance e pintura²⁹. Entre esses destaco Vasco Araújo que mostrou os seus desenhos da série *Partir a Loiça* no período final da Galeria. A *Madragoa* apareceu em 2016 no bairro homónimo com a intenção de internacionalização da arte portuguesa (Ramires, 2019:70). No ano seguinte inaugurou a *Balcony*, focada nos jovens artistas portugueses e internacionais (Ramires, 2019:72) e a *Uma Lulik*, que pretende promover os artistas oriundos de economias emergentes da África, América do Sul, Médio Oriente ou Sul da Ásia.³⁰

Muitas, outras e diferentes galerias³¹ abriram e fecharam portas recentemente, na cidade de Lisboa. Percorrendo essa lista, constatei que durante a sua atividade e até à data nenhuma teve a vocação do papel, a missão do desenho, nenhuma ocupou esse lugar na arte contemporânea portuguesa. Assim, a Galeria ocupava não só um nicho de mercado como também completava o trabalho de outras galerias, o que lhe permitiu manter excelentes relações com os seus pares, até porque dependia da liberdade que esses davam aos artistas (Afonso, Fernandes, 2019: 329).

Evolução económica da Galeria

A Galeria acompanhou a situação económica do nosso país durante o seu período de atividade. Os primeiros anos da década de 2000 caracterizam-se por um ritmo crescente que se manteve até ao ano 2009 (Simões, 2016:69,70). A partir de 2003, precisamente o primeiro ano de atividade da Galeria, *o mercado cresceu cerca de 28% por ano, tendo atingido o valor máximo em 2007, sendo que a arte contemporânea se manteve como a principal categoria do mercado da arte por valor em todas as principais casas leiloeiras (idem)* (Simões, 2016:56). Foi precisamente em 2007 que a Galeria aumentou o seu espaço para mais do dobro que ocupava desde o início da sua atividade. Mas no ano seguinte, 2008, a crise financeira decorrente da falência do Lehman Brothers alterou o contexto mundial, e o português em particular. Segundo

²⁷ <https://galeriafernandosantos.com/?s=ant%C3%B3nio+costa+pinheiro> consulta em 2.9.22

²⁸ <https://www.belogalsterer.com/quem-somos> consulta em 2.9.22

²⁹ <https://www.franciscofino.com/pt/about/> consulta em 2.9.22

³⁰ <https://umalulikgallery.com/galeria/> consulta 2.6.22

³¹ No ano 2017 surgiram dez novas galerias: *The Switch*, *Wozen Studio*, *GalleryÓ!*, *GaleriaShiki MikiHawaii-Lisbon*, *Foco LisboaGaleria*, *Maisterravalbuena*, *Monitor* e *The Room*. No ano seguinte apareceram mais novos projetos nomeadamente: a *Jeanne Bucher Jaeger*, a *Galeria Ibirapi*, a *Galeria Ainori* e a *Galeria Primner* (Ramires, 2019:69).

o galerista, registou-se uma acentuada redução do volume de faturação e uma diminuição da procura de arte em Portugal (Simões, 2015/II:190). Como refere Pedro Simões, tal como sucedeu no resto do mundo, também o mercado da arte nacional se ressentiu, e tanto as galerias de arte contemporânea como as casas leiloeiras portuguesas registaram uma queda abrupta nas transações deste tipo de arte a partir do final de 2008 (Simões, 2016:17).

A partir de 2010 o galerista teve de criar estratégias face à recessão económica que se fazia sentir. Até essa data todas as exposições individuais eram acompanhadas por catálogos e, entre 2005 e 2008, a sua produção contava com o patrocínio do banco Barclays (figura 9). Com a crise financeira reduzimos o número da edição dos mesmos, passaram a ser pontualmente editados e, foram substituídos por desdobráveis³² (figura 10). Com o intuito de reduzir o investimento na produção das exposições, o programa galerístico também sofreu alterações, a Galeria passou a organizar exposições de grupo, Group Shows e duetos³³ (figura 11). Os convites digitais substituíram os de papel, à exceção do *mailing vip* aquele que incluía colecionadores, clientes relevantes, clientes institucionais e imprensa que recebia os catálogos da Galeria (Simões, 2015/II:195). JEO reconhecia que os tempos eram diferentes referindo que houve tempos em que as obras eram vendidas antes da inauguração da exposição, os clientes recebiam o catálogo em casa e começavam a reservar os trabalhos sobre papel (Simões, 2015/II:189). Em suma, os primeiros anos da Galeria ficaram marcados por um período de euforia e de crescimento que foi sucedido por uma difícil recessão.

Missão cultural

Mas a Galeria não era somente um lugar onde se vendiam obras de arte e onde se praticavam as regras básicas de mercado. Era responsável pela sua exibição, promoção e divulgação das mesmas. Promovia os artistas e validava os seus trabalhos sobre papel. Elevava os percursos dos autores dessas obras e a cotação comercial das mesmas. A Galeria, para além da sua vocação comercial, tinha uma dimensão cultural. Os catálogos e os livros editados pela mesma conferiram-lhe essa particularidade e símbolo de qualidade desse lugar. Os catálogos são guardiões da memória efémera das exposições, perpetuam essas experiências fogazes e, engrandecem as obras expostas e, em última análise, os artistas. Desenhados minuciosamente

³² Como podemos constatar na figura 11 a Galeria editou 28 catálogos entre 2002 e 2008 e, desde 2019 até ao seu encerramento foram publicados apenas 16.

³³ O primeiro group show na Galeria realizou-se só em 2010 e, passados três anos organizamos pela primeira vez, exposições com dois artistas, duetos.

pela mão de Henrique Cayatte, eram prefaciados pelo galerista, incluíam um texto crítico e ilustravam as obras expostas. De tamanho A5, facilitando o envio destes por correio, tinham uma capa branca com o título da exposição a negro e o nome/nomes dos autores a cor de vinho. Inclusivamente demonstravam também o gosto despojado e sóbrio do galerista amante de trabalho sobre papel. Foram o motor de arranque deste projeto e tornaram-se imagem de prestígio e qualidade da Galeria. Imagem cultural, sem dúvida. Esses pequenos catálogos promoveram os trabalhos sobre papel, os desenhos, os artistas e os críticos que se debruçaram sobre os mesmos. Foram muitos os críticos, personalidades reconhecidas no mundo literário da arte portuguesa que participaram nesses catálogos: curadores, historiadores, jornalistas, ensaístas entre muitos outros. Relembramos aqui alguns. Marina Bairrão Ruivo (1962) atual Directora/Curadora Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva, cuja dissertação de mestrado teve por tema a obra de Bernardo Marques (1898- 1962), escreveu o texto para a exposição *Bernardo Marques de Museu*³⁴. Leonor Nazaré³⁵ assessora e curadora no Museu Calouste Gulbenkian, Coleção Moderna, desde 1999, foi autora de três textos para as exposições de Graça Pereira Coutinho (1949), Manuel Botelho (1950) e Domingos Rego (1965). Maria João Mayer Branco, Professora Auxiliar do Departamento de Filosofia da NOVA FCSH,³⁶ redigiu um texto para as exposições de Jorge Nesbitt (1972), Rui Sanches (1954) e de Julião Sarmento. Manuel Castro Caldas (1954), diretor do Ar.Co³⁷ foi o responsável pela crítica às exposições individuais de dois professores da escola que dirige, Jorge Nesbitt e Manuel Caldeira. João Pinharanda³⁸ ou Paulo Pires do Vale³⁹ nomes incontornáveis da crítica, da curadoria e da historiografia da arte contemporânea portuguesa também colaboraram com a Galeria.

Para um colecionador ou um comprador ocasional o fato de uma obra estar catalogada é, sem dúvida, um elemento persuasor, funciona não só como garantia da autenticidade da mesma, como também lhe concede um suplemento de valor curricular o que pode ser determinante na condição decisiva para a concretização de uma transação (Melo, 1999:96). Por isso, na planificação das atividades da Galeria, incluía-se o agendamento do seu envio. Os colecionadores recebiam-no na semana antecedente à abertura oficial da exposição com o intuito de poderem ver as obras antes de todos os outros e reservá-las ou adquiri-las nessa espécie de *private view*. Para a carreira de um artista o catálogo também é prestigiante porque

³⁴ <http://fasvs.pt/fundacao/equipa> consulta em 6.5.22

³⁵ <https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/entities/10473/> consulta em 2.9.22

³⁶ <https://ifilnova.pt/pessoas/maria-joao-mayer-branco/> consulta em 2.9.22

³⁷ <https://arco.pt/site/pt/quem-somos/a-instituicao> 2.9.22

³⁸ <https://maat.pt/pt/equipa> consulta em 2.9.22

³⁹ Paulo Pires do Vale é Comissário do Plano Nacional das Artes.

<https://www.dge.mec.pt/noticias/plano-nacional-das-artes-apresentacao-publica> consulta em 2.9.22

é um dos elementos de reconhecimento da sua obra e constitui um precioso instrumento de documentação e divulgação da mesma (Melo, 1999:96).

A Galeria foi palco de lançamento do *Catalogue Raisonné das Edições Numeradas de Julião Sarmiento* (figura 12) e do *catalogue raisonné* de uma série, *Women, Houses, Plants*, do mesmo autor⁴⁰, editado pela Galeria em parceria com as Edições Almedina (figura13). A Galeria também foi responsável pela edição do livro *The World is Round* de Gertrude Stein tradução inédita portuguesa por Luísa Costa Gomes e ilustrado pelo artista Jorge Nesbitt (figura 14). Em parceria com o Centro Português de Serigrafia ainda publicou uma caixa de artista com 6 serigrafias de Nesbitt e o livro numa edição especial de 50 exemplares.

História das exposições: programa e as escolhas

Sobre a história das exposições da Galeria, importa desde já referir que consultei o recente projeto História das Exposições de Arte da Gulbenkian⁴¹ e reconheço com as devidas distâncias, quer pela instituição quer pelo trabalho desenvolvido, que constitui uma referência fundamental deste trabalho. A história expositiva da Galeria desenvolveu-se entre outubro de 2002 e maio de 2019. Esta abordagem limita-se a inventariar as exposições, a sistematizar a informação relativa às mesmas. Os dezasseis anos de atividade da Galeria são um testemunho do seu papel na promoção dos artistas, dos críticos, curadores ou historiadores e, o mais relevante neste contexto, do mercado do trabalho sobre papel nesse período. Acreditamos que esta catalogação de informação é um ponto de partida para futuras leituras sobre esta temática. As exposições são fontes para a história das galerias de arte portuguesas que permitem analisar as tendências artísticas contemporâneas. A Galeria foi um projeto com princípio, meio e fim, existindo ininterruptamente de outubro de 2002 a maio de 2019, com a apresentação contínua de exposições.

Durante o seu período de atividade a Galeria mostrou 102 exposições, 69 individuais, 21 acervo/coletivas, 6 duetos, 5 group show (figuras 11 e 15) e a derradeira, sem fins lucrativos, como sugere o próprio título, *Not For Sale*, que reuniu algumas obras da coleção do galerista. A programação anual, predominantemente contemporânea, incluía cerca de 5 exposições com a duração de 30 a 45 dias. A Galeria organizou apenas 4 mostras individuais de artistas modernistas, três de autores portugueses Bernardo Marques (1898-1962), Emmerico Hartwich

⁴⁰ “*Julião Sarmiento : catalogue raisonné : numbered editions 1972-2006*” Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 2006 e Julião Sarmiento. *Women, Houses, Plants* (2008-2011), Almedina, 2012

⁴¹ <https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/apresentacao/> consulta em 20.7.22

Nunes (1888-1968) e Mily Possoz (1888-1968) e, uma de André Derain (1880-1954). Contudo, as obras da primeira metade do séc. XX eram destacadas nas exposições de acervo, quem entrava na Galeria, sobretudo nos primeiros anos da sua atividade, reconhecia o *espaço modernista* na parede lateral esquerda da mesma. Desde a inauguração da Galeria que JEO expunha obras modernistas de autores portugueses e estrangeiros de grande nomeada. Designadamente Almada Negreiros (1893-1970) e Mário Eloy (1900 - 1951), António Carneiro (1872 - 1930), António Soares (1894 - 1978), Jorge Barradas (1894 - 1971) e Bernardo Marques (1898-1962) Pierre Bonnard (1867-1947), Jean Cocteau (1889-1963), André Derain (1880-1954) e Sonia Delaunay (1885- 1979) entre outros. Estes trabalhos sobre papel acrescentavam credibilidade e prestígio ao novo espaço, no Chiado.

Nos primeiros anos da Galeria, as exposições individuais contemporâneas incluíam obras dos artistas mais prestigiados, cotados e apreciados no mercado português. Para JEO eram aqueles que correspondiam aos mesmos critérios usados como colecionador: Júlio Pomar, Julião Sarmento, Cabrita Reis, Jorge Martins, Costa Pinheiro, Jorge Pinheiro, entre outros. O galerista também tinha a preocupação de incluir na programação da Galeria obras de jovens artistas, mas foi só no ano de 2006 que se realizou a primeira mostra individual de um artista emergente, nomeadamente Jorge Nesbitt.

De acordo com a programação da Galeria as exposições de acervo ocorriam nos primeiros meses de Verão, nomeadamente *Salon D'Été*, *Salon D'été 2007*, *Salon D'Été 2008*, *Salon D'été 2009* e no início de um novo ano, entre janeiro e fevereiro, aqui destaco o *Acervo de Novo*, *Regresso ao Acervo*, *Acervo de Novo II e Regresso ao Acervo*, e *Melhor do Acervo em 2013*. A partir de 2010 a Galeria passou a organizar exposições de acervo destacando um ou dois artistas: *Acervo em Setembro + Ângela Dias e Diogo Guerra Pinto* (figura 16); *Regresso ao Acervo e Rita Magalhães*; *Moderno e Contemporâneo + Eugénia Mussa + Almodena Lobera*; *Acervo + Jorge Queiroz*.

A Galeria participou exclusivamente em feiras de arte que ocorreram em Portugal, seis na Feira Arte Lisboa, três na APA, uma na Est Art Fair e duas no ARCOLisboa (figura 15). O galerista aceitava explicitamente a escala nacional como horizonte exclusivo ou prioritário da sua atividade. Reconheceu numa entrevista que a sua vida tinha sido na banca e não no comércio da arte e que *queria uma vida mais pacata* para a sua Galeria (Simões, 2016:191).

No ano 2004 a Galeria candidatou-se, após um ano de atividade, pela primeira vez à Feira Arte Lisboa. Não me estendendo sobre os critérios da Comissão de Seleção dessa feira e as razões invocadas que levaram à recusa da presença da Galeria na mesma, JEO perplexo com a resposta surpreendeu o *mundo da arte* com o *Salon D'un Refusé*, exposição inédita e singular

que ocorreu em simultâneo com a feira (figura 17). No ano de 2021 perguntei-lhe numa entrevista realizada em sua casa, se gostaria de partilhar algum episódio relevante que tivesse ocorrido na Galeria. JEO lembrou então, que uma das poucas experiências desagradáveis dos seus 16 anos de galerista foi precisamente a Galeria ter sido recusada na primeira candidatura à participação na Feira de Arte Lisboa, em 2004. Para o galerista foi um episódio grotesco que eclodiu numa *das exposições que mais gozo me deu e proveito a que chamei Salon D’au Refusée* (anexo B:110). A exposição reunia um conjunto de obras notáveis, aquelas que seriam expostas, na apresentação primária da Galeria numa feira de arte. Na inauguração tivemos a casa cheia, a imprensa comentou o sucedido e, os clientes tiveram oportunidade de escolher trabalhos sobre papel de Almada, Paula Rego, Cocteau, Di Cavalcanti, Leonor Fini, Matisse, entre muitos outros. A mostra teve ressonância na imprensa da época: *Atenção às iniciativas paralelas, que vêm confirmar, à revelia da FIL, o dinamismo do mercado de arte: o Salon d’un Refusé apresentado pela Galeria João Esteves de Oliveira*, relatava-se no semanário Expresso (Pomar, 2004). No ano seguinte fomos aceites na Feira de Arte Lisboa e participámos em todas as edições até 2010. Esta feira anual não se realizou em 2011 face à conjuntura económica do nosso país e nos dois anos seguintes participámos na feira organizada pela Associação Portuguesa de Antiquários, APA.⁴² Em 2014 a Galeria esteve presente na primeira e única edição da *Est Art Fair – International Contemporary Art Fair*, focada no desenho, que decorreu no Centro de Congressos do Estoril,⁴³ mas em 2015 regressámos à Cordoaria e, por fim participámos nas primeiras edições do *ARCO Lisboa*⁴⁴ em 2016 e 2017.

As exposições de desenhos de arquitetos também fizeram parte da programação da Galeria, mostramos trabalhos de Álvaro Siza Vieira (1933), Eduardo Souto Moura (1952), Manuel Aires de Mateus (1963) e Ricardo Bak Gordon (1967). A Galeria tinha relações pontuais e relações contínuas com os artistas. Foi uma galeria estável que trabalhou longos períodos de tempos com os mesmos artistas, como veremos no segundo capítulo. A continuidade mantinha-se na regularidade de exposições dos mesmos artistas.

Uma Galeria que vendia exclusivamente trabalhos sobre papel não podia estabelecer relações de exclusividade com os artistas pois estes, na sua maioria, trabalhavam também com outros materiais. Por um lado, em relação aos artistas que eram representados por outras galerias, o galerista dependia da estratégia das mesmas. Por outro, a ausência desse tipo de

⁴² <https://www.apa.pt/index.php/pt/> consulta em 4.8.22

⁴³ <https://artecapital.net/noticia-3814-inaugura-hoje-no-estoril-a-est-art-fair-feira-internacional-de-arte-contemporanea> consulta em 4.8.22

⁴⁴ <https://www.ifema.es/pt/arco/lisboa> consulta em 4.8.22

compromisso com esses permitiu-lhe maior liberdade de seleção e de exposição dos trabalhos dos mesmos. A produção das exposições, desde as molduras, ao convite, ao catálogo ou ao cocktail era da responsabilidade do galerista assim como a montagem das mesmas. JEO foi um galerista curador, no sentido em que concebia e organizava as suas exposições. Convidava os artistas do seu agrado e que correspondiam ao seu critério de qualidade. Também aceitou propostas de autores, aqueles que estavam ao nível dos outros. Deslocava-se aos ateliers dos artistas e selecionava, pacientemente, as obras. Feita a recolha, convidava um crítico conhecedor da obra do respetivo artista e redigia, com gosto, o prefácio para o catálogo. Cabrita conta-nos como o galerista passou no seu *atelier largas horas da vida dele ao longo das quatro exposições vinha ver-me trabalhar, vinha ver os meus arquivos, vinha comigo escolher trabalhos, e encantava-se a cada novo desenho que via e, às vezes diria eu, com um olhar maroto, atrevido e culpabilizado perguntava-me se podia levar este ou aquele ou aqueles desenhos ao que eu dir-lhe-ia, claramente que sim* (anexo C:154)

Foi assim que adquiriu prestígio e credibilidade, não só pelo seu profissionalismo acompanhado de um perfeccionismo como também porque detinha conhecimento aprofundado do segmento que operava, designadamente de trabalhos sobre papel. A clientela reconhecia capacidade para validar as obras exibidas na Galeria, tanto em termos artísticos como monetários.

CAPÍTULO 2. Os artistas da JEO

Durante quase duas décadas os artistas foram os agentes essenciais da Galeria JEO, mostraram os seus trabalhos sobre papel e contribuíram para a divulgação, valorização e crescimento económico da mesma. Uns desempenharam papéis principais e tiveram oportunidade de exhibir individualmente as suas obras, alguns mais do que uma vez. Outros exibiram os seus trabalhos em mostras coletivas. Contudo, todos, cada um à sua maneira, foram imprescindíveis porque foram selecionados de forma criteriosa pelo galerista para participarem na programação da Galeria. A obra destes correspondia ao seu gosto, seletivo e requintado, acostumado a eleger trabalhos para a sua coleção desde a juventude como já referi. Habitué de galerias, feiras, leilões e antiquários, JEO convidava os artistas, aqueles que criavam obras sedutores, como o próprio afirmava, suscetíveis de embelezarem a sua casa. Foi o gosto do galerista que imperou no seu espaço ao chiado. O critério da seleção dos artistas era, pois, o gosto do galerista. A maioria dos artistas eram conceituados no panorama das artes plásticas em Portugal e já faziam parte da coleção do galerista (Simões, 2016:189).

As visitas aos ateliers selecionados eram feitas com gosto, mas antecipadamente organizadas e planeadas. Fazia o trabalho de casa, consultava catálogos, lia os textos críticos e assinalava as suas preferências. Nem sempre essa seleção se definia num só dia, poderia demorar uma semana. Por vezes abria os “baús” dos artistas, selecionava e recolhia obras mais antigas menos expostas, mas que correspondiam mais ao seu agrado. A maioria das vezes regressava à Galeria contente e otimista com a próxima exposição, outras parecia-me um pouco desiludido, não porque o trabalho dos eleitos o tenha desiludido, mas, porque estes tinham resistido à sua escolha.

Excluí qualquer tentativa de elaborar monografias sobre cada um deles, pela inviabilidade de tratar simultaneamente um conjunto tão vasto de artistas. Para isso seria necessário mais tempo de investigação e resultaria num trabalho de características e ambições diferentes. Neste vasto leque de autores com faixas etárias e percursos divergentes optei por agrupá-los e categorizá-los de acordo com critérios plausíveis e diversificados. Estes artistas assinalados tiveram uma relação contínua com a Galeria, apresentavam frequentemente as suas obras nas mostras de acervo/coletivas, nos stands das feiras e a maioria teve exposições individuais no Chiado.

2.1. Os blue chips da JEO

Começo pelos quatro *blue chips* da JEO. Nos mercados financeiros este termo representa as ações das empresas mais bem cotadas na bolsa de valores. Adotado para os mercados de arte designa os artistas consagrados cujas obras asseguram bons retornos, como Andy Warhol (1928-1987) ou Pablo Picasso (1881-1973), à semelhança das ações de companhias como a Apple ou a Microsoft (Afonso e Fernandes, 2019:71). Neste trabalho designo como *blue chips* da JEO os artistas de grande nomeada, cotados e apreciados no mercado português e que tiveram mais exposições individuais na Galeria, designadamente: Júlio Pomar (1926-2018), Jorge Martins (1940), Julião Sarmiento (1948-2021) e Pedro Cabrita Reis (1956)⁴⁵.

A primeira exposição individual na Galeria foi de Jorge Martins, em 2003. Amigo do galerista desde os finais dos anos 70, dos seus tempos na banca na cidade de Paris. O artista relembra-o como um homem culto, afável e amante das artes. Assim, quando abriu a Galeria *estava como peixe na água a lidar com arte, artistas e colecionadores, sempre atento, conhecedor e irrepreensível* (anexo C:139). A exposição *Preto e Branco com Cor, Trabalhos dos Anos 70* (figuras 18 e 19) reuniu 50 obras dessa década, denominado período de ouro ou *anos-luz* (Oliveira, 2003). Deslumbrado pela luz dessas obras JEO partilhava connosco no prefácio desse catálogo o receio da Galeria não voltar a ser palco de obras dessa qualidade (Oliveira, 2003). A exposição foi divulgada na imprensa desde as revistas de moda da época,⁴⁶ aos jornais de referência como o *Jornal de Letras*⁴⁷, o *Público*⁴⁸ e o *Expresso*⁴⁹. Delfim Sardo também destacava os trabalhos expostos no Chiado na revista *Pangloss*. O desenho constitui, provavelmente, a zona mais significativa da produção deste artista e nestas obras há uma evidente reflexão sobre a luz (Sardo, 2003:28).

Foi precisamente nesse ano que o artista recebeu o *Prémio Consagração, Prémio Celpa / Vieira da Silva* Artes Plásticas, em reconhecimento do seu currículo caracterizado por um empenho no domínio do desenho e pela coerência da sua obra no campo da pintura, gravura e desenho (Oliveira, 2003). Jorge Martins deu-nos a oportunidade de ver os seus trabalhos,

⁴⁵ De acordo com estudo realizado com base na venda de obras de arte no mercado leiloeiro português, nomeadamente nas leiloeiras Cabral Moncada Leilões, Palácio do Correio Velho, Sala Branca e Veritas entre os anos 2005 e 2013 os quatro *blue chips* da JEO também se inserem nos 50 artistas plásticos que obtiveram o maior volume de vendas nesse período. Júlio Pomar ocupa o 1.º lugar, segue-se Jorge Martins em 16.º, Julião Sarmiento, 27.º e Pedro Cabrita Reis em 31.º lugar (Simões, 2015/II, 9).

⁴⁶ Revista ELLE (2003), abril, p.89 e a revista Máxima (2003), abril, p.22

⁴⁷ Sousa, Rocha de *Jorge Martins Preto e Branco com Cor*, *Jornal de Letras*, 16 de abril de 2003.

⁴⁸ Ribeiro, Raquel, *Galeria do papel expões individual de Jorge Martins*, 13 de março de 2003

⁴⁹ Jorge Martins in *Actual*, *Expresso*, 12 de abril de 2003.

individualmente, mais duas vezes. Na exposição *Pintura Recente e Desenho* (figuras 20 e 21), reunimos trabalhos recentes em acrílico e desenhos das décadas de 70 e 90. Mas, em 2013 o autor surpreendeu os apreciadores da sua obra com desenhos feitos a partir de fotografias de autores célebres como Man Ray (1890-1976), Ralph Gibson (1939), Cartier Bresson (1908-2004) entre muitos outros. (figuras 22 e 23). No texto do catálogo da exposição intitulada *A Pele das Nuvens* o autor reconhecia que desde há muitos anos que queria desenhar a partir de algumas fotografias que lhe tocavam muito e, assim farto de fazer os seus próprios desenhos, pôs-se *freneticamente a desenhar* entre dezembro de 2011 e janeiro de 2012 (Martins, 2013). Para José Sasportes, o crítico convidado para escrever sobre esta mostra, Jorge Martins interpreta a fotografia, contudo destaca a luz e a sombra, ou seja, *a mesma matéria intrínseca de toda a obra gráfica do pintor* (Sasporte, 2013) como é notória na imagem do convite da exposição (figura 22). *Quem Vê Caras* foi uma exposição que ocorreu em 2018, um *dueto* entre este e João Jacinto. Os desenhos a grafite do primeiro dialogavam com as pinturas do segundo (figura 24).

Júlio, Júlio Pomar, porque o Reis Pereira também teve obra exposta na Galeria, mas longe de ter um papel tão relevante como este artista de grande nomeada na história de arte portuguesa. Pomar também faz parte do núcleo de artistas/amigos que privaram com o galerista na cidade das luzes. Para este autor os desenhos não eram estudos preparatórios para pinturas, a maioria resultou de encomendas de autores e editores amigos que lhe pediam ilustrações para os seus livros (Oliveira, 2003). A ilustração literária é vasta na sua obra⁵⁰ e a Galeria foi palco de desenhos ilustrativos de duas grandes obras da literatura ocidental. No segundo ano da Galeria, concretamente na *rentrée* de 2003, inaugurámos *Outros Desenhos para Guerra e Paz*, de Pomar. Sabemos que o artista ilustrou essa obra entre 1955 e 57 e que esta foi publicada em fascículos mensais até final dessa década numa tradução de João Gaspar Simões. Mas Pomar tinha feito uma série de estudos preparatórios que nunca tinham sido expostos. Assim, nesse ano, João Lobo Antunes e Pomar decidiram fazer uma obra em conjunto, *Júlio Pomar Desenhos para a Guerra e Paz de Tolstoi* editada pela Arte Mágica Editores (figuras 25 e 26). Decorrente desta publicação, organizaram-se duas exposições em Lisboa com esses desenhos, ambas em outubro, uma, de cariz museológico, na Fundação Arpad Szénes-Vieira da Silva⁵¹ e a outra, com o intuito comercial, na Galeria do Chiado. Esses desenhos incógnitos, caracterizados por uma espontaneidade impressionante, foram apreciados pelos clientes e colecionadores. A

⁵⁰ A obra de ilustração de Júlio Pomar é vasta. Veja-se o *Bibliografia/Filmografia* in <https://fundacaojuliopomar.org/bibliografia-filmografia/> consulta em 10.10.22

⁵¹ <http://fasvs.pt/index/search> (consulta em 6.5.22)

mostra também foi um êxito junto da crítica. A imprensa partilhava as duas exposições. No jornal *Público*, destacava-se *O pincel japonês de Júlio Pomar*. Segundo o artigo, esses desenhos eram especiais porque o artista tinha utilizado pela primeira vez esses pincéis japoneses, embora inventados pelos chineses! As revistas como a *Casa Jardim*,⁵² a *Máxima*⁵³, e a *Magazine Artes*⁵⁴ referiam também este “acontecimento” na capital.

No ano seguinte a Fundação Júlio Pomar foi instituída pelo artista⁵⁵ que convidou, entre outros, o seu amigo galerista para integrar os Órgãos Sociais da mesma. Desde a sua instauração que JEO faz parte do Conselho de Fundadores⁵⁶ e era um dos Membros do Conselho de Curadores da Fundação Júlio Pomar.⁵⁷ O atelier – Museu Júlio Pomar só foi inaugurado em 2013, num edifício reabilitado pelo arquiteto Álvaro Siza.⁵⁸ Voltámos a apresentar trabalhos deste autor em 2005, mas desta vez, em parceria com Claude Michel Cluny (1930-2015), dois vultos da cultura europeia contemporânea segundo o galerista (Oliveira, 2005)⁵⁹. No dia da inauguração lançámos o livro *La mémoire du sel* de Claude Michel Cluny acompanhado da série de *Le sel de la mémoire* de Júlio Pomar (figuras 27 e 28). Edição de luxo numa tiragem de 150 exemplares, que integrava 7 serigrafias de Júlio Pomar com o título *Le Sel de la mémoire*. A interpretação de Pomar sobre a obra de Cervantes *Dom Quixote de La Mancha* também foi outra mostra relevante na história das exposições da Galeria (figuras 29 e 30). Os 64 trabalhos expostos estão reproduzidos no livro editado pelo semanário *Expresso* em 10 volumes semanais, o que também contribuiu para aliciar os colecionadores. No prefácio do catálogo, o galerista citava o artista: *criança ou adolescente, eu passava mais tempo a ler do que brincando com os rapazes da minha idade* (Oliveira, 2008). Evidenciando a relação livresca que este tinha com os livros.

Júlio Pomar deixou-nos uma obra vasta e diversificada no âmbito da pintura, gravura, escultura, cerâmica, tapeçaria e ilustração. Entre as numerosas obras que ilustrou⁶⁰ a Galeria

⁵² “Exposições” (2003) in *Casa Jardim* outubro, p.30

⁵³ “Palcos&Artes” (2003) in *Máxima*, dezembro, p. 68

⁵⁴ “Artes Plásticas” (2003) In *MagazineArtes*, novembro, p.38

⁵⁵ <https://fundacaojuliopomar.org/about/> consulta em 10.9.22

⁵⁶ https://fundacaojuliopomar.files.wordpress.com/2013/08/fjp_orgacc83os-sociais.pdf consulta em 10.9.22

⁵⁷ <https://fundacaojuliopomar.files.wordpress.com/2014/10/corpos-gerentes.pdf> consulta em 10.9.22

⁵⁸ <https://www.ateliermuseujuliopomar.pt/julio-pomar/> consulta em 10.9.22

⁵⁹ Romancista, ensaísta, crítico literário e de arte, diarista e, sobretudo, poeta de grande nomeada, Claude Michel Cluny, de 75 anos, foi Prémio Guillaume Appolinaire em 1985 e Grande Prémio de Poesia da Academia Francesa, pelo conjunto da sua obra, em 1989. Comunicado de imprensa

⁶⁰ Júlio Pomar também ilustrou obras de outros autores nomeadamente: Aquilino Ribeiro, Dante, Rabelais, Luís Borges, Fernando Pessoa entre outros. Veja -se <https://fundacaojuliopomar.org/julio-pomar/> consulta em 13.10.22

teve o privilégio de expor desenhos a tinta-da-china, de uma simplicidade equiparável a uma qualidade notável de grandes nomes da literatura europeia, Cervantes e Tolstoi.

Antes de apresentar o próximo *blue chip* da JEO, Pedro Cabrita Reis (1956) relembro que este juntamente com Pomar, foram os artistas de destaque da Galeria na segunda participação na feira ARCOLisboa, 2017. Esta escolha assinalava a longa colaboração da Galeria com os dois artistas, que já tinham exposto no Chiado três e quatro vezes, respetivamente, como referia a nota de imprensa. Além disso, o Atelier-Museu Júlio Pomar inaugurava justamente no fim de semana em que decorria a feira uma exposição intitulada *Júlio Pomar e Cabrita Reis: Das pequenas coisas*.⁶¹

Cabrita, Pedro Cabrita Reis (1956) foi autor de quatro exposições no Chiado. A primeira ocorreu em 2004. Recordo que JEO tinha adquirido um bloco com desenhos desse artista e, perguntou-lhe cerimoniosamente numa das muitas visitas inesperadas do mesmo à Galeria, se poderia desmanchá-lo e fazer uma exposição com os respetivos desenhos. Qual não foi a surpresa do mesmo quando Cabrita lhe disse que tinha muito gosto em expor os seus desenhos no Chiado. A exposição *Figos, Flores, Mulheres e Tudo o Mais* reunia algumas aquarelas recentes e 30 trabalhos dos anos 80 e 90. Foi a primeira mostra deste autor e foi muito apreciada na época. A exposição apresentava um conjunto de papéis de natureza vegetalista e lírica que traduziam uma profunda sensibilidade. Os trabalhos de pequenas dimensões eram engrandecidos pela intervenção do artista no próprio espaço da exposição. Foi a primeira vez e a única que as paredes dessa área nobre da Galeria foram coloridas, a verde, encenação do artista (figura 31). Cabrita é um dos artistas portugueses com maior reconhecimento internacional e, no ano antecedente a esta exposição, foi selecionado para representar Portugal na Bienal de Veneza⁶², uma das mais importantes exposições internacionais de arte.

A segunda mostra ocorreu só em 2012. Desta vez mostrávamos trabalhos de uma série *D'après nature, (possibly...)* acabada de sair do atelier (figuras 32 e 33). Desenhos de natureza rude segundo o galerista, pela natureza exótica dos materiais utilizados, azeite, asfalto, café e vinho e *pela atmosfera telúrica que deles emana* (Oliveira, 2012). Os trabalhos tinham todos a mesma dimensão e foram feitos pelo artista na sua casa no Algarve, Casa Queimada, em Tavira. O jornal *Público* destacava a exposição *Pedro Cabrita Reis no Chiado*, mostrava trabalhos

⁶¹ Essa exposição foi a terceira de uma série que promovia a diálogo frutífero entre Pomar com autores de gerações mais novas. <https://www.ateliermuseujuliopomar.pt/publicacoes/julio-pomar-e-cabrita-reis-se/> consulta em 11.10.22

⁶² <https://pedrocabritareis.com/biography/> consulta em 10.9.22

atmosféricos e aquáticos, uma espécie de "febre dourada" depois materializada em folhas de papel (Crespo:2012).

A exposição *Horas Quietas* reuniu 28 obras e, foi a única mostra deste autor que se estendeu pelas salas do segundo piso da Galeria (figura 34). Isabel Salema conta-nos que quando o galerista abordou o amigo sobre a possibilidade de fazer uma nova exposição na rua Ivens, Cabrita pôs uma condição que fossem nus (Salema, 2016). Foi a primeira vez que o artista apresentou esse tema, o que também deve ter contribuído para o sucesso da mesma: *sold out!* Cabrita usou um modelo nu, trabalhou com uma profissional que posava normalmente nas Belas Artes, fotografou a mesma e depois trabalhou sobre a imagem. Para Luísa Soares de Oliveira Cabrita optou por desenhar o nu feminino como uma forma geométrica, o que traduz o mesmo peso simbólico entre os mesmos (Oliveira, 2016). Pela ocasião foi lançado um livro-catálogo com o mesmo título da exposição e com a reprodução de todas as obras expostas (figura 35).

Em 2017 tivemos a derradeira exposição deste artista com trabalhos da série *Cântico Negro* (figura 36). A Galeria foi palco do lançamento de um livro de artista de Cabrita Reis, com suas múltiplas interpretações do poema *Cântico Negro* de José Régio (1901-1969) em pintura sobre papel. Cada caixa continha uma obra única, original em acetona e pigmentos, que se abre, desdobra e se transforma num painel de 200 x 126 cm. (figuras 37 e 38). O plano editorial e a direção gráfica são da responsabilidade de Cabrita Reis com Lucia Bertazzo e Leonel Kaz, de UQ! Editions⁶³, prestigiada editora brasileira, com notável curriculum na feitura de livros de artista, sempre com originais. Para o artista a *Galeria era um lugar especial, lugar de combate a despeito da atávica e elegância enquanto cavalheiro. Na verdade, a galeria dele era um lugar de combate pelo desenho, pelas boas relações entre a galeria e os artistas e o respeito pelo trabalho destes, digamos preparação e educação do público e estando ali tão perto das Belas Artes* (anexo C:155).

Em 2005 tivemos a primeira exposição de Julião Sarmiento (1948-2021) que mostrava algumas obras recentes e papéis de *primeira escolha* dos anos 80 e 90 (figuras 39 e 40). Sobre o título *Collector's Choice* o galerista justificava que não se tratava de uma exposição proveniente de um espólio de um colecionador, mas *antes, porque é composta por peças do nível das que procuram os mais exigentes* (Oliveira, 2005). Foi provavelmente a única exposição cuja montagem não foi entregue ao galerista. Filipa Oliveira responsável pelo texto crítico do catálogo, justifica a mesma. As obras foram expostas numa sequência da mais

⁶³ <https://www.uqeditions.com/pedro-cabrita-reis> consulta em 11.9.22

pequena para a maior, o alinhamento fazia-se não só através do olhar como também numa linguagem poética (Oliveira, 2005) .

Passados dois anos a Galeria estendia-se, inaugurava o novo espaço superior com a exposição de um conjunto de gravuras e lançava, no dia da inauguração, o *Catalogue Raisonné* das Edições Numeradas de Julião Sarmiento⁶⁴ (figuras 12 e 41,42).

Em 2008 voltámos a mostrar trabalhos sobre papel deste artista. A exposição *Women, Houses, Plants* mostrava uma série iniciada em 2008 que reunia composições de fotografias, desenhos a grafite e a acrílico (figuras 43,44,45 e 46). Os trabalhos representavam imagens de corpos femininos, plantas, casas e elementos arquitetónicos fazendo jus ao próprio título da mostra e do *Catalogue Raisonné* dessa série, lançado no mesmo dia da inauguração da mesma.

Júlio Pomar e Jorge Martins, amigos de Paris do galerista, desempenharam um papel notável na atividade da Galeria. Os desenhos de ilustração de grandes obras da literatura europeia contribuíram para a dimensão cultural e prestigiante que o JEO pretendia. Como já referimos, Jorge Martins foi um autor distinguido com o *Prémio de Desenho da III Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian* (1986) e *Prémio de Consagração CELPA / Vieira da Silva* (2003).⁶⁵ Cabrita⁶⁶ e Sarmiento⁶⁷ são, incontestavelmente, figuras incontornáveis do contexto artístico contemporâneo português. A obra destes artistas é reconhecida internacionalmente. Ambos representaram Portugal na Bienal de Veneza, expuseram individualmente em alguns dos melhores museus e galerias do mundo e participaram em importantes exposições internacionais, como na Documenta. O facto destes artistas exporem o seu trabalho na Galeria, melhor dizendo, terem tido várias exposições individuais, foi sem dúvida, relevante para o prestígio desse espaço no Chiado.

Em suma, Cabrita, Julião, Pomar e Jorge Martins, autores determinantes na história da arte portuguesa, dois deles visíveis no mercado internacional, mostraram desenho, gravura enfim trabalhos sobre papel, nessa *pequena* galeria, discreta e *silenciosa* no Chiado. Todos faziam também parte do núcleo de amigos do galerista. Eram convidados para as “famosas” feijoadas na sua casa no Paço da Rainha no início do verão. Com o primeiro, o Cabrita, como lhe chamava, o galerista privava frequentemente entre almoços semanais, um copo ao final da tarde e umas férias passadas em casa do artista, em Tavira. A Teresa e o Júlio Pomar apareciam nas inaugurações e também eram convidados para os jantares pontuais após as inaugurações, como

⁶⁴ O catálogo foi editado pelo MEIAC, Museu Extremeño e Ibericoamericano de Arte Contemporâneo. A compilação das obras foi da responsabilidade de Delfim Sardo e Maria Jesus Ávila.

⁶⁵ <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/116/artists> consulta em 13.9.22

⁶⁶ <https://pedrocabritareis.com/> consulta em 10.9.22

⁶⁷ <https://www.juliosarmiento.com/> consulta em 2.6.22

aconteceu na primeira exposição do Cabrita, Julião Sarmento e Siza Vieira. Jorge Martins tal como Pomar já eram amigos desde os anos 70 da cidade de Paris, como refere o artista no inquérito. Julião convidava o João para as suas festas de anos e, escreveu um dia *O João é um homem bom. E também um homem escrupulosamente honesto. Também é um homem que teve um sonho* (anexo B:117). Em suma os quatro *blue chips da JEO* foram essenciais para a posição da Galeria no mercado da arte contemporâneo contribuíram, mormente nos primeiros anos da sua atividade para a sua imagem de qualidade e prestígio.

2.2. Os herdeiros do Ar.Co da JEO

À Maneira do Ar.Co, sim, porque que o Ar.Co tem a sua idiossincrasia bem vincada e são seus ex-alunos que expõem. A Ângela, a Josefina, o Manuel Diogo e o Vasco, emergentes enquanto artistas, são já veteranos das exposições de bolseiros e finalistas organizadas anualmente pelo Ar.Co. Por razões óbvias sigo atentamente essas jornadas em que o Ar.Co se promove trazendo para a ribalta a obra dos seus alunos e foi aí que me deixei seduzir pelo trabalho dos quatro que elegi. Na exposição que agora se inaugura são mostrados desenhos representativos do que de melhor produz cada um deles. (JEO, 2012)⁶⁸

Designo por *herdeiros do Ar.Co* ⁶⁹ os artistas da Galeria que maioritariamente nasceram nos anos 70 e cuja formação académica foi realizada nesse Centro de Arte e Comunicação Visual. Não pretendo definir *a sua idiossincrasia bem vincada* ou de que forma é que esta contribuiu para arte contemporânea portuguesa. O meu objetivo é demonstrar que estes jovens artistas desempenharam um papel relevante na atividade da Galeria proporcionando *sangue novo* à programação da mesma.

O galerista seguia atentamente essas jornadas em que o Ar.Co se promove trazendo para a ribalta a obra dos seus alunos e deixou - se seduzir não só por estes artistas emergentes mas por muitos outros provenientes dessa escola (figura 47). Se percorrermos os primeiros anos da história das exposições da Galeria verificamos que precisamente até 2006, a faixa etária dos artistas contemporâneos que mostravam a sua obra era entre Júlio Pomar (1926-2018) e Sofia Areal (1960). Por um lado, a Galeria iniciou a sua atividade exibindo artistas com um percurso

⁶⁸ Ângela Dias, Josefina Ribeiro, Manuel Diogo Vasco Futscher, *À MANEIRA DO AR.CO*, 2012

⁶⁹ O Ar.Co foi criado em 1973 como uma escola de arte independente que se dedica à experimentação, à formação e à divulgação das artes, artesanias e disciplinas de comunicação visual. O seu projeto pedagógico define-se pelo seu caráter experimental e as suas disciplinas são Desenho, Pintura, Fotografia; Joalharia; Cerâmica; Ilustração/Banda Desenhada; Cinema/ Imagem em movimento; História e Teoria da Arte; Projectos Individuais e multi-disciplinares. O Ar.Co é uma associação cultural, sem fins lucrativos, de utilidade pública. Veja-se <https://arco.pt/site/pt/quem-somos/a-instituicao> consulta em 17.10.22

reconhecido com carreiras consolidadas. Por outro, incentivou percursos iniciantes e alguns promissores. Finalmente, depois de quatro anos de atividade, o galerista ousava e reconhecia expor individualmente um artista mais novo daqueles que tinham mostrado obra até então na Galeria. São claras as palavras de JEO no prefácio do catálogo da primeira exposição de Jorge Nesbitt: já não era sem tempo de a Galeria expor obras de um artista mais novo uma ou duas gerações do que *aqueles com que pôde contar para alicerçar uma imagem respeitável* (Oliveira, 2006).

Nesse ano o galerista inovava a programação do seu espaço exibindo trabalhos de jovens artistas: Jorge Nesbitt (1972)⁷⁰ e André Almeida e Sousa (1974),⁷¹ ambos estudaram no Ar.Co e, à data, lecionavam nessa escola. Estes artistas e Manuel Caldeira (1979) foram os únicos deste grupo que tiveram oportunidade de expor o seu trabalho individualmente na Galeria. Todos os outros participaram em duetos, group show ou numa mostra de acervo.

Jorge Nesbitt (figura 48) foi o artista desta geração mais apadrinhado pelo galerista. Aliás o próprio artista reconhece que *o João tinha um interesse genuíno no meu trabalho e de muitos outros artistas, foi excelente trabalhar com ele* (anexo C:140). Foi autor de quatro mostras individuais na Galeria que, segundo o artista, tiveram um enorme impacto no seu percurso dada à *programação irrepreensível e a excelente visibilidade* da mesma, como refere no inquérito efetuado recentemente (anexo C:140). A sua primeira exposição, *Trabalhos Recentes*, reunia 43 obras, pinturas a óleo sobre imagens em folhas de livros/revistas de arte e, foi um verdadeiro sucesso.⁷² Segundo Manuel Castro Caldas (1954), diretor executivo do Ar.Co desde 1994 e, autor do texto do catálogo, apesar desta série apresentar trabalhos de carácter surrealista como a imagem de um molusco que devora Santa Catarina (figura 49), estas obras inserem-se no *universo da ilustração* associado ao seu percurso artístico, autor de vários trabalhos nessa área (Caldas, 2006). Nesbitt, cuja maioria do seu trabalho é feito sobre papel, é também o responsável pelo departamento de Ilustração/BD do Ar.Co.⁷³

Passados dois anos, em 2008, a Galeria apresentou uma nova exposição deste artista: *How to look at Pictures* (figura 50). Desta vez, Jorge Nesbitt intervinha sobre postais provenientes de alfarrabistas que reproduziam aguarelas de paisagens e páginas de livros e, salientava determinados vocábulos, desenhando círculos à volta dos mesmos (figura 51). Para JEO a

⁷⁰ <https://arco.pt/site/pt/quem-somos/a-instituicao> consulta em 13.9.22

⁷¹ Oliveira, João Esteves (2016) *André Almeida e Sousa*, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

⁷² Todas as obras foram vendidas. Os trabalhos tinham pequenas dimensões (não ultrapassavam os 30 cm) e os valores dos mesmos eram baixos entre 550/850 euros, acessíveis para a clientela comum da Galeria que estava habituada a adquirir obras de Julião Sarmento, Cabrita, Júlio Pomar como vimos anteriormente.

⁷³ <https://arco.pt/site/pt/formacao/professor/40> consulta em 5.12.22

exposição *The World is Round* (figura 52), foi uma iniciativa, sem dúvida, das mais marcantes do percurso da Galeria. Jorge Nesbitt aliciado pelo texto, ilustrou o único livro infantil, *The World is Round*, de Gertrude Stein (1874-1946) e, convidou Luísa Costa Gomes para traduzir o mesmo. Numa das várias visitas atelier deste artista, o galerista encantou-se de tal forma com esses desenhos a preto e branco que não só assumiu a edição do livro como também lançou uma caixa, em edição de colecionador, com seis serigrafias primorosamente executadas no ateliê do Centro Português de Serigrafia, como já referimos anteriormente⁷⁴ (figuras 53 e 54).

Na exposição *Dois em Um* Nesbitt mostrava desenhos coloridos com círculos pintados e intercetados e Ângela Dias, desenhos figurativos. A mostra *Favorite Colour* reuniu 14 linogravuras, um conjunto de naturezas mortas à maneira tradicional holandesa dos séculos XVI a XVII (figura 55). Nestas exposições de Jorge Nesbitt destacamos a sua referência à literatura, com um gosto especial pela obra de Gertrude Stein e à pintura holandesa do séc. XVII.

André Almeida e Sousa nasceu nos Açores, mas atualmente vive e trabalha em Lisboa. Foi também em 2006 que a Galeria organizou uma mostra com trabalhos recentes deste artista (figura 56) Os papéis apresentados foram criados a partir de imagens de velhas enciclopédias da Natureza ou de peças de acervo do Museu Carlos Machado, o que traduzia o interesse do artista, naquela época, por coisas do mundo natural (Oliveira, 2006). Este autor voltava a ter destaque numa exposição do início de Verão de 2014, *Monólogos*, mas desta vez, na companhia de Diogo Guerra Pinto (1971)⁷⁵, Eugénia Mussa (1978)⁷⁶, Manuel Gantes (1967)⁷⁷ e Paulo Miguel Lopes (1967)⁷⁸ (figura 57). Diogo Guerra Pinto para além de ter tido destaque numa coletiva, *Acervo em Setembro + Ângela Dias e Diogo Guerra Pinto* mostrou também os seus trabalhos juntamente com os de Vasco Monteiro (1967)⁷⁹. Nesta exposição *Ao Desafio* os desenhos a grafite e carvão do primeiro artista contrastavam com pinturas coloridas do segundo (figuras 58 e 59). Ambos reconhecem que terem colaborado com a Galeria foi importante. Segundo Diogo Guerra Pinto *ainda goza da fama de lá ter exposto* devido à reputação da mesma (anexo C:130) e, para o Vasco Monteiro foi uma oportunidade de expor o seu trabalho sobre papel que à data não tinha sido mostrado na galeria que representava o seu trabalho, a galeria Módulo (anexo C:165).

⁷⁴ <https://www.cps.pt/pt/search/?q=jorge+nesbitt> consulta em 16.9.22

⁷⁵ <https://diogoguerrapinto.weebly.com/cvcontact.html> consulta em 13.9.22

⁷⁶ <https://www.monitoronline.org/eugenia-mussa/> consulta em 13.9.22

⁷⁷ Nesta exposição todos os artistas tiveram formação no Ar.Co com exceção de Manuel Gantes licenciado pela Faculdade de Belas Artes Universidade de Lisboa e atualmente professor de Desenho na mesma

⁷⁸ <https://www.atelierconcorde.org/artistas/paulo-lopes/> consulta em 13.9.22

⁷⁹ <http://www.projectomap.com/artistas/vasco-monteiro/> consulta em 13.9.22

Os trabalhos de Ângela Dias (1976) eram normalmente expostos em coletivas. Na parceria com Jorge Nesbitt, *Dois em Um*, os seus trabalhos representavam figuras da mitologia greco-romana e, alguns eram preenchidos por textos, manuscritos pela própria, e que relatavam as narrativas clássicas (figura 60). A artista reconhece que a sua experiência com a Galeria foi muito enriquecedora e que a partir daí, foi reconhecida pelos seus pares e pelo público (anexo C:125).

Eugénia Mussa também teve o seu destaque na exposição *Moderno e Contemporâneo + Eugénia Mussa*. Nesta exposição a artista mostrou duas séries diferentes. Uma constituída por trabalhos a óleo sobre papel com temas figurativos e coloridos, a outra reunia aguadas a tinta-da-china com linhas e figuras geométricas. A experiência com a Galeria foi excelente segundo a própria, as participações em várias exposições representam uma viragem no início da sua carreira a partir daí *surgiram vários convites para outros projectos, como o feito pelo João Mourão para a minha primeira exposição individual na Galeria Quadrum* (anexo C:133).

Bruno Castro Santos (1972)⁸⁰ e Maria José Ortigão Ramos (1967) partilharam os seus trabalhos na exposição *Binário*. A artista reuniu cerca de 100 monotípicas criando uma instalação (figura 61) e, ainda hoje é agradecida ao galerista pelo facto deste lhe ter concedido o privilégio de expor a sua obra *numa galeria tão conceituada!!!* (anexo C:150). Bruno Castro Santos considera que a Galeria *foi e será para sempre uma referência na cultura do desenho em Portugal* e, para o autor *foi um privilégio ímpar que contribuiu para a consolidação do meu trabalho no mercado profissional* (anexo C:127).

Josefina Ribeiro (1962), Manuel Diogo (1969) e Vasco Futscher (1987) participaram na exposição à *Maneira do Ar.Co*, juntamente com Ângela Dias (figura 62). Esta exposição não foi apenas uma mostra de quatro ex-alunos, foi também um conjunto de trabalhos sobre papel expostos sem moldura de forma simples e “despida” à maneira dessa escola (figuras 63,64 e 65). Josefina mostrou desenhos de animais (sobretudo aves) de pequenas dimensões a tinta da China sobre papel banhado a cera e Manuel Diogo reuniu trabalhos pintados a óleo com temas vegetalistas e outros animais (figuras 65 e 66). Este artista relembra as pessoas que conheceu (artistas, colecionadores...) na Galeria e as cumplicidades que se foram criando e que duram até hoje. Ter colaborado com a JEO, segundo este artista: *É, sem dúvida, um ponto especial não só do meu percurso artístico, mas também pessoal que me irá acompanhar sempre e que me enriquece bastante* (anexo C:146)

⁸⁰ <https://www.brunocastrosantos.com/bio> consulta em 13.9.22

Vasco Futscher (1987) foi assistente da Galeria nos dois últimos anos de atividade, contudo expôs os seus trabalhos sobre papel no group show *À Maneira do Ar.Co*. As formas geométricas desenhadas nesses papéis revelam a ligação do seu trabalho à escultura. Este artista que conheceu bem o galerista, privou diariamente durante dois anos, destaca o amor deste pelo desenho como médium específico (anexo C:164).

Entre esses artistas que nasceram na década de setenta, destaco também Rui Patacho (1974) e Manuel Caldeira (1979)⁸¹. O primeiro teve uma exposição individual de trabalhos recentes, mas acabou por abandonar a sua atividade de artista plástico e hoje é o diretor de uma galeria prestigiada em Lisboa, Rui Freire Fine Arts.⁸² Manuel Caldeira teve duas mostras individuais: *Persian Peruvian Parisian*, (2012) (figuras 66 e 67) e *Spettacolo* (2017) (figuras 68 e 69) para além de uma parceria com a artista Ana Jotta, *Araruta* (2014). Manuel Caldeira fala-nos da forma como o galerista gostava de selecionar as obras que iriam ser expostas e na montagem das mesmas, mas também reconhece que JEO respeitava o artista e as decisões finais do mesmo. Relembra-nos ainda que a sua colaboração durante 10 anos com a Galeria, começou numa aposta do galerista pela obra de um jovem artista acabado de ser formar até à consolidação de uma amizade e no respeito mútuo pelo trabalho de cada um. (anexo C:145)

Marcelo Costa (1972) é atualmente responsável pelos departamentos de Desenho e Pintura do Ar.Co⁸³. Este artista reconhece que não mostra o seu trabalho regularmente e, *ter exposto na Galeria com as excelentes condições que o João proporcionava foi e é muito importante para mim* (anexo C:148).

Os *herdeiros do Ar.Co* representa os jovens artistas emergentes que nasceram nos anos 70, formaram-se nessa escola e renovaram a programação da Galeria. Não estavam incluídos no grupo inicial de artistas expostos nos primeiros anos da Galeria, porque, como já vimos, o galerista apostou inicialmente em artistas com uma carreira consolidada. A abertura da Galeria a estes novos artistas deu um novo fôlego à programação da mesma com a apresentação de “sangue novo”, contudo, não se pode negar que o valor económico das obras destes artistas era inferior ao do grupo inicial o que desde logo se revelou a estratégia adequada face à conjuntura económica vivida e a decrescente procura de obras de arte por parte dos clientes/coleccionadores da Galeria.

⁸¹ <https://arco.pt/site/pt/quem-somos/a-instituicao> consulta em 13.9.22

⁸² <https://www.rui-freire.com/> consulta em 13.9.22

⁸³ <https://arco.pt/site/pt/formacao/professor/39> consulta 6.12.22

2.3. Os arquitetos da JEO

A galeria João Esteves Oliveira tomou uma opção de risco e só expõe papel. Uma opção ainda mais corajosa é a de mostrar desenhos de trabalho de arquitetos. Bárbara Valentina⁸⁴.

Para Bárbara Valentina João Esteves de Oliveira foi um galerista audaz. Primeiro elegeu o trabalho sobre papel, segundo mais arriscado ainda, expôs desenhos de arquitetos. Os quatro arquitetos que expuseram desenhos na Galeria são: Álvaro Siza Vieira (1933), Eduardo Souto Moura (1952) Manuel Aires de Mateus (1963) e Ricardo Bak Gordon (1967). Todos dispensam apresentações no campo da arquitetura e todos tem posições relevantes no contexto nacional e internacional. Contudo os primeiros, Siza e Souto Moura, destacam-se entre todos, pois ambos receberam o mais importante prémio internacional de arquitetura, o “Nobel da Arquitetura”, o prémio The Pritzker Architecture Prize.⁸⁵

A primeira mostra de Siza intitulada *Desenho de um Arquitecto* (figura 70), reunia desenhos de cavalos, de cenas de tauromaquia, imagens bíblicas como o batismo de Cristo, figuras humanas e retratos de amigos que pertenciam a uma coleção particular. O galerista destaca a importância do mestre: *Um Pritzker Prize a expor na minha galeria é facto irrepetível* (Oliveira, 2006). Desengajem-se, Souto Moura não só seria igualmente galardoado em 2011, como mostraria no ano seguinte os seus trabalhos no Chiado.

No ano de 2011 a exposição *Todas as Cidades são a Minha Cidade* de Siza Vieira mostrava trabalhos diferentes, esboços urbanos como definia o próprio título da mesma (figura 71). A mostra reunia desenhos, de obras emblemáticas, como a Casa de Chá da Boa Nova, a Igreja de Marco de Canavezes, o Museu de Serralves e o Pavilhão de Portugal na Expo.98. Para Isabel Salema esta apresentação de esboços de arquitetura numa galeria de arte representava uma rutura na medida em que estes desenhos estavam expostos de forma descontextualizada “libertos” dos respetivos projetos (Salema, 2011). Foram, de facto, muito apreciados quer pelos seus pares, refiro-me obviamente aos arquitetos, quer pelos proprietários de algumas casas particulares, colecionadores e, ainda alguns estrangeiros admiradores da obra de Siza. A Galeria enviou desenhos desta exposição para Londres, Madrid e Nova York.

A exposição seguinte, *Página Sagrada*, reunia trabalhos sobre papel da série que o arquiteto criou em 2007 para os painéis de azulejos da Basílica da Santíssima Trindade, em Fátima. Os

⁸⁴ <https://www.artecapital.net/exposicao-381-eduardo-souto-moura-esquissos-de-uma-vida> consulta em 17.9.22

⁸⁵ <https://www.pritzkerprize.com/> consulta em 17.9.22

desenhos feitos em grafite ilustravam episódios bíblicos, do livro sagrado, assim como cristãos orantes (figura 72). A última exposição deste autor ocorreu um ano antes da Galeria encerrar, *À Mão Livre*, desenhos figurativos desenhados, como o nome indica, à mão livre. Siza, que deve o gosto de desenhar ao seu tio Joaquim, ficou grato ao galerista porque, nas palavras do mestre *Foi um grande apoio, face às minhas dúvidas em relação à qualidade do que ia fazendo* (anexo C:123).

Eduardo Souto Moura delegou-nos os *Esquissos de uma Vida*, 50 desenhos que ilustravam muitos dos mais relevantes projetos desenhados nos últimos 30 anos da sua atividade, desde o Mercado Municipal de Braga, ao Estádio de Braga ou a Casa das Histórias - Museu Paula Rego (figura 73). O galerista citava o arquiteto: *extremamente apegado aos seus esquissos, Souto Moura sobre eles escreveu que mais não são do que exercícios de aquecimento, riscos frágeis, figuras desfocadas, repetidas sucessivamente até podermos dizer: é por aqui, é isto!* (Oliveira, 2012).

A segunda exposição *Páginas Soltas* ocorreu em 2018, precisamente o ano em que o arquiteto venceu o Leão de Ouro da Bienal de Arquitetura de Veneza⁸⁶, o mais prestigiado prémio da Bienal (figura 74). O arquiteto guarda boas memórias da Galeria e a divulgação dos seus esquissos *deu-nos para aferir valores que têm servido de referência* (anexo C:133).

Depois de Álvaro Siza e de Eduardo Souto Moura seguiu-se Ricardo Bak Gordon cujos desenhos eram coloridos, contrastando com os trabalhos dos seus pares (figura 75). Recorda com prazer a sua exposição de desenhos no Chiado e com entusiasmo o facto do galerista *ter sido o primeiro galerista de Arte, a apresentar de forma sistemática, mas criteriosa o Desenho de Arquitectos, onde eu próprio me incluo* (anexo C:159).

O último autor deste grupo a expor foi Manuel Aires Mateus. *Caderno da Alhambra* reunia 20 desenhos, dos principais esquissos que o arquiteto apresentou para o concurso para o átrio de Alhambra, no município espanhol de Granada, Espanha (figura 76). A pretexto desta exposição foi editado um dossier que incluía um livro onde foram reproduzidos todos os esquissos desenhados por Aires Mateus para o projeto em causa e um seu longo texto feito a partir de conversas tidas sobre a importância do desenho na arquitetura. Manuel Aires Mateus reconhece que esta exposição lhe conferiu maior liberdade a desenhar. Segundo o arquiteto o apoio que recebeu do galerista durante a sua exposição conferiu – lhe uma maior confiança que o ajudou, desde aí, *a continuar a desenhar e a desenhar cada vez mais* (anexo C:143).

⁸⁶<https://www.publico.pt/2018/05/26/culturaipilon/noticia/bienal-de-veneza-atribui-leao-de-ouro-a-souto-de-moura-1832236> consulta em 16.9.22

JEO apostou no *papel* e no desenho, não só dos artistas plásticos como, mais ousado ainda, dos arquitetos. Assumiu riscos e, valeu a pena. Foram apostas inéditas, mas ganhas quer pelos 16 anos de atividade de galerista quer pelos resultados obtidos nesse tipo de exposições. As exposições dos *Arquitetos da JEO* não eram só novidade galerística na cidade de Lisboa como atraíram uma clientela diferente como os colegas de profissão seduzidos por esses trabalhos. Segundo Isabel Salema a exposição do Siza, a primeira individual de esboços de arquitetura numa galeria em Portugal com o intuito comercial, provavelmente é histórico. Diz-nos que a apresentação de esboços de forma descontextualizada, independentes dos respetivos projetos e edifícios, valoriza os mesmos. Em suma, os 4 Arquitetos da JEO promoveram, divulgaram e valorizaram o desenho não só os esboços de projetos como também o figurativo, à mão livre.

2.4. As artistas da JEO

Ao João Esteves de Oliveira devo-lhe muitas das minhas conquistas enquanto artista; o seu empenho e dedicação aos artistas e aos seus trabalhos fizeram desta galeria da qual fiz parte até ao seu fecho um caso único de dedicação. E volto a repetir de entusiasmo!
Sofia Areal Lisboa (anexo C:162)

Registamos que ao longo de quase duas décadas de atividade da Galeria apenas 14 mulheres artistas contemporâneas (figura 77) expuseram a sua obra e, somente cinco tiveram exposições individuais o que contrasta com os 44 artistas plásticos e quatro arquitetos mencionados anteriormente. Os números falam por si. Sabemos do lugar silencioso e ausente das mulheres no meio artístico não só internacional como também no nosso país. São diversas e complexas as razões que justificam esse papel, mas não se enquadram no nosso tema, nem no nosso objetivo. Apenas podemos questionar se o galerista não se interessou pela obra de outras mulheres artistas ou ainda, entre as eleitas, porque não tiveram mais destaque. Foi apenas o sentido estético do mesmo que determinou a presença reduzida destas artistas na Galeria?

Sofia Areal manteve uma relação contínua com a atividade da Galeria e foi a artista que teve mais exposições individuais na mesma. A primeira mostra ocorreu em 2004 e reunia 35 trabalhos com formas coloridas, circulares e inebriantes (figura 78), que *traduziam uma decomposição do círculo*, segundo João Miguel Fernandes Jorge autor do texto crítico desta exposição. (Jorge, 2004).

Passado quatro anos a artista mostrava obras diferentes, igualmente coloridas, mas dava predominância às flores (figuras 79 e 80) que sempre tiveram presentes no seu trabalho porque

segundo a mesma sempre as teve por perto, *em particular durante três marcantes anos da minha infância passada na Madeira, e sempre tiveram no meu trabalho uma grande importância por representarem tão expressivamente vida, morte e sexualidade* (anexo C:162).

A última exposição *Variações do mesmo Tema*, ocorreu em 2016, e Sofia Areal apresentava papéis pretos e brancos (figura 81) e fazia colagens sobre os mesmos. Foi de facto uma artista “da casa” aquela que tinha sempre obras de grandes e pequenas dimensões nas mostras de acervo ou nos stands das feiras que participámos (figura 82). A própria reconhece que essa colaboração contribui positivamente para a sua obra: *Ao João Esteves de Oliveira devo-lhe muitas das minhas conquistas enquanto artista*. Sofia também menciona o entusiasmo do galerista, sem dúvida, pela obra da mesma (como acabamos de demonstrar) e por de muitos outros artistas que mostraram o seu talento nesse espaço em frente ao Grémio Literário (anexo C:162).

Também tivemos o privilégio de expor as *Memórias* de Graça Pereira Coutinho (1946).⁸⁷ Essa mostra reunia pinturas e desenhos, produzidas entre os anos 70 a 90 e, em 2002, em que a artista explorava diferentes texturas e materiais. Os trabalhos sobre papel incluíam peças de séries marcantes na sua obra como *Letters to my Mother*, *Diários*, *Cadeiras* e *Índia* (Oliveira, 2004) (figura 83). Alguns papéis, sobretudo a partir dos anos 70, revestidos de materiais como terra, areia e palha realçam uma composição volumosa (figura 84). A artista relembra a amizade de longa data com o galerista e, afirma com simplicidade que *é sempre bom encontrar alguém que goste e aprecie o nosso trabalho* (anexo C:135)

O trabalho de Ana Jotta (1946) era muito apreciado pelo galerista. O primeiro catálogo editado pela Galeria inclui um desenho a grafite que figurou na exposição inaugural da mesma. Em 2004 inauguramos *Fora de Portas* que reunia um conjunto de obras de grandes dimensões, originais e múltiplos (figuras 85 e 86) que, segundo Gaetan, apesar de ser uma pequena mostra era significativa pelo carácter impessoal e anódino do reproduzido à mão pela própria (redes, sebes, vedações) e pelo recurso a um meio – a gravura (Lampo, 2005).

Em 2012 as paredes da Galeria foram *revestidas* de papéis pretos e brancos e de grandes dimensões. Desenhos a tinta da China sobre papel esquisso e amachucado como a artista Adriana Molder (1975) nos habituou a reconhecer a sua obra (figuras 87 e 88). O título da exposição *Mad About the Boy* corresponde a um projeto que começou, segundo a artista, com uma simpatia especial pela cantadora da canção com o mesmo nome, escrita por Noël Coward em 1932, narrativa de uma obsessão romântica que se traduziu na criação das dez imagens.

⁸⁷ Nessa época a artista era representado pela galeria da Cristina Guerra. Veja -se <https://www.cristinaguerra.com/year/2003/> consulta em 19.10.22

Nesta exposição a Galeria editou um conjunto de postais com a reprodução das respetivas obras. A artista refere que gostava de trabalhar com o galerista pelo *facto de este ter um verdadeiro amor ao desenho. Como galerista era interessado, honesto e o facto de ser também um colecionador, acrescentava muito à sua relação com os artistas e com a arte* (anexo C:121)

Cecília Costa (1971) embora não tenha tido uma exposição individual na Galeria teve oportunidade de expor os seus trabalhos em destaque num stand da feira APA, na Cordoaria (figura 89) e, teve uma exposição com Domingos Rego, intitulada *Traço Contínuo*. As linhas que caracterizam os seus trabalhos apresentados nesta mostra, transmitem pressão e tensão contrastando com as rosas e os limoeiros pintados sobre fundo azul de Domingos Rego. Para a artista a sua colaboração com a Galeria foi *uma valente contribuição na construção de um selo de qualidade* (anexo C:128)

Ângela Ferreira⁸⁸, *Star of Africa*, (Diserens,2020:204) mostrou os seus desenhos *Diamantes, Obelisco e Outros*⁸⁹ (figura 90) numa tentativa de convidar o visitante a refletir sobre os movimentos de libertação africanos, questões políticas, culturais e sociais associadas ao continente africano.

As exposições individuais destas artistas são escassas na programação da Galeria, destacamos apenas Sofia Areal, foi a que teve mais relevância e protagonismo durante a atividade deste espaço no Chiado.

2.5. Outros artistas da JEO

Os outros artistas da JEO são aqueles que não se enquadram nos grupos definidos, mas que não podem ser ignorados nesta dissertação. Não só pelo lugar que ocupam na história da arte portuguesa como também pelo papel que desempenharam na Galeria. A tarefa é complexa pelo número de autores e pela diversidade geracional. Assim, o critério adotado é incluir apenas os artistas que tiveram, maioritariamente, uma exposição individual e que, ocuparam um lugar mais destacado e relevante na orientação programática da Galeria. Outros tiveram uma colaboração pontual e parca com a mesma, o que fará com que sejam, injustamente, ignorados nesta abordagem.

⁸⁸ <https://angelaferreira.info/> consulta em 19.9.22

⁸⁹ <https://www.facebook.com/galeria.jestevesdeoliveira/> Consulta em 19.9.22

Domingos Rego (1965)⁹⁰ e João Jacinto (1966)⁹¹ fazem parte do corpo docente da E.S.B.A.L. e eram frequentadores assíduos da Galeria dada a proximidade desta com a faculdade. O primeiro apresentou os seus desenhos e pinturas numa mostra intitulada *Inclinação Natural* (figura 91) e, considera que foi um privilégio ter participado nesse projeto artístico único que valorizava o desenho e que lhe permitiu integrar os seus trabalhos sobre papel em diversas coleções portuguesas e estrangeiras (anexo C:131)

João Jacinto, docente na área do desenho nessa Escola Superior, apresentou os seus trabalhos figurativos em duas exposições individuais na Galeria. A primeira, *Rosa Rosarum*, ocorreu em 2009 e incluía 27 trabalhos que abarcavam temas que o artista desenha obsessivamente: rosas, casas e o autorretrato (figura 92). A segunda, intitulada *S&M e outras Histórias*, explorava uma temática divergente que aludia ao universo sadomasoquista. João Jacinto reconhece que a Galeria "deu a ver" o seu trabalho sobre papel: *Antes não tinha ocorrido. Devo-lhe tudo isso* (anexo C:138). Os seus *papéis*, assim como os de Domingos Rego, eram muito apreciados pelos clientes da Galeria, faziam parte da maioria das exposições de acervo e integravam o núcleo de obras exposto nos stands das feiras que participámos.

Miguel Branco (1963) reconhece que a sua colaboração com a Galeria foi crucial para o seu trabalho porque começou a desenhar verdadeiramente desde a exposição *O Corpo Translúcido*, em parceria com Marcelo Costa e Brian Cronin.⁹² O artista tinha deixado de desenhar desde 1987 e, foi precisamente nessa exposição, em 2010, que regressou a essa atividade que hoje se mantém como parte essencial da sua obra (anexo C:151). Contudo, *Terra*, foi central no percurso do seu trabalho. Mostra individual do artista, extensa, foi pensada para o espaço da Galeria (figuras 93 e 94). Reunia trabalhos que recorriam a processos técnicos divergentes. Apresentava desenhos recentes, na maioria, feitos a carvão sobre papel e outros eram construídos através do uso da tecnologia de tratamento de imagem. Estes aludiam a “mundos” históricos diferentes, como interiores holandeses do séc. XVII, métricas neoclássicas do desenho académico, e pintura orientalista de oitocentos que descrevia o que era então distante e “exótico”. O jornal *Público* inclui esta exposição no *melhor de 2014*⁹³ e outros

⁹⁰ <http://www.domingosrego.com/biografia%20e%20formacao/index-biografia.html> consulta em 20.9.22

⁹¹ <http://www.joaojacinto.eu/> consulta em 20.9.22

⁹² Brian Cronin (1958) é um nome de referência no âmbito da ilustração editorial de imprensa, colaborou com Time, The New Yorker, The New York Times, Rolling Stone, Harpers entre muitos outros. No âmbito das comemorações dos 35 anos do Ar.Co. e dos 15 anos da Casa da Cerca, foi realizada uma exposição retrospectiva de Brian Cronin, em 2008 <https://www.arcoabecedario.pt/entries/34?locale=pt> consulta em 14.10.22

⁹³ <https://acervo.publico.pt/culturaipsilon/o-melhor-de-2014/exposicoes> (consulta em 2014)

críticos de referência também se debruçaram pela mesma nomeadamente Luísa Soares de Oliveira⁹⁴ e Liz Vahia na *ArteCapital*.⁹⁵

A exposição *Rigor Mortis* de Manuel Botelho (1950)⁹⁶ apresentou trabalhos figurativos que retratavam homens e regimes autoritários, temática central na sua obra, associada ao combate contra as atrocidades políticas do seu tempo (figura 95). Para o artista essa colaboração com a Galeria foi de grande relevância na sua carreira artística porque *apresentou um núcleo de obras particularmente importante e diferente*, que foram mostradas apenas publicamente nessa ocasião, e ficaram registadas num excelente catálogo (anexo C:144).

Para Rui Sanches (1954)⁹⁷ foi importante expor obras numa Galeria prestigiada como a do Chiado, pelo acrescenta ao currículo ao artista (anexo C:161). *Gratia Plena* reunia desenhos figurativos inspirada no tema da *Anunciação* de Frei Carlos e, outra série divergente, composta por manchas e pinceladas sobre uma folha que vestia a mesa de trabalho do artista com vestígios dos seus trabalhos (Branco, 2009). Diz-nos João Queiroz (1957) que a sua exposição individual na Galeria *Sombras* (figura 96), foi a única cujos trabalhos não foram selecionados por si, foi o gosto do galerista que imperou na seleção dos trabalhos entre aqueles que o artista dispunha, ao seu gosto (anexo C:138).

Os trabalhos de Pedro Calapez (1953) eram muito apreciados pelos clientes da Galeria e, frequentemente eram incluídos nas exposições coletivas e nos stands das feiras de Lisboa.

Para este artista expor no Chiado foi uma *grande felicidade* não só pela primazia do desenho e do trabalho sobre papel como também pelo gosto do galerista (anexo C:157). As duas exposições individuais foram especialmente criadas para o espaço da Galeria. A primeira, *Suave Paisagem* (figura 97), integrava um conjunto de dezasseis aguarelas onde se encontrava uma complementaridade de diferentes formas e cores que, juntas, criavam estruturas complexas. Na segunda *Desenho e Construção* (figura 98), tivemos oportunidade de ver o seu desenho em duas versões diferentes: uma carvão sobre papel, outra num processo digital. Segundo o artista o papel como suporte surge naturalmente porque é muito acessível, não só por ser mais fácil de preparar para trabalhar como está à mão. O desenho no computador é mais complexo, mas também toma várias formas e tem características diferentes. Para este artista, o desenho, em qualquer versão que seja, nunca serviu como projeto para a pintura (anexo C:157).

⁹⁴ Oliveira, Luísa Soares de (2014), “A Condição Contemporânea” in Ípsilon, Jornal Público. 14.3.2014

⁹⁵ <http://www.artecapital.net/exposicao-405-miguel-branco-terra> consulta em 16.9.22

⁹⁶ <https://gulbenkian.pt/cam/artist/manuel-botelho/> consulta em 20.9.22

⁹⁷ <http://www.ruisanches.com/pt/biografia.html> consulta em 20.9.22

Em outubro de 2011, a Galeria abriu portas ao *Inferno (A minha fraqueza é muito forte)* de Rui Chafes (figura 99). Segundo o artista foi a única exposição individual de desenhos que realizou numa Galeria de arte, normalmente recusa vender os seus desenhos (anexo C:160).

José Loureiro (1961) também teve um lugar notável neste projeto, mostrou os seus papéis nas exposições *Cadeiras Amestradas*, em 2007 (figura 100) e *A Pique*, em 2013 (figura 10). A primeira incluía trabalhos recentes e a segunda mostrava obras dos anos noventa que tinham feito parte da exposição apresentada em 2011 pela Culturgest com o título *As Piores Flores*, aquela que muitos consideraram a exposição do ano. Para José Loureiro trabalhar com o galerista foi muito fácil, não só por ser uma pessoa informada, mas por saber muito bem o que queria (anexo C:141).

Em maio de 2008 inaugurámos uma exposição de Jorge Pinheiro (1931) intitulada *A Não Figuração nos anos 70 Trabalhos Escolhidos* (fig.101). Os 60 trabalhos expostos, como indica a próprio nome, eram não figurativos, essenciais na sua obra, no período que vai da segunda metade da década de 60 até ao fim da de 80. (Oliveira,2008). Refere ainda o galerista que a dimensão, qualidade e a representatividade das obras, são suficientes para que esta possa ser considerada uma exposição antológica. Jorge Pinheiro é um dos artistas portugueses mais relevantes do século XX, com uma produção plástica que se divide entre a figuração e a abstração geométrica.⁹⁸

Young People Thinking About Each Other / Cabeças em Trânsito foi o título da exposição de António Olaio (1963) na Galeria (figura 102). Reunia desenhos de rostos que surgiram em sessões de desenho ao vivo, retratos “em trânsito”, cabeças (pensando umas nas outras) que foram acompanhados por desenhos de plantas que se abstratizam e reinventam numa botânica imaginária.⁹⁹ Foi a primeira vez que o artista expôs exclusivamente desenho, foi um enorme estímulo da maior importância para dar cada vez mais espaço ao desenho no meu trabalho e nas minhas exposições (anexo C:126).

Marco Pires (1977)¹⁰⁰ como já referimos, embora fosse um artista representado pela galeria Pedro Oliveira, expunha trabalhos pontualmente nas mostras de acervo/coletivas da Galeria. A sua obra suscitava interesse por parte dos clientes e, em 2009, este artista teve uma mostra individual, intitulada *Obras sobre papel*, como não podia deixar de ser! A exposição reunia 41 trabalhos feitos sobre páginas de livro e mapas, ou papéis milimétricos como define o próprio artista cujo trabalho, nesse período, assentava na investigação de dados cartográficos (figura

⁹⁸ <https://gulbenkian.pt/cam/novas-leituras-2/jorge-pinheiro/> consulta em 20.9.22

⁹⁹ António Olaio, “Young People Thinking About Each Other / Cabeças em Trânsito”, nota de imprensa

¹⁰⁰ <https://www.marcopires.com/about.html> consulta em 20.9.22

103). A segunda mostra, *Ouvido no Deserto*, 2017 (figura 104) era constituída por desenhos, maioritariamente, paisagens a grafite. Para este artista a experiência com a Galeria foi muito boa, proporcionaram-lhe extrema *visibilidade e interação com pares de artistas que tinham em comum a ligação ao desenho* (anexo C:149).

A exposição *Espaços de Configuração* de José Pedro Croft (1957) juntou trabalhos maioritariamente gravuras. (figura 105).

Para além destes autores, importa também mencionar outros artistas, de grande nomeada, falecidos à data da exposição na Galeria, mas que não deixam por isso, de ocupar um lugar relevante na promoção e divulgação dos trabalhos sobre papel. O *Deserto* de Fernando Calhau (1948-2002) foi o título da exposição no Chiado que reuniu uma série de trabalhos inéditos, desenhos atípicos, figurativos e policromados (figura 106). Para JEO esta exposição contribui, mesmo de forma modesta, para a consolidação que a obra deste autor goza no panorama da arte contemporânea portuguesa (Oliveira, 2010). A viúva do artista, ofereceu a totalidade do espólio à coleção do CAM¹⁰¹ Por um lado assegurou-lhe um futuro porque a obra vai ser inventariada e disponibilizada ao público, diz a fundação¹⁰². Mas por outro, ao retirar a obra do mercado, correu algum risco de esta perder notoriedade. Segundo o galerista tornar *um tão notável artista no pior do cenário, uma figura difusa e distante para muitos daqueles que apenas começaram a interessar-se pelas artes plásticas neste século* (Oliveira, 2010). A Galeria foi palco de um conjunto de 23 desenhos de Álvaro Lapa (1939-2006), designadamente de trabalhos preparativos para o revestimento de azulejos da estação de metro de Odivelas (figura 107). A *Grande Escolha* foi o título da exposição de António Costa Pinheiro (1932-2015) porque os trabalhos sobre papel inserem-se num dos períodos mais férteis e criativos do percurso deste artista. (Oliveira, 2006).

Após quatro anos da exposição retrospectiva no CAM/FCG ¹⁰³ apresentamos 47 desenhos de Joaquim Bravo (1935-1990), maioritariamente dos anos 70 e 80 (figura 108). Segundo Helena Freitas, autora do texto deste catálogo e, uma das comissárias da retrospectiva deste artista¹⁰⁴, o trabalho de Joaquim Bravo era o desenho e foi um artista que viveu a desenhar (Freitas, 2004).

No quinto ano de atividade da Galeria organizámos a exposição de desenhos do escultor Jorge Vieira (1922-1998) (figura 109). Reconhecendo a generosidade da viúva do artista,

¹⁰¹ <https://gulbenkian.pt/cam/artist/fernando-calhau/> consulta em 20.9.22

¹⁰² “Espólio do artista Fernando Calhau doado à biblioteca de arte da Fundação Gulbenkian” in *Público* 9.4.2021

¹⁰³ <https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/1259/> (consulta em 20.9.22)

¹⁰⁴ A exposição retrospectiva foi comissariada pela Helena de Freitas e Leonor Nazaré.
<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/1259/> consulta em 20.9.22

Noémia Cruz, o galerista foi ao baú do espólio do artista e selecionou os desenhos com toda a liberdade na escolha (Oliveira, 2007). De acordo com Luísa Soares de Oliveira o desenho deste autonomiza-se e, sem perder pontualmente a filiação à escultura que lhe é necessária, adquire qualidades até então insuspeitadas (Oliveira, 2007).¹⁰⁵

Em suma, estamos perante um leque de artistas de carreiras consolidadas e alguns de grande nomeada. Foram eleitos pelo galerista porque as suas obras correspondiam ao gosto pessoal do mesmo.

Terminada este breve enquadramento dos artistas da JEO apresentaremos de seguida uma análise quantitativa baseada no inquérito efetuado. Pretendemos demonstrar a importância dos trabalhos sobre papel/desenho para estes autores, assim como o contributo da Galeria para a obra dos mesmos.

¹⁰⁵ Oliveira, Luísa Soares de, (2007) Jorge Vieira Desenhos Escolhidos Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

CAPÍTULO 3. O lugar da Galeria JEO na arte contemporânea portuguesa

3.1. Os arautos da JEO

Quem são os *arautos da JEO*? São os artistas e arquitetos que expuseram trabalhos na Galeria e que anunciam não só a relevância do trabalho sobre papel/desenho na sua obra como também desta ter sido exposta na Galeria. E, nesta perspetiva identificam o lugar da mesma na arte contemporânea portuguesa. Porque os artistas, neste trabalho, não são apenas os criadores dessas obras são também e, simultaneamente, as “vozes” desse lugar. Já demonstrei no segundo capítulo como as exposições destes contribuíram, durante quase dezasseis anos, para a divulgação e promoção dessa arte para o aumento do seu interesse, da sua valorização e comercialização. Falta-nos ouvir as “vozes” desses artistas, desses arquitetos que expuseram trabalhos nesse lugar.

As palavras destes também podem ser objeto de reflexão contribuindo para o conhecimento do nosso objetivo.

Dos autores que expuseram obra na Galeria, convidei 48 portugueses para participarem no presente estudo, e optei por excluir os seis estrangeiros¹⁰⁶ que colaboraram com a mesma. Destes apenas dois tiveram uma exposição individual¹⁰⁷ e os outros expuseram apenas alguns trabalhos em mostras coletivas. Como este estudo se foca no trabalho sobre papel no mercado de arte contemporâneo português consideramos que esta exclusão faz sentido para o nosso objetivo.

No dia 21 de julho de 2022 enviei um questionário, via email, a 48 artistas que colaboraram com a Galeria (anexo C:120). O único inquérito realizado presencialmente foi ao artista Pedro Cabrita Reis, dada a indisponibilidade do mesmo, desloquei-me ao seu atelier e gravei a conversa o que justifica que o testemunho deste seja mais longo do que todos os outros. O inquérito ao Pedro Calapez também foi feito ao telefone, gravado e transcrito posteriormente. Foi com base neste inquérito, incluído de forma integral no anexo número 3 que realizamos a análise qualitativa. Dos inquiridos, obtive 44 respostas ao email, contudo 4 não responderam

¹⁰⁶ Joaquim Bandau (1936); Sandra Vasquez de la Horra (1967); Wolfgang Witth (1966); Almodena Lobera (1984) e Brian Cronin (1958)

¹⁰⁷ Joaquim Bandau e Sandra Vasquez de la Horra

ao inquérito, 2 porque consideraram que o seu testemunho não teria interesse para o presente estudo, um devido ao seu estado de saúde e, outro *não gosta de inquéritos!* Com base nesses depoimentos apresento a análise qualitativa.

À medida que foram recolhidos os testemunhos dos artistas que colaboraram com a Galeria desde cedo se tornou claro que conhecer e divulgar os vários pontos de vista sobre o trabalho sobre papel/desenho na sua obra, seria uma mais-valia para compreender o lugar da Galeria na arte contemporânea portuguesa. Este inquérito é uma fonte de informação direta, os depoimentos recolhidos são também conteúdo fértil para a compreensão do nosso objetivo.

As respostas foram agrupadas de acordo com a sequência numérica dado que as cinco questões são comuns neste questionário. Após esse procedimento procedeu-se à interpretação dos respetivos dados.

As três primeiras questões centram-se no lugar que o trabalho sobre papel/desenho ocupa na obra de cada artista plástico e dos 4 arquitetos. As duas questões finais, provavelmente as mais importantes, estão também interligadas e prendem-se com a relação dos inquiridos com a Galeria. Primeiro, o artista é convidado a partilhar a sua experiência, como foi ter oportunidade de expor obras nesse lugar e por fim, de que forma é que essa contribui para o seu percurso artístico.

3.2. Análise ao inquérito

Começamos então pelo primeiro tópico pela questão temporal, afinal quando é que estes artistas começaram a desenhar? Para a maioria dos entrevistados o desenho remonta à infância como uma atividade comum, mas perdura no trabalho artístico destes autores. Palavras como *desde sempre, antes de falar, desde que me lembro, quando nasci* ou *antes de andar e enquanto menino* ou *como criança* identificam o desenho como uma atividade infantil. Alguns artistas partilham memórias de infância associadas aos primórdios dessa atividade. Eugénia Mussa que nasceu em Moçambique e cresceu em plena guerra civil e, como *não havia muito entretenimento (televisão, etc)*, só lhe restava desenhar para passar o tempo (anexo C:133). Siza recorda que foi motivado enquanto menino, pelo entusiasmo do seu tio Joaquim (anexo C:123). António Olaio desde muito novo que sabia que queria ser artista e por isso desenhava, desenhava muito, desenhava coisas difíceis *acreditava ser o caminho para o conseguir ser* (anexo C:126). Constança Meira passou a infância em Nova York e lembra-se de desenhar bruxas com muita cor (anexo C:129). João Jacinto faz referência à memória de um desenho que

fez depois de ter visto um filme de guerra na televisão que *tinha acabado de entrar em casa e, fez esse desenho para que o filme durasse mais. E durou* (anexo C:137). Manuel Botelho reconhece que a formação pedagógica da sua mãe estimulou a prática do desenho desde a sua infância (anexo C:144). Maria José Ortigão Ramos recorda o desenho de um comboio que venceu o primeiro prémio num concurso no Diário de Notícias (anexo C:150). Vasco Futscher ainda hoje guarda os seus desenhos infantis num caderno com cadeado, oferecido pela sua mãe (anexo C:164). Eduardo Souto Moura começou a desenhar numa escola italiana no Porto onde as cópias e os ditados eram acompanhados por desenhos (anexo C:132). Ângela Dias contrariando esta tendência, começou a desenhar na sua adolescência, precisamente entre os 12 e os 15 anos (anexo C:125).

Contudo, alguns dos inquiridos referem que o desenho adquiriu importância na sua atividade artística como disciplina. Pedro Calapez menciona a sua formação na Sociedade das Belas Artes (anexo C:157) e Ricardo Bak Gordon lembra-nos que o desenho é uma disciplina funcional na Escola de Arquitetura do Porto (anexo C:159). Bruno Castro Santos, Manuel Diogo, Marcelo Costa, Nesbitt e Diogo Guerra Pinto reconhecem que começaram a desenhar *mais a sério* no Ar.Co onde o desenho é disciplina central dos programas pedagógicos e é transversal a todos os departamentos da mesma.¹⁰⁸

Relativamente à segunda questão, o trabalho sobre papel é, indubitavelmente, relevante para a obra destes inquiridos, mas não ocupa o mesmo lugar na atividade artística de cada um.

Adriana Molder desde os seus vinte anos que trabalha exclusivamente sobre papel, tinta da China sobre papel esquisso (anexo C:121). Artistas como Jorge Nesbitt, Manuel Diogo e Josefina Ribeiro reconhecem que o papel é central no seu trabalho artístico predominante na obra destes, independentemente das técnicas utilizadas sobre o mesmo. Manuel Diogo faz referência à pintura a óleo sobre papel (anexo C:146), Josefina Ribeiro apresentou trabalhos na Galeria feitos em tinta sobre papel banhado em cera (anexo C:142) e Jorge Nesbitt também usa óleo sobre páginas de livros e postais (anexo C:140). Segundo Marco Pires o papel está presente em todo o seu trabalho e tanto trabalha sobre aquele que é adquirido em lojas de belas-artes como recorre folhas de livros antigos e mapas, como tivemos oportunidade de ver anteriormente (anexo C:149).

O desenho também não ocupa um lugar unânime na obra destes autores. Para Ana Jotta e João Jacinto o desenho é o *primeiro momento*, deste parte tudo (anexo C:124/137). No projeto segundo Souto Moura o desenho também identifica o começo, faz parte do princípio e do fim

¹⁰⁸ Veja-se *Desenho* no ABDECEDÁRIO do Ar.Co in <https://www.arcoabecedario.pt/entries/28?locale=pt> consulta em 24.19.22

desse processo (anexo C:132). De acordo com os *arquitetos da JEO* desenhar permite *abarc**ar*, *analisar* e *comparar* as diversas opções da atividade construtiva. Permite registrar dúvidas e desbravar o caminho para atingir um fim, o projeto. Também pode ser um instrumento preparatório para outros desenhos ou para a pintura, como referem Diogo Guerra Pinto e Bruno Castro Santos divergindo da perspectiva de Pedro Calapez cujo desenho tem um carácter autónomo na sua obra, quer sobre papel quer o digital.

Para outros desenhar é um exercício visual. Se Eugénia Mussa diz-nos que o desenho a ensinou *a focar de modo obsessivo durante um determinado período de tempo, o que se revelou imprescindível para a pintura* (anexo C:133), Domingos Rego considera que este *promoveu a atenção e a educação do olhar*, essencial para o artista quando pinta, fotografa ou mesmo na organização de uma exposição (anexo C:131). Segundo Jorge Martins *desenhar é pensar* (anexo C:139) e Cabrita define o desenho *como um lugar onde o pensamento se desenvolve* (anexo C:152). Outros inquiridos como Manuel Botelho, Marco Pires, Manuel Caldeira e Domingos Rego também consideram essa atividade como um processo mental.

Neste tópico também há referências à facilidade, proximidade e liberdade de trabalhar sobre papel. António Olaio menciona que o desenho permite uma relação mais próxima com a mão do artista (anexo C:126), Ângela Dias alude à liberdade do mesmo (anexo C:125) e Graça Pereira Coutinho considera que desenhar é um ato natural que sai naturalmente, sem esforço (anexo C:135). Para alguns testemunhos o desenho é essencial na sua obra. O desenho é *motor*, *é a base*, *é a razão de ser do meu trabalho*, *subjaz a tudo*, *o mais importante*, *transversal*, *central* ou a *espinha dorsal* como refere Rui Chafes (anexo C:160) ou *eixo axial* na prática artística de Pedro Cabrita Reis (anexo C:152).

No terceiro tópico procuramos identificar as divergências entre a criação de um desenho e outras formas artísticas como a pintura ou a escultura no processo criativo destes inquiridos. Aqui também as respostas foram diversificadas. Apenas doze inquiridos consideram que não existem diferenças entre esses processos, a maioria mencionou referências divergentes entre os mesmos. O tempo é um elemento divergente de acordo com estes inquiridos. Para Domingos Rego *a pintura implica um tempo expandido do fazer, a fotografia implica a tomada de decisões rápidas, constitutivas das próprias imagens, o desenho possibilita encontrar um bom equilíbrio entre todos estes fatores* (anexo C:131). Diogo Guerra Pinto, José Loureiro e Manuel Botelho são unânimes, a pintura é um processo mais lento do que o desenho. Este artista e Marco Pires aludem à espontaneidade, imediatismo e proximidade temporal entre pensar e desenhar. Manuel Botelho alude ao *prolongamento braço-cabeça*, *uma forma de pensar*, *o gesto mais primário*, *e por isso mais espontâneo*. *Todos os outros são mais elaborados* (anexo C:144). À exceção de

Miguel Branco, a maioria referiu que a pintura é um processo mais lento do que o desenho. Para este desenhar é um processo complexo e demorado, processo construtivo que utiliza imagens digitais que dão origem a modelos a partir dos quais faz os seus desenhos (anexo C:151).

Gil Heitor Cortesão associa o desenho à intimidade da escrita, *para uso próprio e preparação das pinturas – não para ser exposto* (anexo C:134). Segundo Maria José Ortigão Ramos e Diogo Guerra Pinto o desenho é uma preparação para a pintura, enquanto para outros autores como Calapez e Cabrita Reis este tem uma autonomia que se faz valer por si próprio.

Na quarta questão abordámos os artistas e arquitetos sobre a relação que estabeleceram com o galerista e como foi a experiência destes com a Galeria. Em relação ao primeiro tópico a maioria lembrou as exposições que tinham participado na Galeria e reconheceu o interesse, honestidade, sensibilidade, conhecimento e profissionalismo do galerista. O amor e entusiasmo pelo desenho também são mencionados por alguns inquiridos. Outros, vão mais longe, partilham uma relação de amizade com o mesmo. Assim, face a estes atributos ao galerista, a experiência com a Galeria, foi altamente profissional e amistosa. Os vocábulos gratidão e prazer também fazem parte dessa experiência e, Domingos Rego reconhece as excelentes condições de montagem e produção proporcionadas pela galeria. João Queiroz demonstra respeito e confiança no trabalho do galerista quando delega ao mesmo a seleção dos seus trabalhos (anexo C:138). Bak Gordon destaca a ousadia primordial deste galerista expor desenho de arquitetura numa galeria (anexo C:159). Manuel Caldeira lembra que apesar do João gostar de selecionar as obras e intervir na montagem das mesmas dava espaço ao artista na decisão final (anexo C:145). Vocábulos como *sonoridade familiar, generosidade, postura afável* e invulgar falam por si.

Cabrita fala-nos da integridade do João e da cumplicidade que estabeleceu com o galerista. Diz-nos que *tem a característica da integridade, tem a característica da vocação, tem a característica da motivação e da obsessão de continuar. Isso torna-o naquilo que eu disse há pouco, em mais do que um galerista, tornou-o e, eu acho que não terei sido o único que trabalhou com ele a experimentar esse tipo de sensação, tornou-o num cúmplice mais do que propriamente um parceiro de negócios* (anexo C:154).

Por fim, perguntemo-nos que importância teve para o percurso artístico de cada inquirido a colaboração com a Galeria JEO? Com base nos depoimentos registados considero que para os artistas emergentes a colaboração com a Galeria foi um marco importante para o percurso dos mesmos. Proporcionou o reconhecimento dos pares (Ângela Dias), consolidou o seu trabalho (Bruno Castro Santos), ainda hoje goza dos louros de ter exposto no Chiado (Diogo

Guerra Pinto), as exposições na JEO foram uma rampa de lançamento ou um ponto de viragem (Eugénia Mussa). A Galeria tinha um enorme impacto, tinha uma excelente programação (Jorge Nesbitt) trouxe – me reconhecimento ainda era muito jovem (Vasco Futscher). Para Marco Pires, o prestígio e a reputação da Galeria, sendo o artista mais novo nessa época a expor o seu trabalho na mesma exigiram-lhe grande responsabilidade.

Mas a Galeria também tem um lugar singular no percurso de artistas com carreiras consolidadas. Foi o lugar de “estreia” do desenho de António Olaio e do trabalho sobre papel de João Jacinto e Vasco Monteiro. *Selo de qualidade* na obra de Cecília Costa e destaque no curriculum vitae da Constança Meira. Segundo Alexandre Conefrey sendo uma galeria dedicada ao desenho, numa altura em que este ainda não tinha a expressão atual, teve um papel muito importante na sua divulgação e dos artistas que a ele se dedicavam. Se Miguel Branco redescobriu e regressou ao desenho, Rui Chafes, abriu mão dos seus desenhos e, Sofia Areal é grata ao galerista, ao *João Esteves de Oliveira devo-lhe muitas das minhas conquistas enquanto artista* (anexo C:162). Para Cabrita as exposições na Galeria foram fundamentais na medida em expuseram os seus desenhos ao público, à crítica, à cidade, aos jovens artistas, aos artistas menos jovens, às pessoas que gostam de ver exposições, levaram esse corpo de trabalho, essa parte de si próprio que para o próprio tem uma grande importância (anexo C:155). Em suma, o trabalho sobre papel e desenho tem um lugar relevante na obra destes inquiridos. O desenho não é uma atividade recente e pontual no trabalho destes autores é uma atividade familiar e remota, o tempo aqui revela a sua importância. Assim como o trabalho sobre papel é essencial na obra de alguns intervenientes, nomeadamente na obra da artista Adriana Molder que desde os vinte anos trabalha exclusivamente sobre papel esquisso. Para uns o desenho é a preparação de outros trabalhos para outros é um registo autónomo. Exercício visual, exercício mental, motor de arranque ou de paralelismo num projeto de arquitetura, desenhar é fundamental para estes criadores. Alguns são mais extremistas, subjaz a tudo ou eixo axial da obra dos mesmos. São artistas para quem o desenho é a linguagem principal ou o instrumento de reflexão decisivo e estruturante.

Como processo criativo estes inquiridos consideram que o desenho é um processo mais rápido, acessível, espontâneo e imediato do que outras atividades como a pintura ou a fotografia. O desenho flui. JEO, João Esteves de Oliveira é o galerista íntegro, honesto, conhecedor e profissional. Amante do desenho. Proporcionou aos jovens artistas emergentes, alguns herdeiros do Ar.Co, as “luzes da ribalta”. Promoveu artistas “consolidados” cuja Galeria foi o lugar de estreia do trabalho sobre papel e do desenho até aí, guardado ou escondido em pastas ou arquivos nos respetivos ateliers. Para os consagrados, aqueles que já adquiriram um

lugar para além das fronteiras, a Galeria foi o primeiro e único lugar onde Rui Chafes, até a data, vendeu os seus desenhos. Para Cabrita a Galeria era um lugar que levou os seus desenhos *ao público, à crítica, à cidade, aos jovens artistas, aos artistas menos jovens, às pessoas que gostam de ver exposições, levou esse corpo de trabalho, essa parte de mim próprio que para mim tem uma grande importância* (anexo C:155).

3.3. Galeria João Esteves de Oliveira: um lugar de desenho

Na verdade, a galeria dele era um lugar de combate pelo desenho, pelas boas relações entre a galeria e os artistas a respeito pelo trabalho destes, digamos preparação e educação do público e estando ali tão perto das Belas Artes, no caminho para a Escola de Belas Artes.

Cabrita Reis, 2023

Lembro-me nos primeiros anos da Galeria que determinados clientes, ou melhor dizendo, visitantes pontuais desse lugar afirmarem taxativamente que não compravam desenhos e, orgulhosamente, dizerem que a sua coleção reunia apenas, óleos sobre tela. O galerista estarrecido respondia, elegantemente, que era colecionador de longa data, desde a sua juventude, de trabalhos sobre papel. Como refere Cabrita, a Galeria era *um lugar de combate pelo desenho*. Definição complexa não existe uma resposta categórica, exata ou universal do conceito desenho. Recentemente a revista Contemporânea *Desenho/Drawing#6*¹⁰⁹ debruçou-se sobre o desenho e reuniu uma compilação de textos de vários artistas, curadores e críticos sobre as particularidades que o definem e sobre as novas abordagens, de raiz formal e conceptual. Não nos “perderemos” nesse caminho a nossa perspetiva sobre o desenho é mais elementar. Assim, optámos pela definição de desenho contemporâneo segundo Mónica Álvarez Careaga¹¹⁰ quando a entrevistei em novembro de 2021: *Consideramos además que se trata de dibujo contemporáneo cuando se libra del carácter de trabajo preparatorio y el artista desea exponerlo* (anexo B:112). Segundo esta autora este é o “momento do desenho”, esta fase começou com a exposição *Drawing Now: Eight Propositions*, em 2002, no MoMA, que foi um

¹⁰⁹ <https://contemporanea.pt/loja/contemporanea-6> consulta em 23.9.22

¹¹⁰ <https://drawingroom.es/equipo/> consulta em 9.7.22

Curadora responsável pela organização de secções especiais dedicadas ao desenho em feiras como Swab Barcelona, Art Beijing e Set Up Bologna e consultora artística da Arte Lisboa entre 2007 e 2011. Inaugurou a Drawing Room Madrid há seis anos como uma alternativa à Arco.

gatilho para que instituições do mundo todo comesçassem a tirar os desenhos das gavetas dos seus acervos e passassem a incluí-los nas suas exposições. Os artistas sempre desenharam, o que mudou nas últimas décadas não provém da quantidade de produção de desenho, mas do novo olhar dos curadores, críticos, artistas e galeristas sobre o mesmo. O desenho não passava de um rascunho, de um esboço de preparação para outro trabalho, mas atualmente considerado como um produto final, um objeto de arte.¹¹¹

Se a exposição no MoMA, *Drawing Now: Eight Propositions*, foi um gatilho para a “descoberta” do desenho no mundo, a Galeria, *esse lugar de combate pelo desenho*, era paradigma dos seus pares, dos curadores, dos críticos e colecionadores do mundo da arte contemporânea portuguesa. Considerado um trabalho menor, preparatório para outras obras de arte, saiu das pastas dos artistas e dos baús dos ateliers e passou a ser exposto regularmente na Galeria onde os clientes, colecionadores, os amantes de arte tiveram a oportunidade de apreciar exposições regularmente e adquirir obras do seu agrado.

Algumas instituições também fizeram o seu papel. Desde 1986 o ano da criação da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento que se iniciaram a aquisição das primeiras obras de arte. Manuel Castro Caldas foi o primeiro curador dessa coleção e, *por crença no desenho, como género e material de retaguarda, fundamento de toda a prática pictórica, e também por argúcia de contornar as limitações dos recursos financeiros disponíveis* foi fazendo uma coleção em torno do mesmo. (Ribeiro, Jurgens, 20:7)

Desde 2003 que as novas aquisições da Fundação Carmona Costa incidem em desenhos e trabalhos sobre papel. A coleção tem adquirido no mercado de arte português e enriquecido o seu acervo reúne com o que *de mais pertinente se faz em Portugal neste domínio*.¹¹²

No contexto de colecionismo, ao falarmos de desenho contemporâneo, é inevitável a referência à Coleção de Desenhos da Madeira, fundada pelos sócios Rosana Rodrigues e Luís Augusto Teixeira de Freitas, em 2002. A coleção de João Esteves de Oliveira que como o próprio referiu não se restringe apenas *a trabalhos sobre papel*, mas era, sem dúvida, o suporte de esmagadora maioria das obras que comprava porque era a disciplina que o mais atraía.¹¹³

A Drawing Room Lisboa¹¹⁴ é uma feira dedicada ao desenho contemporâneo que desde 2018, a sua primeira edição, decorre na Sociedade Nacional de Belas Artes e constitui uma amostra significativa daquilo que se está a fazer ou pelo menos a vender nesse domínio.

¹¹¹ <http://www.artecapital.net/entrevista-274-monica-alvarez-careaga> consulta 8.2.22

¹¹² http://www.fundacaocarmona.org.pt/pt/espaco_arte_contemporanea/colecao.aspx

¹¹³ Discurso de João Esteves de Oliveira a propósito do lançamento do livro *Moderno e Contemporâneo: A Coleção de João Esteves de Oliveira*, 2019 na livraria da Travessa, em Lisboa.

¹¹⁴ <https://drawingroom.pt/> consulta em 25.4.23

Esta tem vindo a ganhar relevo na cena artística contemporânea, por se afirmar como um contributo na criação de oportunidades para a classe artística dedicada ao desenho e na afirmação do espaço que o desenho pode ocupar no sector da arte contemporânea. Prova disso mesmo, é o apoio crescente que esta iniciativa tem recebido por parte das instituições, museus e centros de arte, galerias, colecionadores e outros profissionais.

O fator económico também é favorável ao crescimento do interesse pelo desenho contemporâneo que *chega a custar cerca de um terço do que vale uma pintura de semelhantes proporções e do mesmo artista.*¹¹⁵ No entanto, regista-se uma valorização atual do desenho nos últimos anos. *En 2005, el precio medio de un dibujo en el mercado mundial era de 7.000 dólares y el de un cuadro de 23.000, y en 2015, el precio medio de los dibujos era de 22.000 dólares y el de los cuadros de 45.000.* O público mais jovem, para além de ter menos poder de compra, também aprecia a estética do desenho porque *ama lo gráfico (no deixo de pensar en el éxito del tatuaje entre los jóvenes).* Desde 2017 que a feira italiana Artissima¹¹⁶ passou a ter uma secção dedicada ao desenho, Deegni. Para a directora, Ilaria Bonacossa, face à ubiquidade dos ecrãs eletrónicos e das plataformas digitais *“we live with make the idea of pencil on paper is kind of nostalgic, the gesture really brings you back.”*¹¹⁷

Atualmente também assistimos ao crescente interesse pelo desenho. Novas abordagens curatoriais como apresentou João Silvério na exposição *O Desenho na Coleção Norlinda e José Lima (Uma Seleção)* na Universidade de Aveiro, em 2021¹¹⁸ Artistas, de grande nomeada, como Pedro Cabrita Reis que expos *Os Desenhos da Maré Baixa, em 2019*, na galeria Miguel Nabinho¹¹⁹. Revistas de arte, designadamente a *Contemporânea* que dedicou a edições nº6 ao desenho contemporâneo. Ou ainda o *Desenho como Pensamento*, ciclo de exposições e conversas sobre o desenho, no centro de Artes de Águeda (CAA).¹²⁰

Instituições, curadores, artistas, colecionadores, galeria, mecenas, todos em conjunto contribuíram para a valorização do desenho contemporâneo. Contudo, como refere Cabrita, o desenho ganha, no cenário lisboeta e nacional com o trabalho do João Esteves de Oliveira uma identidade e ganha um direito de cidade (anexo C:154).

¹¹⁵ <http://www.artecapital.net/entrevista-274-monica-alvarez-careaga> consulta em 7.11.22

¹¹⁶ <https://www.artissima.art/en/> consulta em 4.10.22

¹¹⁷ <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-works-paper-art-fairs> consulta em 22.9.22

¹¹⁸ <https://centroarteoliva.pt/exposicao/o-desenho-na-colecao-norlinda-e-jose-lima-uma-selecao/> consulta em 21.5.23

¹¹⁹ <https://www.miguelnabinho.com/pedro-cabrita-reis-os-desenhos-da-mare-baixa> consulta em 18.7.22

¹²⁰ <https://www.centroartesaagueda.pt/eventos.php?id=289> consulta em 19.5.23

CAPÍTULO 4. Conclusões

Na história da Arte em Portugal, nas quase duas décadas que leva este novo século e JEO leva de galerista, a sua figura será considerada incontornável. O seu vasto programa de acção já hoje pode ser entendido como determinante na resistência à anémica realidade do mercado de arte nacional, nomeadamente do desenho, defendendo a sua diversidade e sua autonomia, quer comercial, quer crítica, quer historiográfica. (Pinharanda, 2019:)

Ao longo destes três capítulos recordei a Galeria JEO desde o seu início em 2002 até ao encerramento, na primavera de 2019. Estas memórias foram registadas com o intuito de responder à pergunta primordial desta dissertação: qual o lugar da Galeria na arte contemporânea portuguesa? Para responder a esta pergunta tive de apresentar João Esteves de Oliveira, fundador da Galeria homónima e que, segundo Pedro Cabrita Reis, fez bem em dar o seu nome *porque as galerias são na verdade, projetos de uma profunda interioridade e uma marca de individualidade de quem as cria, quem as desenha, quem as constrói e quem as alimenta e vai assegurando a continuidade* (anexo C:153). João foi um homem da banca internacional, mas foi simultaneamente um colecionador de arte desde muito jovem como constatamos. Segundo Julião Sarmento foi um homem que teve um sonho, trocou o mundo dos números e dos negócios e, em *determinada (e iluminada diga-se) ocasião da sua vida em boa hora*, resolveu dedicar-se *aquilo que realmente o apaixonava* (anexo B:108), abriu a sua Galeria no Chiado.

Durante esse período o desenho assumiu no mercado de arte a sua autonomia. A Galeria era um lugar onde se vendiam obras de arte, trabalhos sobre papel e onde se realizavam transações comerciais. E, não encerrou por motivos de natureza económica (Afonso, Fernandes, 2019:330). Segundo a filha mais velha do galerista, Joana Esteves de Oliveira, *o futuro da galeria ia sendo falado em família, mas nunca foi motivo de preocupação para o meu pai.*

Ele sabia que as suas filhas, apesar do gosto pela arte que dele herdaram e da admiração incondicional pela actividade do Pai, não tinham a vocação necessária para dar continuidade a este projecto com a qualidade com que o mesmo sempre se pautou.

La dizendo, aqui e ali, que dentro de mais “dois ou três anos” (que acabaram por ser mais “oito ou nove”) chegaria o momento de fechar. E assim foi, quando sentiu que a energia já não era a mesma e que a vontade de aproveitar mais tempo com os netos se sobrepunha, decidiu, em 2019 e uns meses antes da pandemia desabar, terminar este projecto que perdurará na memória de todos nós.

João Esteves de Oliveira foi um precursor no mundo da arte portuguesa fundou uma Galeria com a missão de promover o trabalho sobre papel. Foi o seu amor ao desenho, moderno e contemporâneo, o seu profissionalismo e a qualidade do programa que assegurou esse projeto durante quase duas décadas. A Galeria foi um lugar de cultura. Não foi apenas um espaço no Chiado onde se realizavam regularmente exposições temporárias. Foi muito mais do que isso. Era uma referência para os criadores, artistas contemporâneos e arquitetos de grande nomeada. Foi um espaço cultural de lançamentos de catálogos, livros e outras publicações; todos com um ponto comum, o desenho, e a crítica do mesmo. A Galeria foi um lugar de encontro de críticos, artistas plásticos, arquitetos, banqueiros, advogados, gente das artes e da cultura que se cruzavam nesse lugar de desenho, no chiado.

O lugar da Galeria na arte contemporânea portuguesa é o lugar do desenho. O seu encerramento e a morte recente do seu fundador, colecionador e mecenas, deixou-nos uma lacuna, um vazio nesse lugar.

Esperemos que um dia, brevemente, outros ocupem esse lugar, do desenho, do pensamento e do silêncio.

Precisamos novamente desse lugar.

Referências Bibliográficas

- Afonso, Luís Urbano & Alexandra Fernandes (2019). Mercados da Arte, Lisboa, Edições Sílabo.
- Caldas, Manuel Castro (2006). "Lets we Forget" in Jorge Nesbitt Trabalhos Recentes, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- Crespo, Nuno "Pedro Cabrita Reis no Chiado" Jornal Público, 7 de outubro de 2012
- Diserens, Corinne (2020). "Ângela Ferreira" in Tudo o que eu quero/All I Want, Artsitas Portugeses de 1900 a 202 Portuguese Women Artists from 1900- 2020, Fundação Calouste Gulbenkian
- Freitas, Helena (2004). "Joaquim Bravo" in Joaquim Bravo A Cor e o Gesto, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- Henriques, Paulo (2013). A Loja do Desenho. No prelo
- Jorge, João Miguel Fernandes (2004). "A batalha entre o dragão negro e o dragão vermelho" in Sofia Areal Trabalhos Recentes Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- Lampo, Gaetan (2005). "Fora de Portas" in Ana Jotta Fora de Portas, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- Martins, Jorge (2013). Jorge Martins a Pele das Nuvens, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- Melo, Alexandre (1999). Arte e Mercado em Portugal: Inquérito às Galerias e a uma Carreira de Artista, Lisboa, OBS.
- Oliveira, Filipa (2005). "Na linha do olhar" in Julião Sarmiento Collector's Choice, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- Oliveira, João Esteves de (2002). Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- (2003). "Outros Desenhos para Guerra e Paz" in Júlio Pomar, Outros desenhos para Guerra e Paz, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- (2003). "Preto e Branco com Cor" in Jorge Martins Preto e Branco com Cor, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- (2004). "Graça Pereira Coutinho Memórias" in Graça Pereira Coutinho Memórias, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- (2005). "Collector's Choice" in, Julião Sarmiento Collector's Choice , Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- (2006). "Jorge Nesbitt Trabalhos Recentes" in Jorge Nesbitt Trabalhos Recentes, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

..... (2006). “O Desenho de um Arquitecto” in, Álvaro Siza O Desenho de um Arquitecto Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

..... (2006). “Costa Pinheiro Grande Escolha” in Costa Pinheiro Grande Escolha, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

..... (2007). Jorge Vieira Desenhos Escolhidos Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

..... (2008). “Júlio Pomar Desenhos para Dom Quixote de la Mancha” Júlio Pomar Desenhos para Dom Quixote de la Mancha, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

.....(2008). A Não Figuração nos anos 70 Trabalhos Escolhidos Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

..... (2010). “Deserto” in Fernando Calhau Deserto, , Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

..... (2012). "Pedro Cabrita Reis D'après nature, (possibly...)", Galeria João Esteves de Oliveira

.....(2012). À Maneiro do Ar.Co Ângela Dias Josefina Ribeiro Manuel Diogo Vasco Futscher, Galeria João Esteves de Oliveira

..... (2012). “Eduardo Souto Moura Esquissos de uma Vida” in Eduardo Souto Moura Esquissos de uma Vida, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

.....(2019) “Prefácio” in Moderno e Contemporâneo: A Coleção de João Esteves de Oliveira, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

Oliveira, Luísa Soares de (2007). "A autonomia do desenho" in Jorge Vieira Desenhos Escolhidos, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

..... (2016). “Obscuro objecto do Desejo” in Público, 2 de Maio de 2016

Pinharanda, João (2019). “Uma Coleção no Século.” in Moderno e Contemporâneo: A Coleção de João Esteves de Oliveira, Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa

Pomar, Alexandre (2002). “Coleccionador e Galerista” in Expresso. Cartaz, 26.10.2002

.....(2004). “(Des)fazar a feira” in Expresso.Actual, 27.11. 2004

Ramires, Maria Luísa Santana (2018). Galerias de Arte em Lisboa. Passado e presente, Dissertação de Mestrado em Mercados da Arte, Lisboa, Departamento de História ISCTE.

Ribeiro, António Pinto e Jurgens, Sandra (2020). Festa. Fúria. Femina -Obras da Coleção FLAD, Lisboa: Fundação Luso - Americana para o Desenvolvimento

Salema, Isabel (2011). “Todos os “Arquitectos Esquissam” in Público 22.5.2011

- (2016). “E os nus emergiram na obra de Cabrita Reis” in Público 27.3.2016
2016
- (2018). “Bienal de Veneza atribui Leão de Ouro a Souto de Moura pela radicalidade
de um gesto simples” in Público 26.5.2018
- Sardo, Delfim, (2003). “Desenhos Jorge Martins” in Pangloss Março/Abril
- Sarmiento, Julião (2010). “Deserto” in Fernando Calhau Deserto, Galeria João Esteves de
Oliveira, Lisboa
- Sasporte, José (2013). "Homenagens e Apropriações" in Jorge Martins A Pele das Nuvens,
Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- Simões, Pedro David Ribeiro (2016). O Mercado da Arte Moderna e Contemporânea em
Portugal (2005-2013). Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de letras.

Webgrafia

Addmore. <https://www.addmore.pt/> consulta em 1.7.22

A Esquina do Rio <https://aesquinadorio.blogs.sapo.pt/2019/05/> consulta em 19.8.22

Ângela Dias <https://angeladias.weebly.com/about.html> consulta em 19.9.22

Ângela Ferreira <https://angelaferreira.info/> consulta em 19.9.22

Apa. <https://www.apa.pt/index.php/pt/> consulta em 4.8.22

Appleton <https://appleton.pt/?lang=pt-pt> consulta em 18.7.23

Arco. <https://arco.pt/site/pt> consulta em 16.6 e 2.9 22

Artecapital. <https://www.artecapital.net/home.php> consulta em 4.8 e 16.9 22

Atelier Concorde <https://www.atelierconcorde.org/> consulta em 13.9.22

Artsy <https://www.artsy.net/> consulta em 22.9.22

<https://www.artissima.art/en/> consulta em 4.10.22

Atelier Júlio Pomar <https://www.ateliermuseujuliopomar.pt/> consulta em 10.9 e 11.10. 22

Brian Cronin <https://www.briancronin.com/> consulta em 16.9.22

Bruno Castro Fernandes <https://www.brunocastrosantos.com/> consulta em 13.9.22

Câmara Municipal de Matosinhos <https://www.cm-matosinhos.pt/> consulta em 11.2.23

Centro de Artes de Águeda <https://www.centroartesagueda.pt/> consulta em 19.5.23

Centro de Arte Oliva <https://centrodearteoliva.pt/> consulta em 21.5.23

Centro Português de Serigrafia <https://www.cps.pt/pt/> consulta em 16.9.22

Contemporânea <https://contemporanea.pt/> consulta em 8.2 e 23.9.22

Cristina Guerra – Contemporary Art <https://www.cristinaguerra.com/> consulta em 2.9.22

Diogo Guerra Pinto <https://diogoguerrapinto.weebly.com/> consulta em 13.9.22

Direção Geral da Educação <https://www.dge.mec.pt/> consulta em 2.9.22

Domingos Rego <http://www.domingosrego.com/index-2010.html> consulta em 20.9.22

Drawing Room <https://drawingroom.es/> consulta em 9.7.22 e 25.4.23

Fundação Arpad Szenes Vieira da Silva <http://fasvs.pt/> consulta em 6.5.22

Fundação Calouste Gulbenkian <https://gulbenkian.pt/> consulta em 16.5.22 e 4.1.23

Fundação EDP <https://www.fundacaoedp.pt/pt> consulta em 3.2.22

Fundação Júlio Pomar <https://fundacaojuliopomar.org/> consulta em 10.9.22

Galeria Belo - Galsterer <https://www.belogalsterer.com/> consulta em 2.9.22

Galeria Fernando Santos <https://galeriafernandosantos.com/> consulta em 2.9.22

Galeria Francisco Fino <https://www.franciscofino.com/> consulta em 2.9.22

Galeria Filomena Soares <https://www.gfilomenasoares.com/> consulta em 2.9.22

Galeria João Esteves de Oliveira <https://www.facebook.com/galeria.jestevesdeoliveira> consulta em 19.9 e 10.7.22

Galeria Miguel Nabinho <https://www.miguelnabinho.com/> consulta em 18.7.22

Galeria Pedro Oliveira <http://www.galeriapedrooliveira.com/> consulta 2.9.22

Galeria Quadrado Azul <https://www.quadradoazul.pt/pt/qa/> consulta em 19.8.22

Galeria Rui Freira Fine Arts <https://www.rui-freira.com/> consulta em 13.9.22

Galeria Salgadeiras <https://salgadeiras.com/galeria> consulta em 2.9.22

Galeria Uma Lulik <https://umalulikgallery.com/galeria/> consulta 2.6.22

Galeria Vera Cortês <https://www.veracortes.com/> consulta em 18.7.22

Galeria 3 + 1 <https://3m1arte.com/galeria> consulta em 2.9.22

Grémio Literário <https://www.gremioliterario.pt/historia.php> consulta em 14.2.22

Instituto de Filosofia da Nova <https://ifilnova.pt/> consulta em 2.9.22

Instituto Camões <https://www.instituto-camoes.pt/> consulta em 17.6.22

ARCO Lisboa <https://www.ifema.es/pt/arco/lisboa> consulta em 4.8.22

João Jacinto <http://www.joaojacinto.eu/> consulta em 20.9.22

Julião Sarmento <https://www.juliosarmento.com/> consulta em 2.6.22

Maat <https://www.maat.pt/> consulta em 2.9.22

Manuel Botelho <http://manuelbotelho.com/pt/> consulta em 10.1.23

Marco Pires <https://www.marcopires.com/> consulta em 20.9.22

Meer <https://www.meer.com/pt> consulta em 18.8.22

Michael Huey <https://michaelhuey.com/> consulta em 16.9.22

Monitor <https://www.monitoronline.org/lisbon/> consulta em 13.9.22

Museu de Arte Contemporânea <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/> consulta em 16.5 e 13.09.22

Museu do Casino do Estoril <http://museucasinoestoril.pt/> consulta em 11.2.23

Pedro Cabrita Reis <https://pedrocabritareis.com/> consulta em 10.9.22

Pedro Chorão <http://www.pedrochorao.com/index.html> consulta em 20.9.22

Project Map <https://www.projectomap.com/> consulta em 13.9.22

Público <https://www.publico.pt/> consulta em 16.9.22

Rui Chafes <https://ruichafes.net/> consulta em 2.6.22

Rui Sanches <http://www.ruisanches.com/pt> consulta em 20.9.22

Saraiva + Associados <https://www.saraivaeassociados.com/pt-pt/sobre/> consulta em 5.4.22

The Prizker Architecture Prize <https://www.pritzkerprize.com/> consulta em 17.9.22

Umbigo <https://umbigomagazine.com/pt/> consulta em 8.2.22

Uq Editions <https://www.uqeditions.com/> consulta em 11.9.22

Wolfgan Wirth <https://www.wolfgangwirth.com/> consulta em 16.9.22

Anexo A

Figura 1 João Esteves de Oliveira na Galeria, 2005	66
Figura 2 Fachada da Galeria João Esteves de Oliveira	66
Figura 3 Galeria João Esteves de Oliveira	66
Figura 4 Galeria João Esteves de Oliveira	67
Figura 5 Galeria João Esteves de Oliveira	67
Figura 6 Logo da Galeria	67
Figura 7 Primeiro catálogo editado pela Galeria, 2002.....	68
Figura 8 Convite da exposição de Pedro Chorão na Loja do Desenho, 28.01.1988.....	68
Figura 9 Catálogo da exposição de Costa Pinheiro <i>Grande Escolha</i> , 2006.....	69
Figura 10 Convite (desdobrável) da segunda exposição de José Loureiro na Galeria, 2013...	69
Figura 11 Quadro com o número de exposições que ocorreram na Galeria (2002-2019)	70
Figura 12 Capa do <i>Catalogue Raisonné das edições numerada 1972 – 2006</i> de Julião Sarmento, 2005.....	71
Figura 13 Capa do livro de Julião Sarmento lançado no dia da inauguração da exposição na Galeria, em 2012	71
Figura 14 Capa do livro <i>O Mundo é Redondo</i> ilustrado pelo artista Jorge Nesbitt e editado pela Galeria, em 2009.....	71
Figura 15 Quadro com o número de exposições que se realizaram na Galeria (2002-2019) ..	73
Figura 16 Convite da exposição <i>Acervo em Setembro e Ângela Dias Diogo Guerra Pinto</i> , 2010.....	74
Figura 17 Exposição <i>Salon D'un Refusé</i> , 17 a 22 de Novembro de 2004	74
Figura 18 Vista da exposição Jorge Martins <i>Preto e Branco com Cor</i> , 2003.....	75
Figura 19 Vista da exposição Jorge Martins <i>Preto e Branco com Cor</i> , 2003.....	75
Figura 20 Vista da exposição de Jorge Martins <i>Pintura Recente e Desenho</i> , 2005.....	75
Figura 21 Vista da exposição de Jorge Martins <i>Pintura Recente e Desenho</i> , 2005.....	75
Figura 22 Convite da exposição Jorge Martins <i>A Pele das Nuvens</i> , 2013.....	76
Figura 23 Vista da exposição <i>A Pele das Nuvens</i> , 2013	76
Figura 24 Convite da exposição Jorge Martins João Jacinto <i>Quem Vê Caras</i> , 2019.....	76
Figura 25 Julio Pomar e JEO na Galeria, 2003	76
Figura 26 Vista da exposição de Júlio Pomar <i>Desenhos para a Guerra e Paz</i> , 2003.....	77
Figura 27 Inauguração da exposição e lançamento do livro <i>La Mémoire du Sel</i> de Claude Michel Cluny acompanhado da série de <i>Le Sel de la Mémoire</i> de Júlio Pomar. O artista, galerista e Joaquim Vital (1948-2019) fundador da editora La Différence.	77
Figura 28 O ator Diogo Dória a declamar alguns poemas na Galeria, 2005.....	77
Figura 29 Capa do catálogo da exposição Júlio Pomar <i>Desenhos para Dom Quixote de la Mancha</i> , 2008.....	78
Figura 30 Desenho da série <i>Desenhos para Dom Quixote de la Mancha</i> de Júlio Pomar, 2008	78
Figura 31 Vista da exposição Pedro Cabrita Reis <i>Figos, Flores, Mulheres e Tudo o Mais</i> , 2004.....	78
Figura 32 Montagem da exposição Pedro Cabrita Reis <i>D'après nature, (possibly...)</i> , 2012 ...	79

Figura 33 Vista da exposição Pedro Cabrita Reis “D'après nature, (possibly...)” 2012.....	79
Figura 34 Vista da exposição Pedro Cabrita Reis <i>Horas Quietas</i> , 2012.....	79
Figura 35 Capa do livro Pedro Cabrita Reis, 2016 <i>Horas Quietas</i> , 2016.....	79
Figura 36 Convite da exposição Pedro Cabrita Reis <i>Cântico Negro</i> , 2017	80
Figura 37 Caixa/livro de artista <i>Cântico Negro</i> de Pedro Cabrita Reis, 2017	80
Figura 38 Caixa/livro de artista <i>Cântico Negro</i> de Pedro Cabrita Reis, 2017	80
Figura 39 Vista da exposição Julião Sarmiento <i>Collector’s Choice</i> , 2005	80
Figura 40 Vista da exposição Julião Sarmiento <i>Collector’s Choice</i> , 2005	81
Figura 41 Inauguração da exposição <i>Collector’s Choice</i> e lançamento do catalogue raisonné das edições numeradas de Julião Sarmiento.....	81
Figura 42 Inauguração da exposição <i>Collector’s Choice</i> e lançamento do catalogue raisonné das edições numeradas de Julião Sarmiento.....	81
Figura 43 Vista da exposição de Julião Sarmiento <i>Women, Houses, Plants (2008-2011)</i> , 2012	82
Figura 44 Vista da exposição de Julião Sarmiento <i>Women, Houses, Plants (2008-2011)</i> , 2012	82
Figura 45 Capa do livro Julião Sarmiento <i>Women, Houses, Plants (2008-2011)</i> , 2012.....	82
Figura 46 JEO, Cabrita e Julião. Inauguração da exposição Julião Sarmiento <i>Women, Houses, Plants (2008-2011)</i> , 2012.....	83
Figura 47 Os <i>Herdeiros do Ar.Co</i> da JEO	83
Figura 48 Jorge Nesbitt na Galeria, em 2006.....	83
Figura 49 Pintura a óleo sobre folha de livro, Jorge Nesbitt, 2006.....	83
Figura 50 Convite da exposição Jorge nesbitt <i>How to look at Pictures</i> , 2008.....	84
Figura 51 Desenho sobre a página de um livro, Jorge Nesbitt, 2008.....	84
Figura 52 Convite da exposição Jorge Nesbitt <i>The World is Round</i> , 2009.....	84
Figura 53 Capa do livro <i>O Mundo é Redondo</i> ilustrado pelo artista.....	84
Figura 54 Livro-caixa com seis serigrafias de Jorge Nesbitt	85
Figura 55 Jorge Nesbitt, linogravura. <i>Favorite Colour</i> , 2017	85
Figura 56 Vista da exposição <i>Trabalhos Recentes</i> , André Almeida e Sousa, 2006	85
Figura 57 Convite/facebook da exposição <i>Monólogos</i> , 2014	86
Figura 58 Vista da exposição <i>Ao Desafio</i> , 2013. Trabalhos de Vasco Monteiro.....	86
Figura 59 Vista da exposição <i>Ao Desafio</i> , 2013. Trabalhos de Diogo Guerra Pinto	86
Figura 60 Trabalho sobre papel de Ângela Dias, exposição <i>Dois em Um</i> , 2013.....	86
Figura 61 Vista da exposição <i>Binário</i> , Maria José Ortigão Ramos, 2017	87
Figura 62 Convite da exposição <i>À Maneira do AR.CO</i> , 2012	87
Figura 63 Vista da exposição <i>À Maneira do AR.CO</i> , 2012. Trabalhos de Josefina Ribeiro e de Manuel Diogo.....	87
Figura 64 Vista da exposição <i>À Maneira do AR.CO</i> , 2012. Trabalhos de Manuel Diogo.....	87
Figura 65 Vista de uma exposição na escola do Ar.Co Exposição de Outono/Open Studio. Quinta de São Miguel.....	88
Figura 66 Convite e vista da exposição Manuel Caldeira <i>Persian Peruvian Parisian</i> , 2012. 88	88
Figura 67 Vista da exposição Manuel Caldeira <i>Persian Peruvian Parisian</i> , 2012.....	88
Figura 68 Convite da exposição Manuel Caldeira <i>Spettacolo</i> , 2017	88
Figura 69 Vista da exposição Manuel Caldeira <i>Spettacolo</i> , 2017.....	89

Figura 70 Siza, JEO e Pomar no atelier do arquiteto Siza Vieira, 2006	89
Figura 71 Convite da segunda exposição de Siza Vieira, 2011	89
Figura 72 Trabalho sobre papel de Álvaro Siza, 2007	90
Figura 73 Trabalho sobre papel de Álvaro Siza, 2006	90
Figura 74 Trabalho sobre papel de Souto Moura, 2005	90
Figura 75 Convite/Facebook da exposição de Ricardo Bak Gordon, Com cor ao projecto, 2015	91
Figura 76 Convite da exposição de Manuel Aires Mateus <i>Caderno da Alhambra</i> , 2015.....	91
Figura 77 <i>As Artistas da JEO</i>	92
Figura 78 Vista da exposição Sofia Areal, <i>Trabalhos recentes</i> , 2004	92
Figura 79 Sofia Areal no atelier, 2008	92
Figura 80 Trabalho sobre papel de Sofia Areal, 2008.....	92
Figura 81 Trabalho sobre papel de Sofia Areal, 2016.....	93
Figura 82 Vista do stand da Galeria Arte Lisboa, 2005.	93
Figura 83 Trabalho sobre papel de Graça Pereira Coutinho, 1987	93
Figura 84 Trabalho sobre papel de Graça Pereira Coutinho, 1989	93
Figura 85 Vista da exposição <i>Fora de Portas</i> de Ana Jotta, 2004.....	94
Figura 86 JEO e Ana Jotta na Galeria, 2004	94
Figura 87 Convite da exposição de Adriana Molder <i>Mad About the Boy</i> , 2012.....	94
Figura 88 Adriana Molder na Galeria, 2012	94
Figura 89 Trabalhos de Cecília Costa expostos no stand da feira ARCO/Lisboa 2016.....	95
Figura 90 Convite da exposição de Ângela Ferreira <i>Diamantes, Obeliscos e Outros</i> , 2018... 95	95
Figura 91 Convite da exposição <i>Inclinação Natural</i> de Domingos Rego, 2010.....	95
Figura 92 Newsletter da exposição <i>Rosa Rosarum</i> de João Jacinto, 2009	95
Figura 93 Convite da exposição da exposição Miguel Branco <i>Terra</i> , 2014	96
Figura 94 Vista da exposição de Miguel Branco <i>Terra</i> , 2014	96
Figura 95 Convite da exposição de Rui Sanches <i>Gratia Plena</i> , 2009	96
Figura 96 Convite/facebook da exposição de João Queiroz <i>Sombras</i> , 2014	96
Figura 97 Convite da primeira exposição individual de Pedro Calapez <i>Suave Paisagem</i> , 2011	97
Figura 98 Convite da exposição de Pedro Calapez <i>Desenho e Construção</i> , 2011.....	97
Figura 99 Convite da exposição de Rui Chafes <i>Inferno (A Minha Minha Fraqueza é Muito Forte)</i>	97
Figura 100 Vista da exposição de José Loureiro, <i>Cadeiras Amestradas</i> , 2007	97
Figura 101 Vista da exposição de Jorge Pinheiro, <i>A Não Figuração nos anos 70 – Trabalhos Escolhidos</i> , 2007	98
Figura 102 Convite/Facebook para a exposição de António Olaio, <i>Yong People Thinkig about each other (cabeças em trânsito)</i> , 2016	98
Figura 103 Vista da exposição de Marco Pires <i>Trabalhos Recentes</i> , 2009	98
Figura 104 Convite da segunda exposição de Marco Pires, <i>Ouvido no Deserto</i> , 2017	98
Figura 105 Vista da exposição de José Pedro Croft <i>Espaços de Configuração</i> , 2016	99
Figura 106 Convite da exposição de Fernando Calhau <i>Deserto</i> , 2010	99
Figura 107 Convite da exposição de Álvaro Lapa, 2012	99
Figura 108 Vista da exposição de Joaquim Bravo <i>A Cor e o Gesto</i> , 2004	99

Figura 109 Vista da exposição de Jorge Vieira <i>Desenhos Escolhidos</i> , 2007.....	100
--	-----



Figura 1 João Esteves de Oliveira na Galeria, 2005



Figura 2 Fachada da Galeria

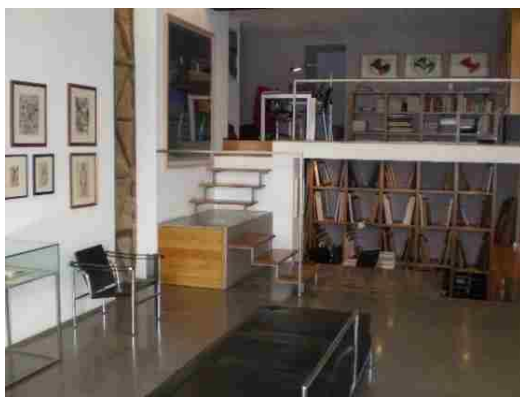


Figura 3 Galeria João Esteves de Oliveira



Figura 4 Galeria João Esteves de Oliveira, escadas de acesso ao segundo piso

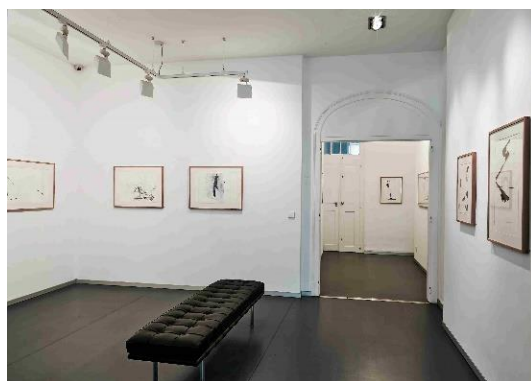


Figura 5 Galeria João Esteves de Oliveira, segundo piso



Figura 6 Logo da Galeria, desenhado por Henrique Cayatte

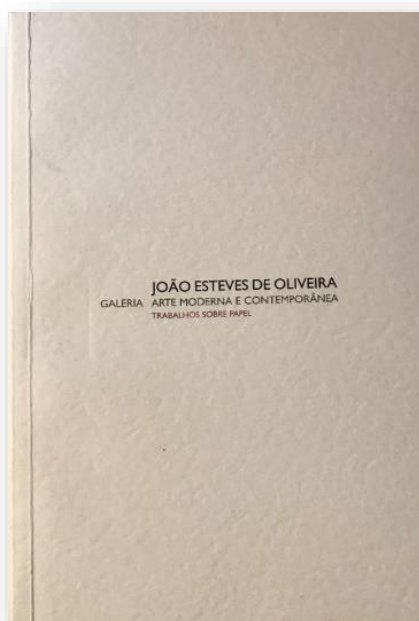


Figura 7 Primeiro catálogo editado pela Galeria, 2002

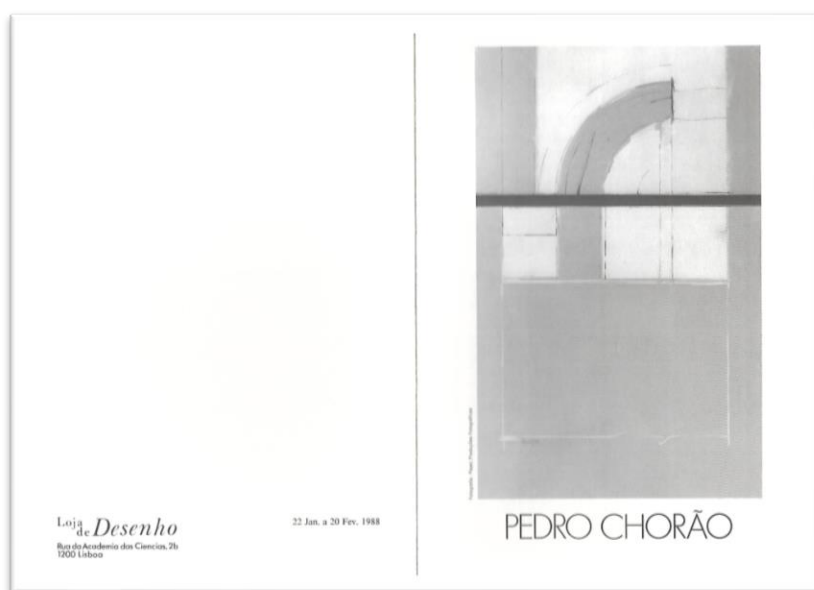


Figura 8 Convite da exposição de Pedro Chorão na Loja do Desenho, 28.01.1988

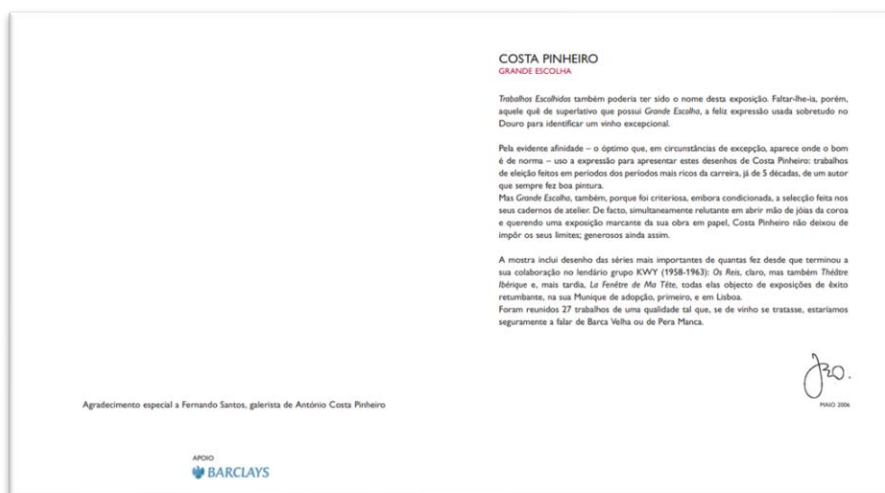


Figura 9 Catálogo da exposição de Costa Pinheiro *Grande Escolha*, 2006, teve o apoio do Banco Barclays
O catálogo da exposição de Costa Pinheiro Grande Escolha, em 2006, teve o apoio do Banco Barclays

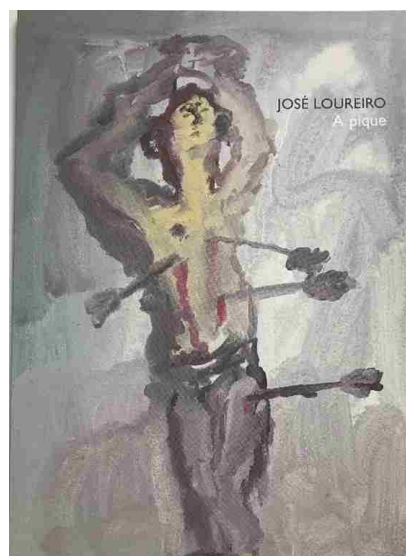


Figura 10 Convite (desdobrável) da segunda exposição de José Loureiro na Galeria, 2013

N. ° de exposições (2002 – 2019)							
Ano	Individual	Acervo	Group Show	Dueto	Not for Sale	Feira	Catálogo
2002		1					1
2003	3	1					4
2004	4	3					4
2005	4	2				1	5
2006	6	1				1	5
2007	4	2				1	3
2008	6	1				1	6
2009	4	2				1	2
2010	3	1	2			1	5
2011	5	1					3
2012	5		1			1	2
2013	3	2		2		1	1
2014	4		1	1		1	1
2015	4	1		1		1	2
2016	5	1				1	
2017	4		1	1		1	1
2018	4	1		1			
2019	1	1			1		
	69	21	5	6	1	12	45

Figura 11 Número de exposições que ocorreram na Galeria (2002-2019)



Figura 12 Capa do *Catalogue Raisonné das edições numerada 1972 – 2006* de Julião Sarmento, 2005

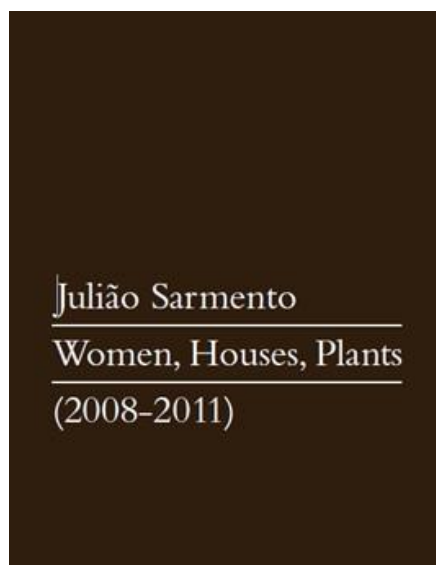


Figura 13 Capa do livro de Julião Sarmento lançado no dia da inauguração da exposição na Galeria, em 2012



Figura 14 Capa do livro *O Mundo é Redondo* ilustrado pelo artista Jorge Nesbitt e editado pela Galeria, em 2009

	2002		2009
1	Acervo	44	<i>Regresso ao Acervo</i>
	2003	45	João Jacinto Rosa <i>Rosarum</i>
2	Jorge Martins, <i>Preto e branco com cor. Trabalhos dos anos 70</i>	46	Rui Sanches <i>Gratia Plena</i>
3	<i>Back to Basics</i>	47	<i>Salon D'été 2009</i>
4	Júlio Pomar, <i>Outros desenhos para Guerra e Paz</i>	48	Jorge Nesbitt <i>O Mundo é redondo</i>
5	Bernardo Marques <i>De Museu</i>	49	Arte Lisboa 2009
	2004	50	Marco Pires <i>Obras sobre Papel</i>
6	Acervo de Novo		2010
7	Joaquim Bravo <i>A Cor e o Gesto</i>	51	Alexandre Conefrey, Gil Heitor Cortesão e Rosa Carvalho <i>O Arquitecto de Nuvens</i>
8	Graça Pereira Coutinho <i>Memórias</i>	52	Domingos Rego <i>Inclinação Natural</i>
9	"Acerochage"	53	Miguel Branco, Marcelo Costa, Brian Cronin, <i>Corpo Translúcido</i>
10	Pedro Cabrita Reis <i>Figos, Flores, Mulheres e tudo o Mais</i>	54	<i>Acervo em setembro + Ângela Dias e Diogo Guerra Pinto</i>
11	"Salon D'un Refusé"	55	Fernando Calhau <i>Deserto</i>
12	Sofia Areal <i>Trabalhos Recentes</i>	56	Arte Lisboa 2010
	2005	57	Emmérico Nunes <i>Vida Elegante</i>
13	<i>Regresso ao Acervo</i>		2011
14	Pedro Chorão <i>Vintage + Obras Recentes</i>	58	Pedro Chorão <i>Trabalhos Recentes</i>
15	Ana Jotta <i>Fora de Portas</i>	59	Pedro Calapez <i>Suave Paisagem</i>
16	Claude Michel Cluny <i>La Mémoire du sel</i> Júlio Pomar <i>Le Sel de la Mémoire</i>	60	Álvaro Siza <i>Todas as Cidades são a Minha Cidade</i>
17	"Salon D'Été"	61	<i>Regresso ao Acervo e Rita Magalhães + Almodena Lobera</i>
18	Júlio Sarmiento <i>Collector's Choice</i>	62	Rui Chafes <i>Inferno Inferno (A minha fraqueza é muito forte)</i>
19	Arte Lisboa	63	Álvaro Lapa <i>Desenhos para o Metro</i>
20	Jorge Martins <i>Pintura Recente e Desenho</i>		2012
	2006	64	Adriana Molder <i>Mad about the boy</i>
21	Mário Cesariny <i>Drama</i>	65	Manuel Caldeira <i>Persian Peruvian Parisian</i>
22	Jorge Nesbitt <i>Trabalhos Recentes</i>	66	APPA Feira de Arte e Antiguidades
23	Álvaro Siza <i>O Desenho de um Arquitecto</i>	67	Júlio Sarmiento <i>Women, Houses, Plants</i>
24	Costa Pinheiro <i>Grande Escolha</i>	68	Ângela Dias Josefina Ribeiro Manuel Diogo Vasco Futscher <i>À Maneira do Ar.Co</i>
25	<i>Regresso ao Acervo II</i>	69	Pedro Cabrita Reis <i>D'après Nature (Possibly...)</i>
26	António Sena 1979 91 92 2004 <i>Obras sobre papel</i>	70	Eduardo Souto Moura <i>Esquissos de uma Vida</i>
27	Arte Lisboa 2006		2013
28	André Almeida e Sousa <i>Trabalhos Recentes</i>	71	Jorge Martins <i>A Pele das Nuvens</i>
	2007	72	Diogo Guerra Pinto e Vasco Monteiro <i>Ao Desafio</i>
29	Acervo de Novo II	73	APPA Feira de Arte e Antiguidades
30	Jorge Vieira <i>Desenhos Escolhidos</i>	74	Rui Chafes <i>A Arte no Espaço Público</i>
31	Manuel Botelho <i>Rigor Mortis</i>	75	Jorge Nesbitt e Ângela Dias <i>Dois em Um</i>
32	<i>Salon D'été 2007</i>	76	Moderno e Contemporâneo + Eugénia Mussa
33	José Loureiro <i>Cadeiras Amestradas</i>	77	José Loureiro <i>A Pique</i>
34	Arte Lisboa	78	<i>O Melhor do Acervo</i>
35	Júlio Sarmiento <i>Catalogue Raisonné</i>		2014
	2008	79	Miguel Branco <i>Terra</i>
36	Joachim Bandau <i>Transparências</i>	80	João Queiroz <i>Sombras</i>
37	Rui Patato <i>Trabalhos Recentes</i>	81	João Jacinto <i>S&M e outras Histórias</i>
38	Jorge Pinheiro <i>A Não Figuração nos anos 70 Trabalhos Escolhidos</i>	82	André Almeida e Sousa, Diogo Guerra Pinto, Eugénia Mussa e Manuel Gantes e Paulo Miguel Lopes <i>Monólogos</i>
39	<i>Salon D'été 2008</i>	83	Est Art Fair
40	Jorge Nesbitt <i>How to look at Pictures</i>	84	Sandra Vasquez de la Horra <i>Todas íbamos a ser Reinas</i>
41	Sofia Areal <i>Aforismos</i>	85	Ana Jotta e Manuel Caldeira <i>Araruta</i>
42	Arte Lisboa 2008		
43	Júlio Pomar <i>Desenhos para Dom Quixote de la Mancha</i>		

	2015
86	Cecília Costa + Domingos Rego <i>Traço Contínuo</i>
87	Ricardo Bak Gordon <i>Com cor ao Projecto</i>
88	APPA Feira de Arte e Antiguidades
89	André Derain <i>O Ocaso de um Fauve</i>
90	Acervo + Jorge Queiroz
91	Manuel Aires de Mateus <i>Cadernos da Alhambra</i>
92	Álvaro Siza <i>Página Sagrada</i>
	2016
93	José Pedro Croft <i>Espaços de Configuração</i>
94	Pedro Cabrita Reis <i>Horas Quietas</i>
95	ARCOILISBOA
96	António Olaio Young <i>people thinking about each other (cabeças em trânsito)</i>
97	<i>Não há Folha de Sala</i>
98	Milly Possoz <i>Portugues Suave</i>
99	Sofia Areal <i>Variações sobre o mesmo tema</i>
	2017
100	Bruno Castro Santos Maria José Ortigão Ramos <i>Binário</i>
101	Jorge Nesbitt <i>A Favorite Colour</i>
102	Miguel Branco, Michael Huey, Wolfgang Witth, <i>A Place in the East</i>
103	ARCO/LISBOA 2017
104	Pedro Cabrita Reis <i>Cântico Negro</i>
105	Marco Pires <i>Ouvindo no Deserto</i>
	Manuel Caldeira <i>Spettacolo</i>
	2018
106	Vasco Araújo <i>Partir a Loiça</i>
107	Pedro Calapez <i>Desenho e Construção</i>
108	Ângela Ferreira <i>Diamantes, Obelisco e Outros</i>
109	<i>Primavera Verão</i>
110	Álvaro Siza <i>À Mão Livre</i>
111	Jorge Martins e João Jacinto <i>Quem Vê Caras</i>
	2019
112	Eduardo Souto Moura <i>Páginas Soltas</i>
113	<i>Sale</i>
114	<i>Not For Sale</i>
	Individual
	Acervo
	Group Show
	Dueto
	Feira

Figura 15 Exposições que se realizaram na Galeria (2002-2019)



Figura 16 Convite da exposição *Acervo em Setembro e Ângela Dias Diogo Guerra Pinto*, 2010



Figura 17 Exposição *Salon D'un Refusé*, 17 a 22 de Novembro de 2004

Texto na parede:

Salon D'un Refusé. A Razão de Ser

Os Salons, majestosas exposições colectivas organizadas anualmente pela Académie Royale de la Peinture et de la Sculpture, eram, na França do séc. XIX, os bastiões do gosto instalado. Que defendiam sem transigência.

Neles só expunham os artistas aprovados por um júri de selecção composto, naturalmente, por elementos da Academia.

Sensível aos protestos daqueles que viam as suas obras sistematicamente recusadas no Salon oficial, Napoleão III decidiu criar, em 1863, o Salon des Refusés. Foi o escândalo e a direcção da Academia ameaçou demitir-se.

Desencadeou-se aí a famosa polémica entre Émile Zola e os futuros impressionistas, por um lado, e os partidários das posições da Academia. Baudelaire viria a juntar-se aos primeiros.

Nos Refusés expuseram, entre outros, Manet, Cézanne, Pissarro, Fantin Latour e Monet, tendo sido na primeira edição deste Salon alternativo que Manet propôs o "Déjeuner sur l'herbe," incontestadamente uma das suas obras maiores.

Só por graça, claro, se pode associar os factos descritos a este outro, quase irrelevante, que foi o de a Galeria João Esteves de Oliveira ter visto recusada, com tosca justificação, a sua presença na ARTE LISBOA 2004.

Mas uma tal associação de ideias, abusiva que seja, para além de lhe servir de pretexto deu um bom título para esta suculenta exposição. Lá isso deu!



Figura 18 Vista da exposição Jorge Martins *Preto e Branco com Cor*, 2003



Figura 19 Vista da exposição Jorge Martins *Preto e Branco com Cor*, 2003

Os trabalhos expostos, feitos a grafite ou pintados a acrílico, apresentavam uma unidade de conjunto, refletiam luz.



Figura 20 Vista da exposição de Jorge Martins *Pintura Recente e Desenho*, 2005



Figura 21 Vista da exposição de Jorge Martins *Pintura Recente e Desenho*, 2005



Figura 22 Convite da exposição Jorge Martins *A Pele das Nuvens*, 2013



Figura 23 Vista da exposição *A pele das Nuvens*, 2013



Figura 24 Convite da exposição Jorge Martins João Jacinto *Quem vê caras*, 2019

Nesta exposição as obras de João Jacinto, algumas coloridas por carvão, pastel seco, óleo, acrílico, lápis de cera e spray contrastavam com a simplicidade dos desenhos a grafite de Jorge Martins.



Figura 25 Julio Pomar e JEO na Galeria, 2003



Figura 26 Vista da exposição de Júlio Pomar *Desenhos para a Guerra e Paz*, 2003



Figura 27 Inauguração da exposição e lançamento do livro *La Mémoire du Sel* de Claude Michel Cluny acompanhado da série de *Le sel de La Mémoire* de Júlio Pomar. O artista, galerista e Joaquim Vital (1948-2019) fundador da editora La Différence.

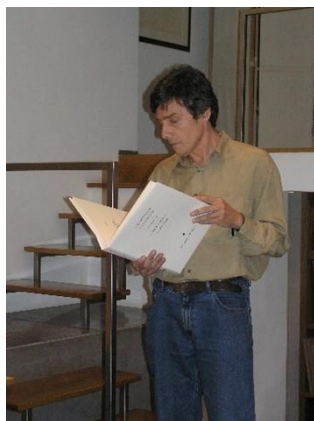


Figura 28 O ator Diogo Dória a declamar alguns poemas na Galeria, 2005



Figura 29 Capa do catálogo da exposição Júlio Pomar *Desenhos para Dom Quixote de la Mancha* , 2008



Figura 30 Desenho da série *Desenhos para Dom Quixote de la Mancha* de Júlio Pomar, 2008



Figura 31 Vista da exposição Pedro Cabrita Reis *Figos, Flores, Mulheres e Tudo o Mais*, 2004



Figura 32 Montagem da exposição Pedro Cabrita Reis *D'après nature, (possibly...)* 2012



Figura 33 Vista da exposição Pedro Cabrita Reis *D'après nature, (possibly...)* 2012

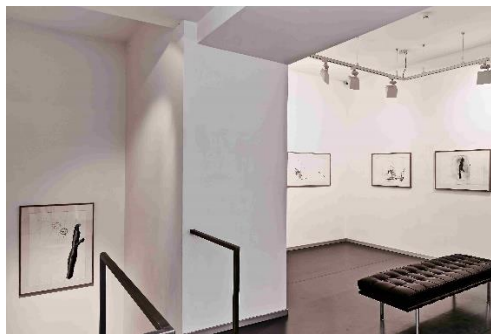


Figura 34 Vista da exposição Pedro Cabrita Reis *Horas Quietas*, 2012



Figura 35 Capa do livro Pedro Cabrita Reis, 2016 *Horas Quietas*, 2016



Figura 36 Convite da exposição Pedro Cabrita Reis *Cântico Negro*, 2017



Figura 37 Caixa/livro de artista *Cântico Negro* de Pedro Cabrita Reis, 2017



Figura 38 Caixa/livro de artista *Cântico Negro* de Pedro Cabrita Reis, 2017

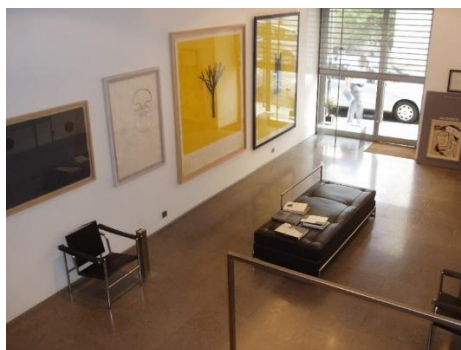


Figura 39 Vista da exposição Julião Sarmento *Collector's Choice*, 2005



Figura 40 Vista da exposição Julião Sarmiento *Collector's Choice*, 2005



Figura 41 Inauguração da exposição *Collector's Choice* e lançamento do catalogue raisonné das edições numeradas de Julião Sarmiento.
Da esquerda para a direita: Delfim Sardo, Julião Sarmiento, António Franco (1955-2020) diretor do MEIAC e João Esteves de Oliveira, 2005



Figura 42 Inauguração da exposição *Collector's Choice* e lançamento do catalogue raisonné das edições numeradas de Julião Sarmiento.



Figura 43 Vista da exposição de Julião Sarmiento *Women, Houses, Plants* (2008-2011), 2012



Figura 44 Vista da exposição de Julião Sarmiento *Women, Houses, Plants* (2008-2011), 2012

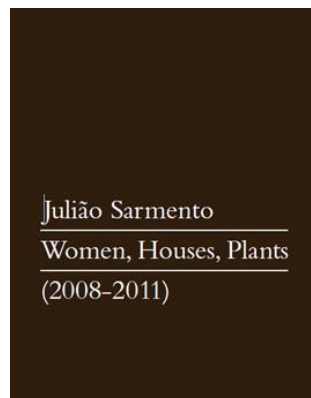


Figura 45 Capa do livro Julião Sarmiento *Women, Houses, Plants* (2008-2011), 2012



Figura 46 JEO, Cabrita e Julião. Inauguração da exposição Julião Sarmiento *Women, Houses, Plants (2008-2011)*, 2012

"Herdeiros de Ar.Co"	
1	André Almeida e Sousa (1974)
2	Ângela Dias (1976)
3	Bruno Castro Santos (1972)
4	Diogo Guerra Pinto (1971)
5	Constança Meira (1965)
6	Eugénia Mussa (1978)
7	Jorge Nesbitt (1972)
8	Josefina Ribeiro (1962)
9	Manuel Caldeira (1979)
10	Manuel Diogo (1969)
11	Marcelo Costa (1978)
12	Maria José Ortigão Ramos (1966)
13	Paulo Miguel Lopes (1967)
14	Vasco Futscher (1987)
15	Vasco Monteiro (1957)

Figura 47 Os *Herdeiros do Ar.Co* da JEO

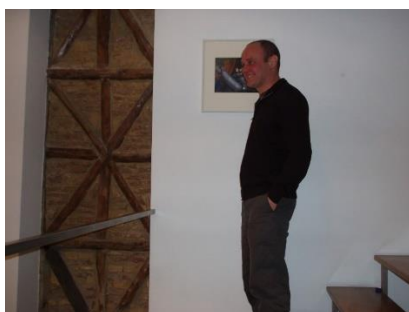


Figura 48 Jorge Nesbitt na Galeria, em 2006



Figura 49 Pintura a óleo sobre folha de livro, Jorge Nesbitt, 2006



Figura 50 Convite da exposição Jorge nesbitt *How to look at Pictures*, 2008

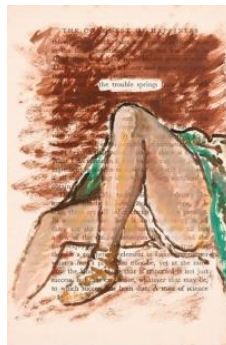


Figura 51 Desenho sobre a página de um livro, Jorge Nesbitt, 2008



Figura 52 Convite da exposição Jorge Nesbitt *The World is Round*, 2009



Figura 53 Capa do livro *O Mundo é Redondo* ilustrado pelo artista



Figura 54 Livro-caixa com seis serigrafias de Jorge Nesbitt



Figura 55 Jorge Nesbitt, linogravura. *Favorite Colour*, 2017



Figura 56 Vista da exposição *Trabalhos Recentes*, André Almeida e Sousa, 2006



Figura 57 Convite/facebook da exposição *Monólogos*, 2014

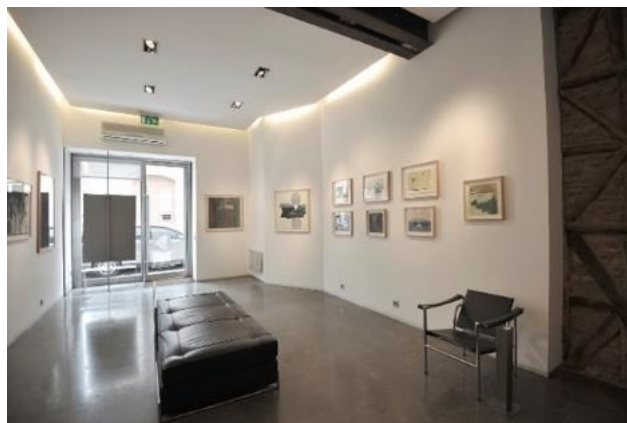


Figura 58 Vista da exposição *Ao Desafio*, 2013. Trabalhos de Vasco Monteiro



Figura 59 Vista da exposição *Ao Desafio*, 2013. Trabalhos de Diogo Guerra Pinto

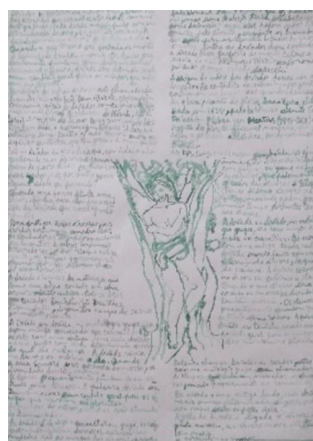


Figura 60 Ângela Dias, aguarela sobre papel, 59,5 x 42 cm, exposição *Dois em Um*, 2013



Figura 61 Vista da exposição *Binário*, Maria José Ortigão Ramos, 2017



Figura 62 Convite da exposição *À Maneira do AR.CO*, 2012



Figura 63 Vista da exposição *À Maneira do AR.CO*, 2012. Trabalhos de Josefina Ribeiro e de Manuel Diogo



Figura 64 Vista da exposição *À Maneira do AR.CO*, 2012. Trabalhos de Manuel Diogo



Figura 65 Vista de uma exposição na escola do Ar.Co Exposição de Outono/Open Studio. Quinta de São Miguel¹²¹



Figura 66 Convite e vista da exposição Manuel Caldeira *Persian Peruvian Parisian*, 2012



Figura 67 Vista da exposição Manuel Caldeira *Persian Peruvian Parisian*, 2012

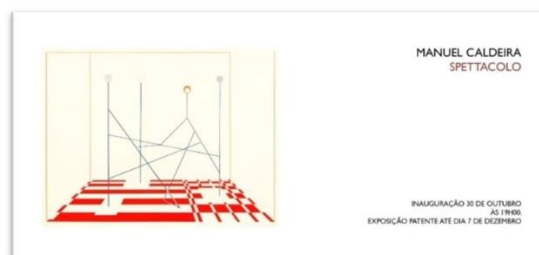


Figura 68 Convite da exposição Manuel Caldeira *Spettacolo*, 2017

¹²¹ <https://www.arcoabecedario.pt/entries/115?locale=pt> (consulta em 14.10.22)



Figura 69 Vista da exposição Manuel Caldeira *Spettacolo*, 2017



Figura 70 Siza, JEO e Pomar no atelier do arquiteto Siza Vieira, 2006



Figura 71 Convite da segunda exposição de Siza Vieira, 2011



Figura 72

Álvaro Siza
Cristãos Orantes
Grafite s/papel
42 x 29.7 cm
Assinado, 2007
Exposição Álvaro Siza *Página Sagrada*, 2015



Figura 73

Eduardo Souto Moura
Casa das Histórias – Paula Rego
Tinta s/papel
15 x 21 cm
Assinado, 2006
Exposição Souto Moura, *Esquissos de uma Vida*, 2012

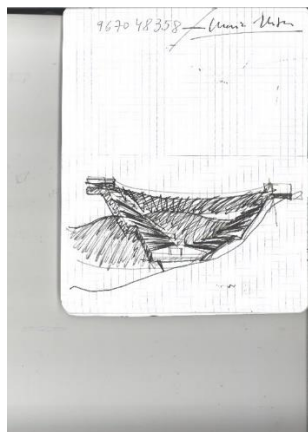


Figura 74

Eduardo Souto Moura
Estádio de Braga
Tinta s/papel
10,5 x 14,8cm
Assinado, 2005
Exposição *Páginas Soltas*, 2019



Figura 75 Convite/Facebook da exposição de Ricardo Bak Gordon, *Com Cor ao Projecto*, 2015

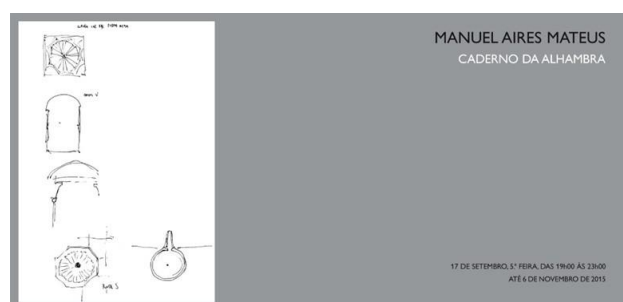


Figura 76 Convite da exposição de Manuel Aires Mateus *Caderno da Alhambra*, 2015

As "Artistas da JEO"	
1	Adriana Molder (1975)
2	Ângela Dias (1976)
3	Ângela Ferreira (1958)
4	Cecília Costa (1971)
5	Constança Meira (1965)
6	Eugénia Mussa (1978)
7	Graça Pereira Coutinho (1949)
8	Josefina Ribeiro (1962)
9	Maria José Ortigão Ramos (1966)
10	Maria José Ortigão Ramos (1966)
11	Maria José Ortigão Ramos (1966)
12	Rita Magalhães (1974)
13	Rosa Carvalho (1952)
14	Sofia Areal (1960)

Figura 77 As Artistas da JEO



Figura 78 Vista da exposição Sofia Areal, *Trabalhos Recentes*, 2004



Figura 79 Sofia Areal no atelier, 2008



Figura 80

Sofia Areal
Acrílico, tinta da China, aguarela e grafite s/papel
113 x 119 cm
Exposição Sofia Areal *Aforismos*, 2008



Figura 81

Sofia Areal
Técnica mista e colagem
75 x 100 cm
Exposição *Variações do mesmo Tema*, 2016



Figura 82 Vista do stand da Galeria Arte Lisboa, 2005.



Figura 83

Graça Pereira Coutinho
Técnica mista s/cartão
58,2 x 41,2 cm
Assinado, 1987
Exposição Graça Pereira Coutinho *Memórias*, 2005



Figura 84

Graça Pereira Coutinho
Técnica mista s/cartão
56 x 55,2 cm
Assinado, 89
Exposição Graça Pereira Coutinho *Memórias*, 2005



Figura 85 Vista da exposição *Fora de Portas* de Ana Jotta, 2004



Figura 86 JEO e Ana Jotta na Galeria, 2004



Figura 87 Convite da exposição de Adriana Molder *Mad About the Boy*, 2012



Figura 88 Adriana Molder na Galeria, 2012



Figura 89 Trabalhos de Cecília Costa expostos no stand da feira ARCO/Lisboa 2016

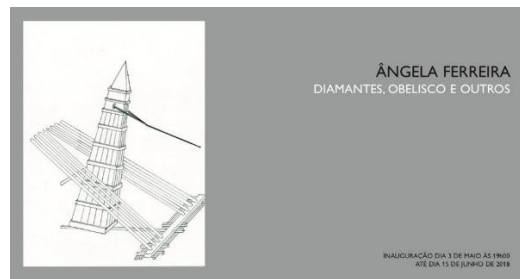


Figura 90 Convite da exposição de Ângela Ferreira *Diamantes, Obeliscos e Outros*, 2018

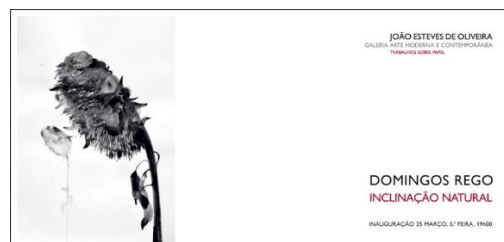


Figura 91 Convite da exposição *Inclinação Natural* de Domingos Rego, 2010



Figura 92 Newsletter da exposição *Rosa Rosarum* de João Jacinto, 2009

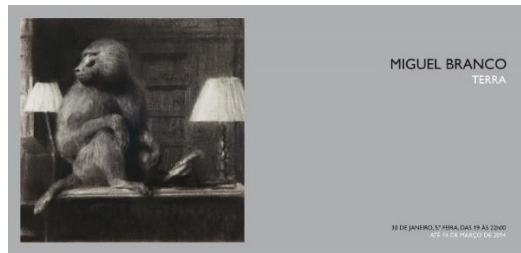


Figura 93 Convite da exposição da exposição Miguel Branco *Terra*, 2014



Figura 94 Vista da exposição de Miguel Branco *Terra*, 2014

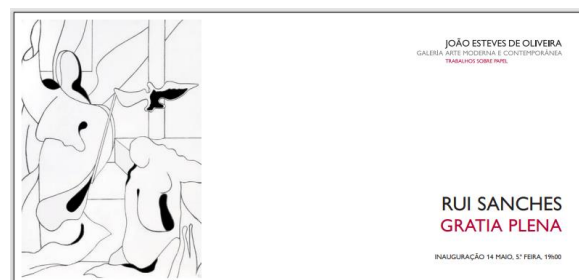


Figura 95 Convite da exposição de Rui Sanches *Gratia Plena*, 2009

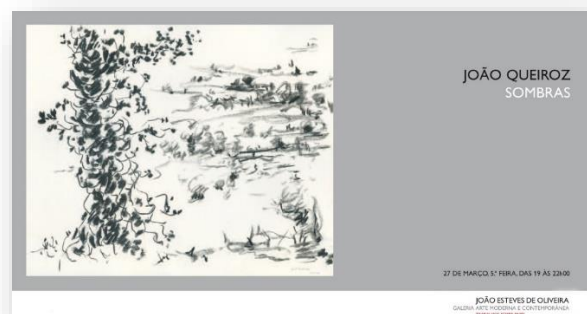


Figura 96 Convite/facebook da exposição de João Queiroz *Sombras*, 2014

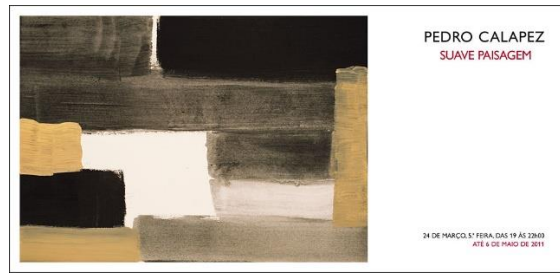


Figura 97 Convite da primeira exposição individual de Pedro Calapez *Suave Paisagem*, 2011



Figura 98 Convite da exposição de Pedro Calapez *Desenho e Construção*, 2011



Figura 99 Convite da exposição de Rui Chafes *Inferno (A Minha Minha Fraqueza é Muito Forte)*, 2011



Figura 100 Vista da exposição de José Loureiro, *Cadeiras Amestradas*, 2007



Figura 101 Vista da exposição de Jorge Pinheiro, *A Não Figuração nos anos 70 – Trabalhos Escolhidos*, 2007



Figura 102 Convite/Facebook para a exposição de António Olaio, *Yong People Thinkig about Each Other (cabeças em trânsito)*, 2016



Figura 103 Vista da exposição de Marco Pires *Trabalhos Recentes*, 2009



Figura 104 Convite da segunda exposição de Marco Pires, *Ouvido no Deserto*, 2017



Figura 105 Vista da exposição de José Pedro Croft *Espaços de Configuração*, 2016



Figura 106 Convite da exposição de Fernando Calhau *Deserto*, 2010

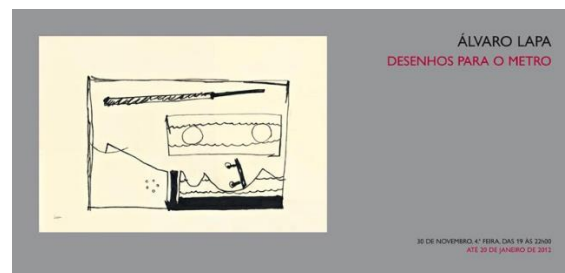


Figura 107 Convite da exposição de Álvaro Lapa *Desenhos para o Metro*, 2012



Figura 108 Vista da exposição de Joaquim Bravo *A Cor e o Gesto*, 2004



Figura 109 Vista da exposição de Jorge Vieira *Desenhos Escolhidos*, 2007

Anexo B

Índice do Anexo

Excerto do discurso de João Esteves no dia 24 de janeiro de 2020 -----	102
Loja de desenho-----	104
Entrevista realizada a João Esteves de Oliveira, em sua casa, no mês de julho de 2021-----	107
Entrevista realizada à directora da Drawingroom, Mónica Álvarez Careaga, no dia 24 de novembro de 2021. -----	112
Texto de Julião Sarmento sobre João Esteves de Oliveira, 2019 -----	117

Excerto do discurso de João Esteves de Oliveira no lançamento do livro *Moderno e Contemporâneo: A colecção de João Esteves de Oliveira* na Livraria Travessa no dia 24 de janeiro de 2020



Figura 110 Convite para o lançamento do livro *Moderno e Contemporâneo: A colecção de João Esteves de Oliveira* na Livraria Travessa no dia 24 de Janeiro 2020

“Boa tarde a todos, grato pela vossa presença, pelo interesse que ela demonstra, interesse que eu tentarei não desapontar.

Grato também, claro, aos meus bons amigos João Pinharanda e Pedro Cabrita Reis que aceitaram acompanhar-me na apresentação de um livro para o qual, um e outro, cada um à sua maneira, muito contribuíram para compor aquilo que, sem eles, correria o risco de não ficar muito mais do que outro livro de arte, coisa sem carácter, coisa que se folheia e que se põe de lado para uma leitura mais cuidada que tantas vezes acaba por nunca acontecer.

- O João Pinharanda porque com excelente texto que escreveu, muito ajudou a tornar mais fácil e mais esclarecedor a visita à coleção.

- O PCR porque com 14 trabalhos de muita qualidade, o que não surpreende, trouxe um contributo muito relevante, contributo esse que só não é de maior interesse ainda porque, por incúria minha, falta de cuidado, distração, o que quiserem, deixei que dois dos seus mais interessantes trabalhos pertencentes à Coleção, não figuram no livro!

Esquecimento, desatenção, falta de rigor... o que quiserem, masimperdoável!

Bem, mas não é a morte de homem!

É que com este livro pretendo arrumar, não encerrar a coleção iniciada quando não tinha ainda para levar a vida tão a sério; obsessões tais eram coisas próprias de pessoas mais maduras, com as vidas mais orientadas e, sobretudo, com mais dinheiro no bolso!

Tudo isto para dizer que, às tantas, se eu continuar tão entusiasmado com o brinquedo, outro livro haverá e terei aí a possibilidade de me redimir, nele incluindo as duas imagens que devo ao Pedro e, claro, os outros dos trabalhos que, entretanto, lhe terei comprado.

Estou aqui hoje como colecionador, claro, e como ex-galerista que exerceu essa atividade durante 16 anos, que a abandonou há pouco mais de 6 meses e da qual já vai tendo saudades.

As duas condições têm muita coisa em comum, claro e, talvez por isso mesmo, são ambas da minha predileção, o seu exercício dá-me um enorme gozo, um enorme prazer e, em ambos, é o trabalho sobre papel que tem o protagonismo principal – não que enquanto colecionador de artes plásticas compre apenas trabalhos sobre papel, mas é este, sem dúvida, o suporte de esmagadora maioria das obras que compro, é esta disciplina que mais me atrai.

Não houve um click qualquer que me levasse a iniciar a coleção, mas há sinais que, por serem tão claros, vão permitindo que se adivinhe o que aí vem:

Nasci no Porto onde, teria eu uns 20 anos, houve um tremor de terra durante a noite e quando me acordaram para me dizerem a pergunta que me ocorreu foi: “e as porcelanas?”

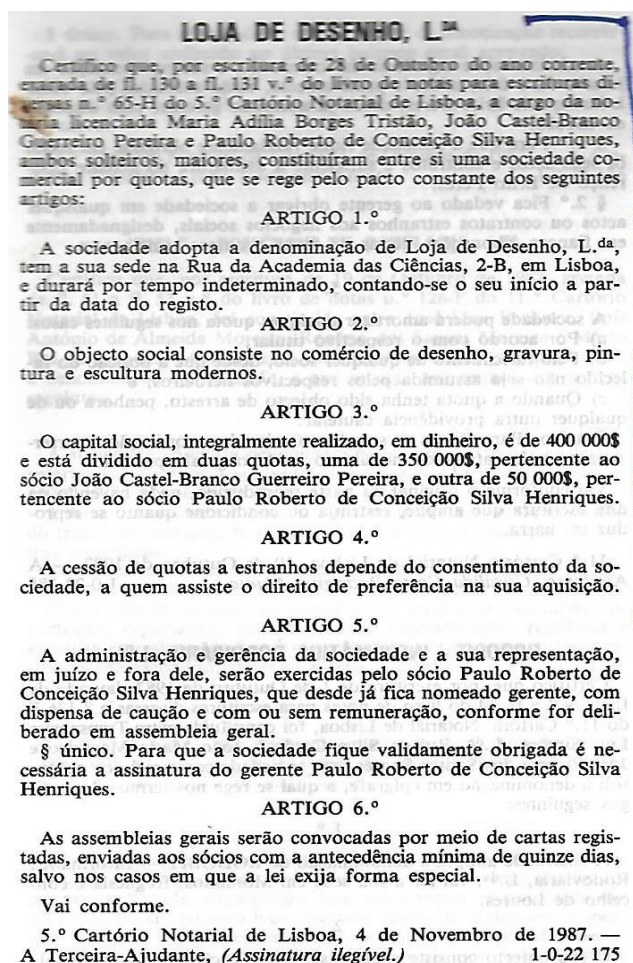
Enfim, nada de muito especial, mas foi durante uns tempos uma private joke da família que dava já ideia do que eram as minhas preocupações prioritárias. Também nesse sentido, quando me formei no Porto em economia o presente que tive dos meus pais foi uma imagem de um menino Jesus bom-pastor, em marfim, indo-portuguesa do século XVIII, porque, para eles, era óbvio que eu preferia aquela peça ... sei lá, uma mota ou uma viagem aos EUA, ou algures na Ásia.

Comecei a comprar arte no início dos anos 70 e, passe a modéstia, não cometi muitos erros ; acho que tenho aquilo a que os ingleses se referem quando dizem de alguém que “he has na eye”.

Não era um interesse que partilhasse com muitos dos meus amigos; nesse especto o meu comportamento era, para eles, um pouco bizarro, excêntrico mesmo.”

Loja de desenho

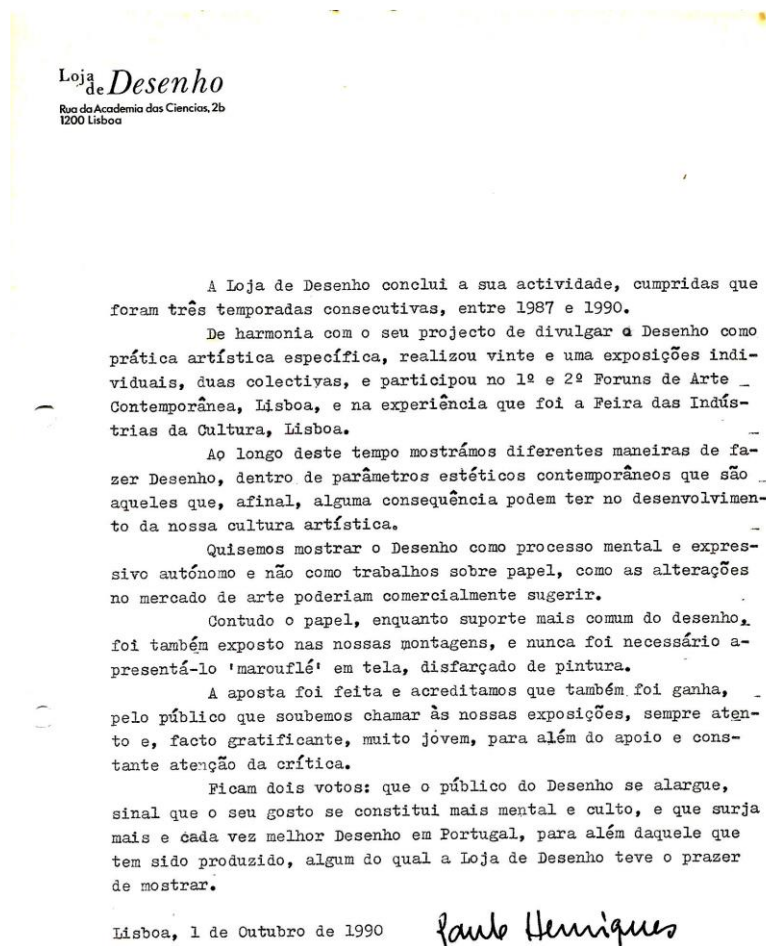
A empresa Loja de Desenho, Lda. constituída a 4 de Novembro de 1987, sócios João Castel-Branco Pereira e Paulo Henriques, que contou com o qualificado trabalho de Fernando Miravent no atendimento e contactos com o público.



O projecto era promover e comercializar obras em papel, com incidência no desenho, entendido como exploração do registo gráfico de imagens e conceitos, de autores modernos e contemporâneos. Apesar de estar muito em moda naquele período, nunca se considerou a hipótese de desenhos modernistas de autores portugueses.

Programaram-se, entre 22.10.1987 e 07.06.1990, exposições individuais, com duração de cerca de 30-45 dias, pontuadas por outras colectivas sujeitas a um tema.

Todas as exposições eram divulgadas por convite impresso enviadas por correio, e acompanhadas por um desdobrável, A4 dobrado ao meio, com uma imagem, um texto solicitado a um crítico ou historiador de arte e uma nota biográfico do artista.



Quando foi criada a Loja de Desenho, em 1987, João Castel-Branco Pereira, seu proprietário, acabava de ser nomeado director do Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa, cargo público incompatível, por evidente conflito de interesses e por princípio deontológico consagrado pelo ICOM, com o exercício de actividades comerciais com arte e património cultural.

Para estar presente no projecto, dentro de um âmbito limitado e bem definido, pediu autorização especial ao Presidente do Instituto Português do Património Cultural para exercício desta actividade, o que lhe foi concedido.

Assim foi apenas consultor para as escolhas artísticas feitas para a programação da Loja de Desenho, e nunca teve acção directa na negociação com os artistas e na transação das obras.

Com este triénio coincidiu a montagem da exposição de longa duração do Museu Nacional do Azulejo, com núcleos do século XV até a primeira metade do século XVIII, e a realização da primeira exposição temporária consagrada a autores contemporâneos, neste caso Maria Keil, importante autora de revestimentos em azulejo para espaços públicos.

No mesmo período e como comissário científico da exposição Azulejos, integrada no festival Europália. Portugal, em 1991, coordenou trabalhos de investigação e produção do catálogo, campanha de conservação e restauro das obras a expor em Bruxelas.

Paulo Henriques assumiu as responsabilidades de gerência administrativa e financeira, relações com artistas, clientes, e comunicação social, em especial com os críticos, a par da produção das exposições e materiais gráficos, participações nos eventos colectivos do mercado de arte e da cultura.

Realizou o mestrado em História de Arte, entre 1987 e 1990, com tese sobre o escultor Ernesto Canto da Maia (1890-1981), tendo sido comissário científico da exposição retrospectiva do artista, assinalando o centenário do seu nascimento, na Galeria de Pintura do Rei D. Luís, IPPC, inaugurada em Novembro de 1990.

Em simultâneo, como professor do Ensino Secundário, foi destacado para o Museu Nacional do Azulejo, onde participou na investigação e nos trabalhos preparatórios da exposição Azulejo para a Europália. Portugal, 1991.

Esta concentração de actividades tornou inviável a continuação qualificada da Loja de Desenho.

Entrevista realizada a João Esteves de Oliveira, em sua casa, no mês de julho de 2021

Como começou o seu envolvimento pela arte?

Percebi que a arte era qualquer coisa muito importante para mim quando o presente que me deram os meus pais quando terminei o curso na faculdade foi um Bom Pastor, uma imagem de marfim indo-portuguesa do século XVII, é que dois anos antes, nas mesmas circunstâncias, o meu irmão mais velho tinha tido uma bicicleta motorizada.

Quando começou a comprar arte?

A partir dos anos 75/76 quando comecei a ter algum dinheiro no bolso, mas ainda muito timidamente.

Como surgiu a ideia da coleção?

Surge muito mais tarde quando, sem consciência disso, o conjunto de obras começa a ganhar forma, pintura moderna e contemporânea portuguesa de parco imaginária, também pagã, mas sobretudo religiosa e as louças, a faiança portuguesa e a porcelana chinesa de exportação do reinado Qianlong.

Qual o critério de seleção das obras? Qual é a lógica que tem vindo a desenvolver na sua coleção?

Tento ficar perto do máximo da qualidade sem ultrapassar o limite que me impõe a conta bancária confortável, mas com limites bem à vista.

Como define colecionismo?

Vontade irreprimível de adquirir dentro de critério bem definido.

A partir de que momento se considerou colecionador?

Quando o interesse na aquisição se transformou em vontade irreprimível.

O que pensa de fundos de Arte como forma de investimento?

Prefiro fundos de património financeiro, a minha coleção construa-a eu.

A situação de investimento esteve presente nas suas compras?

Também, claro. Só um Rockefeller pode permitir-se ignorar esse especto na compra de um objeto que venha acrescentar-se a sua coleção.

O que o move numa compra, paixão ou investimento?

Nunca são mutuamente exclusivas, mas a paixão sempre prevalece.

Costuma desfazer-se das suas obras?

Não.

Mas vendeu a Paula Rego.

Sim. Vendi a Jenufa da Paula Rego (fig. 26) porque não soube resistir ao assédio feito por uma equipa de comerciais da Sothebys municiada de argumentos dos mais convincentes. Tratou-se de um misto de vaidade e libras e, claro, porque não antecipava ou continuava retumbante sucesso da Paula Rego que é prova a retrospectiva que decorre na Tate Modern que a consagra como um dos nomes maiores entre os artistas plásticos contemporâneos e, porque não dizê-lo tenho ainda outros trabalhos seus, que embora claramente de menor importância são obras de grande interesse numa coleção do nível da minha.

Como vê o papel do colecionador de arte na sociedade? Como afeta a sociedade?

Depende do nível e da importância da coleção em causa. A minha coleção de arte é apenas conhecida por pessoas com quem tenho relações familiares ou de amizade.

Conselhos para um jovem colecionador?

Ler, visitar museus e galerias, ver no google as grandes coleções.

Acha que uma coleção reflete a personalidade do colecionador?

Sim, com certeza.

Continua a colecionar atualmente?

Sim, comprei um desenho do Amadeo e encomendei uma obra ao Rui Chafes.

Gostava de expor a sua coleção?

Sim, muito.

Onde gostava de expor a sua coleção?

Museu do Chiado ou Museu Vieira da Silva.

Porque gostava de expor a sua coleção?

Vaidade, porquê escondê-lo? Também valoriza a coleção.

Quais são as obras preferidas da sua coleção?

O tigre do Pomar , o Amadeo e o Almada, logotipo da Ática , o Matisse

Qual a ligação entre a sua coleção e a sua galeria?

O meu entusiasmo enquanto colecionador teve influência decisiva na abertura de uma galeria, esta por seu turno, permitiu que ao longo dos seus dezasseis anos de atividade, o galerista pudesse ajudar o colecionador a fazer compras num acervo já muito orientado num sentido que lhe interessava, isto é, a galeria foi constituindo um acervo. O acervo constituído já tinha a ver com os meus gostos como colecionador.

Como era feita a seleção dos artistas da sua galeria?

Procurava trazer para a carteira da galeria alguns dos nomes cujo trabalho mais me agradavam e a par disso aqueles cuja obra era mais procurada pelos compradores.

Quais foram as suas exposições preferidas?

A exposição de abertura, uma coletiva com alguns dos melhores nomes que a galeria deu a ver. ... Júlio Pomar, Julião e Cabrita Reis. E o saloon D'refusé.

Quais foram os artistas que mais gostou de trabalhar?

Pergunta melindrosa, esta. Júlio Pomar sem dúvida, Jorge Nesbitt, Cabrita, Julião... aproveito para frisar que nunca tive uma relação tensa com nenhum deles quanto mais conflituosa. Tive muita pena de não ter podido privar, por razões óbvias, com artistas com o gabarito com Bernardo Marques e Emmérico Nunes.

Como justifica o sucesso da galeria durante os dezasseis anos da sua existência?

Desde logo pelo objeto definido e que se dá conta no nome da galeria, Moderno e Contemporâneo, Trabalhos sobre papel. Também pela indiscutível qualidade dos artistas expostos, não apenas os contemporâneos, mais consagrados como Júlio Pomar, Jorge Martins,

Jorge Pinheiro, Julião Sarmento, Cabrita Reis, Croft, Chafes, Rui Sanches....como também alguns modernistas de grande nomeada, que são exemplo Bernardo Marques e Emmérico Nunes.

A sistemática e cuidada edição de catálogos em quase todas as exposições individuais e algumas coletivas, muito contribui também para a boa aceitação que indiscutivelmente a galeria obteve. Por sorte encerramos a galeria poucos meses antes de surgir a pandemia que ainda assola o mundo inteiro.

Como era a sua relação com os clientes?

Em cada cliente um amigo! Onde é que eu já ouvi esta!!! Nunca tive relações conflituosas entre eles fiz muitos amigos, posso gabar-me disso.

Como era a sua relação com os artistas?

Amiga em muitos casos, muita amiga em alguns outros.

Gostava de participar em feiras?

Gostava, muito. Mesmo.

Há algum episódio na história da galeria que gostava de partilhar?

Uma das poucas experiências desagradáveis dos 16 anos da minha vida de galerista foi aliás a de ter visto recusada a presença da galeria numa feira, em Lisboa. Foi um episódio grotesco desencadeado por um personagem grotesco que votou contra-alegando que eu vendia “arte em segunda mão” ou coisa que o valha. Com ele alinharam alguns outros tontos. O resultado foi uma das exposições que mais gozo me deu e proveito a que chamei Salon D’au Refusée. Os tontos ou grotescos, juntamente porque o são, nunca perceberam a razão deste título para a mostra.

Acha que contribui para o percurso de algum artista emergente?

Julgo ter ajudado a que os nomes como Jorge Nesbitt e Manuel Caldeira ganhassem ainda mais notoriedade. E a Eugénia Mussa, também.

Quais foram as exposições que mais gostou?

A exposição inaugural. Olhe foi aí que o Pomar comprou um Bonnard, que eu talvez ainda o vá buscar, não o dele, mas outro a Paris.; qualquer uma das exposições do Júlio Pomar; o Salon D'un Refusée e o Not for Sale; a exposição do José Régio de Cabrita (fig.28)

**Entrevista realizada à directora da Drawingroom, Mónica Álvarez
Careaga, por email, no dia 24 de novembro de 2021.**

1. A Drawing room foi fundada em Madrid, em 2016, como uma feira dedicada exclusivamente ao desenho contemporâneo. Por que razão apostou no desenho?

En 2016 un grupo de galeristas españoles que no era admitido en ARCO (galerías pequeñas de ciudades periféricas) me pidieron una idea para estar en Madrid durante la “semana del arte” porque no encontraban otra feria donde se sintieran a gusto.

Yo soy una amante del dibujo y de las obras sobre papel y en los años anteriores yo había montado, como guest curator, varias secciones de dibujo y papel en otras tantas ferias: en Art Beijing, en Swab Barcelona, en Bolonia... que habían funcionado muy bien, de modo que les propuse la idea de una feria especializada. Montamos la primera edición en cuatro meses con galeristas amigos de Italia, de China, de Alemania y la respuesta de la crítica fue muy buena y las ventas también para una primera edición.

2. Como define desenho contemporâneo?

El dibujo es una acción en cierto modo primitiva, que se relaciona con la huella que nuestro cuerpo provoca en el mundo, desde la línea trazada con la mano en la arena de la playa a la estela del avión que cruza el cielo. Como disciplina artística es, seguramente, la primera forma de manifestación del pensamiento del creador y, por tanto, de producción de imágenes. Hay “indicios” de lo que es un dibujo cuando predomina la línea, cuando hay vacío en la superficie, cuando es horizontal.... Consideramos además que se trata de dibujo contemporáneo cuando se libra del carácter de trabajo preparatorio y el artista desea exponerlo.

3. Durante muito tempo o desenho foi encarado apenas como um projeto, um esboço, um meio para a criação de uma obra de arte. Acha que esta visão sobre o desenho está a mudar ou ainda é desvalorizado face à pintura e à escultura?

Precisamente. Así fue en el arte antiguo y moderno, pero son los artistas los que han cambiado el concepto de sus trabajos de dibujo y los consideran obras finalistas.

4. Enquanto fundadora e diretora do Drawing room considera que o público atualmente aprecia mais o desenho do que alguns anos atrás?

Es cierto. Las razones son muchas. Por ejemplo, un indicador muy importante de la valoración actual del dibujo es que la diferencia del precio medio de un dibujo respecto a un cuadro se ha reducido. Ha pasado de ser un tercio a la mitad. (En 2005, el precio medio de un dibujo en el mercado mundial era de 7.000 dólares y el de un cuadro de 23.000, y en 2015, el precio medio de los dibujos era de 22.000 dólares y el de los cuadros de 45.000).

5. Por que razão se compra um desenho em vez de uma pintura ou escultura?

Hay diferentes razones. El cliente-tipo de Drawing Room es el amante del arte contemporáneo en general y los coleccionistas específicos de dibujo, que abundan en Portugal.

También creo que la estética del dibujo encaja con un público más joven que ama lo gráfico (no dejo de pensar en el éxito del tatuaje entre los jóvenes). Los compradores más nuevos se sienten muy atraídos, porque el desembolso es menor. Es posible empezar a comprar arte contemporáneo con un dibujo de pequeño formato o de autor joven (y va a tener un precio inferior a 1.000 euros) o con una obra de un artista reconocido o un formato mayor (en torno a 3.000 euros).

6. Que lugar ocupa a Drawing room no mercado de arte espanhol?

En Madrid recibimos a muchos de los coleccionistas internacionales que vienen a Arco. Esto hace que las galerías internacionales que quieren entrar en este mercado madrileño se interesen por la feria. En Madrid el 40% de nuestras galerías no son españolas, tenemos, además de portuguesas, holandesas, colombianas, belgas, alemanas, japonesas, chinas, argentinas, suecas, inglesas...

Otra característica de Drawing Room es que somos una feria "trampolín". Seleccionamos galerías pequeñas o nuevas con buenos artistas que luego son admitidos en otras grandes ferias europeas. Esto ha sido muy impactante para algunas galerías de Colombia o Argentina que eligieron Drawing Room como su primera feria en Europa y después han sido admitidas en las ferias francesas, belgas, etc.

7. Relativamente à pandemia de que maneira afetou esta feira.

Creo que las ferias muy grandes y globales, diseñadas para recibir expositores y visitantes de todo el planeta han sido las más afectadas y van a redimensionarse a una escala más regional, porque habrá un periodo de tiempo de rechazo a los viajes muy largos y los galeristas serán muy conservadores a la hora de invertir en ferias costosas.

Nosotros conseguimos realizar todas las ediciones de Drawing Room, tanto en Lisboa como en Madrid, aunque tuvimos menos galerías internacionales.

Además, durante la pandemia desarrollamos el Drawing Room Store, nuestra plataforma de venta online que ha crecido hasta ser muy importante.

8. O que pensa do mercado do desenho contemporâneo atualmente.

Es un mercado en crecimiento. En el mercado internacional del arte el dibujo supone el 24 % del valor de las transacciones. Sobre unos 7.000 millones de dólares, unos 1.680 millones de dólares. La cifra es tan alta porque el 25 % del mercado mundial es chino y en China el 75 % de las obras vendidas encajan en lo que los occidentales consideramos dibujo: caligrafía o pintura sobre papel de seda o de arroz.

9. Porque estendeu a Drawing Room para a cidade de Lisboa?

La razón fue Ivânia Gallo, nuestra presidenta. Ella ha sido mi mentora. Me otorgó su confianza en Arte Lisboa en 2005 y con ella aprendí como construir un evento en el todo el mundo consiga visibilidad: galeristas, artistas, patrocinadores, medios de comunicación...

Creo que una cosa importante de Drawing Room es que somos capaces de realizarla de una forma muy simple (esto es un talento específicamente español) y cuando Ivânia me sugirió la Sociedade Nacional de Belas Artes, todo fue muy fácil. Las personas de la SNBA son extraordinarias.

Después he formado un equipo en Lisboa y ellos han conseguido apoyos institucionales muy importantes, empezando por la Cámara Municipal. La Vereadora de Cultura de Lisboa inauguró la primera edición y las fundaciones más importantes han trabajado codo con codo con nosotros: Millennium, Altice, PMLJ, EDP... además del MNAC...

10. Qual o balanço que faz desta feira na cidade de Lisboa?

El balance es extraordinariamente positivo. Hemos celebrado la cuarta edición en Lisboa (décima si sumamos las realizadas en Madrid) con más público, ventas, colaboraciones, repercusión en medios de todas. Lisboa se ha convertido en la hermana pequeña que supera a los mayores.

11. O número de visitantes da Drawing room Lisboa aumentou substancialmente. Esse aumento foi acompanhado pelo número de vendas? Como sabe, o público não tem acesso

aos resultados da feira, não são publicados. Contudo, gostaria que comentasse o feedback das galerias em relação aos resultados obtidos através da participação nesta feira.

Las galerías están muy contentas con las ventas. En la última edición recibimos 54 solicitudes de galerías para los 23 espacios que podemos alojar. Todas las galerías participante sen otras ediciones quieren regresar y hemos incorporado alguna nueva, como Pedro Cera por ejemplo. Eso ya quiere decir que sus resultados son muy buenos.

12. Com a pandemia a Drawing Room passou a ter uma plataforma online, adquiriu um novo recurso e valência que se veio juntar às ferramentas já existentes no âmbito da feira, a plataforma STORE. Mais uma vez, sem acesso aos dados das transações que se efetuaram por intermédio desta plataforma, gostava que comentasse o feedback das galerias, colecionadores e artistas.

La ventas a través de Drawing Room Store están siendo buenas. Los galeristas están contentos porque reciben muchas preguntas de coleccionistas asiáticos, especialmente de Corea del Sur y Hong Kong.

13. O que consiste o foco na cidade de Berlim e a quem se dirige?

Los “Focos” en Drawing Room son iniciativas para atraer a galerías internacionales. Solemos centrarnos en la escena artística de ciudades atractivas y muy dinámicas en el arte contemporáneo, como Pekín, Buenos Aires o Berlín. En 2021 hemos reunido tres galerías de Berlín invitadas por el comisario alemán Jan–Philipp Fruehsorge.

14. A Câmara Municipal de Lisboa este ano, no âmbito do seu Fundo de Aquisições de Arte Contemporânea (FAAC), revelou pretender alargar a sua coleção, adquirindo obras de arte durante a 4ª edição da feira. Foram efetuadas algumas aquisições? Como vê esta atitude por parte da CML?

Para la feria ha sido un respaldo maravilloso que los agleristas han recibido con mucha satisfacción. Las adquisiciones se han realizado con la asesoría de los curadores que mejor conocen los fondos de arte que òsee la Cámara, de modo que se integren orgánicamente, con un sentido patrimonial.

15. O *Prémio FLAD de Desenho* é uma aposta da Fundação no apoio às artes, pretende reconhecer o talento artístico em Portugal e apoiar os artistas promissores do nosso país. A área de produção artística escolhida foi o desenho, pela sua importante representação na

Coleção de Arte Contemporânea da FLAD e por constituir uma expressão artística de relação muito íntima com o criador de arte. Qual a importância da atribuição deste e de outros prémios de Desenho durante a Drawing room?

Los premios son muy importantes para los artistas. La sociedad reconoce que necesita de su discurso, de su aportación. El premio FLAD tiene una dotación de 20.000 Euros que lo convierte, seguramente, en el premio de dibujo mejor dotado de Europa. Los Premios de Millennium Bcp y de Viarco, la Fábrica Portuguesa de Lápidos han apoyado a Drawing Room Lisboa desde sus inicios. Estamos muy agradecidos.

Texto de Julião Sarmiento sobre João Esteves de Oliveira, 2019

Um homem bom

O João é um homem bom. E também um homem escrupulosamente honesto. Também é um homem que teve um sonho. Era um homem dos negócios e dos números, que em determinada (e iluminada diga-se) ocasião da sua vida em boa hora resolveu mandar a velha vida às urtigas e dedicar-se de corpo e alma aquilo que realmento o apaixonava. E essa paixão traduzia-se na colecção do traço, no gesto, na maneira de ver, no projecto que deixa adivinhar outras coisas que estão para vir, na deliciosa intimidade do papel, nas edições preciosas, nos ínfimos detalhes do esquisso, no desenho. Nas coisas normalmente pequenas, íntimas na sua fisicalidade mas enormíssimas no seu conteúdo. E assim foi. Em Outubro de 2002 se não estou em erro, resolveu abrir uma pequena galeria com um nome absurdamente gigantesco. Resolveu chamar-lhe João Esteves de Oliveira, Galeria Arte Moderna e Contemporânea, Trabalhos sobre Papel. Ora este é um nome difícil, que não dá jeito nenhum para por nos currículos ou nas listas de exposições. Deveria tê-la apenas chamado Galeria João Esteves de Oliveira. E é isso que ela exactamente é! Uma galeria de arte única no país (já que se dedica exclusivamente aos trabalhos sobre papel) com o nome gigantesco de um homem bom, honesto e com um sonho. Dizem-me que agora vai fechar. Não acredito!... o João é a história! É grande, não desiste. E o seu sonho é também o sonho de muitos de nós. Eu, por mim, recuso-me terminantemente a ter que sentir a sua falta.

Julião Sarmiento

Estoril, Março 2019

Anexo C

Índice do anexo

Guia do Questionário-----	120
Adriana Molder, 12.09.2022 -----	121
Alexandre Conefrey, 9.11.22 -----	122
Álvaro Siza Vieira, 22.07.2022-----	123
Ana Jotta 25.07.2022-----	124
Ângela Dias, 25.07.2022 -----	125
António Olaio, 23.07.2022 -----	126
Bruno Castro Santos 26.07.2022 -----	127
Cecilia Costa, 08.09.2022 -----	128
Constança Meira, 11.10.2022-----	129
Diogo Guerra Pinto, 05.09.2022-----	130
Domingos Rego Azeitão, 27.07.2022 -----	131
Eduardo Souto Moura 13.09.2022 -----	132
Eugénia Mussa, 08.09.2022-----	133
Gil Heitor Cortesão, 08.09.2022-----	134
Graça Pereira Coutinho, 02.09.2022-----	135
Hugo Palma, 04.03.2023 -----	136
João Jacinto, 23.07.2022-----	137
João Queiroz, 11.11.2022 -----	138
Jorge Martins, 22.07.2022-----	139
Jorge Nesbitt, 2022-----	140
José Loureiro, 02.09.2022 -----	141
Josefina Ribeiro 23.07.2022 -----	142
Manuel Aires Mateus, 05.09.2022 -----	143
Manuel Botelho 30.08.2022-----	144
Manuel Caldeira, 01.09.2022 -----	145
Manuel Diogo, 20.07.2022-----	146
Manuel Gantes, 28.07.2022 -----	147
Marcelo Costa, 05.08.2022-----	148
Marco Pires, 07.09.2022-----	149

Maria José Ortigão Ramos 09.09.2022 -----	150
Miguel Branco, setembro de 2022 -----	151
Pedro Cabrita Reis 24.01.2023 – duração 29.14 -----	152
Pedro Calapez 15.09.2022-----	157
Ricardo Bak Gordon, 05.08.2022 -----	159
Rui Chafes, 05.08.2022 -----	160
Rui Sanches, 12.09.2022 -----	161
Sofia Areal, 07.09.2022-----	162
Vasco Araújo, 27.10.2022-----	163
Vasco Futscher, 06.09.2022-----	164
Vasco Monteiro, 29.07.2022-----	165

Guia do Questionário

1. Quando começou a desenhar?
2. Qual o papel do desenho/trabalho sobre papel na sua obra?
3. No seu processo criativo existem diferenças na criação de um desenho e outras obras de arte, como uma escultura, instalação ou pintura?
4. Tendo exposto o seu trabalho na Galeria gostava que me contasse como foi essa experiência. Como descreve a sua relação com galerista João Esteves de Oliveira.
5. Que importância teve no seu percurso artístico a participação em exposições na Galeria JEO?

Adriana Molder, 12.09.2022

1. Desenho desde muito pequena e nunca parei de desenhar. Claro que, como artista foi mais tarde. Os primeiros desenhos já com papel esquisso apareceram quando tinha 20 anos.
2. A minha obra, tirando um interregno de 5 anos em que me dediquei à pintura sobre tela, é toda sobre papel. Embora me considere uma pintora, porque não há em termos linguísticos outra denominação para o que faço, que é algo entre a pintura e o desenho. Desde muito cedo que comecei a usar esta técnica, a tinta-da-China sobre o papel esquisso, já a uso há mais de 20 anos, considero-a muito minha, muito original e, de momento, após tantos anos a trabalhá-la está pronta para me servir. A importância do desenho sobre papel é para mim a importância da minha própria obra.
3. O desenho é um acto de coragem, a pintura é perseverança. No meu caso tenho de contar com estas duas qualidades, embora nunca será a perseverança de quem pinta a óleo. A coragem é quase a do cirurgião, é a da incisão seja esta feita com pincel, lápis, dedos ou borracha, não se pode voltar para trás. Mas pode sempre pôr-se no lixo (e isso também implica alguma coragem). Posso ainda falar da minha experiência de fazer vídeos, que é um trabalho mais conceptual e que depreende uma capacidade de visão muito precisa e muito diversa da que tenho com um desenho.
4. Fiz uma exposição individual na Galeria em 2012 que se chamava *Mad About the Boy*.

Na altura morava em Berlim, (onde fiz os desenhos) decidi em vez de fazer um catálogo, fazermos um conjunto de postais. Gostei muito da experiência, a galeria era muito central, tinha bastante público, e na altura tive uma crítica num dos jornais, o que é sempre bom. Depois, participei em algumas colectivas. Queria trabalhar com o João Esteves de Oliveira pelo facto de este ter um verdadeiro amor ao desenho. Como galerista era interessado, honesto e o facto de ser também um coleccionador, acrescentava muito à sua relação com os artistas e com a arte. Como coleccionador continua a seguir o meu trabalho por isso a relação mantêm-se até hoje.

5. Como descrevi fiz uma individual e participei em algumas colectivas, foi importante estar ligada este espaço. A Galeria JEO não era, como muitas vezes acontece, um espaço onde diferentes artistas têm apenas como interesse comum fazerem parte da mesma galeria. Aqui a diversidade tinha um chão comum que era o desenho e isto fazia com que os artistas aceitassem duma maneira mais franca com algum prazer e interesse as suas diferenças. Por esta razão e por haver tantos artista portugueses de diferentes gerações a fazerem desenho, a Galeria JEO faz muita falta ao meio artístico português.

Alexandre Conefrey, 9.11.22

1. Dois momentos:

- na 3ª classe, estava a tentar fazer os trabalhos de casa mas dei comigo a fazer uma cópia de uma aguarela da guerra civil americana, de um livro da minha Avó. Claro que não foi o primeiro desenho, mas lembro-me de ter pensado que estava a desenhar.
- quando me senti insultado pelo professor de desenho, ao perguntar aos alunos o que queriam ser quando fossemos grandes e eu respondi que queria ser pintor e ele disse pintor de paredes. Fiz um desenho muito marado com um kubelwagen e um oficial alemão morto por um resistente francês, com boina e tudo, um clássico!

Claro que nenhuma destas situações relata o momento do primeiro desenho mas momentos em que tive consciência que estava a desenhar.

2. Totalmente.

3. Não, não existem diferenças. Tudo é, e pode ser desenho.

4. Fiz uma exposição com a Rosa Carvalho e o Gil Heitor Cortesão .Chamou-se “ O arquitecto de nuvens”.

5. Cordial. Com um galerista interessado, informado e empenhado.

Sendo uma galeria dedicada ao desenho, numa altura em que o desenho ad não tinha a expressão actual, teve um papel muito importante na sua divulgação e dos artistas que a ele se dedicavam.

Álvaro Siza Vieira, 22.07.2022

1. Enquanto menino, movido pelo entusiasmo do meu tio Joaquim, que não desenhava mas me ensinou o desejo e a necessidade de o fazer.
2. O desenho, em especial o esquisso, é rápido, permite abarcar e analisar, comparar diferentes opções, comunicar comigo e com os outros.
3. Sim, mas permite-me acrescentar – arquitectura.
4. A relação com o galerista e com a galeria foi a melhor, fiquei grato pelo convite para aí expor.
Antes de encerrar ofereceu-me um belo desenho a crayon de Andre Derain.
5. Que importância teve no seu percurso artístico a participação em exposições na Galeria JEO?
Foi um grande apoio, face às minhas dúvidas em relação à qualidade do que ia fazendo.

Ana Jotta 25.07.2022

1. Sempre desenhei, como criança, depois continuei.
2. Do desenho parte tudo; mesmo que ele não esteja visível.
3. Não
4. Trabalhei com poucas galerias, por escolha minha. A minha relação foi sempre amistosa, e profissional; o João Esteves de Oliveira sempre cumpriu com os seus valores de galerista
5. Foi a continuação do caminho. E beijos da ana J

Ângela Dias, 25.07.2022

1. Eu comecei a desenhar com os meus 12 a 15 anos.
2. O papel do Desenho sobre o meu trabalho sempre foi importante e sempre me acompanhou mesmo naqueles períodos, onde me dediquem a fazer pinturas ou pequenos objetos. É no ato de desenhar s/papel que me sinto mais livre e onde obtenho melhores resultados, mais rapidamente.
3. Existe diferenças. É diferente fazer um desenho e fazer uma pintura. O desenho é mais imediato, direto, é pensamento puro a decorrer, é intimista, ...sobretudo. Sem desvalorizar a área da pintura, que precisa e tem o seu tempo próprio, de facto as áreas são diferentes.
4. Expor na Galeria João Esteves de Oliveira foi uma experiência profissionalmente enriquecedora, a nível de expor os meus desenhos com artistas consagrados tal como com artistas emergentes.
Deu-me reconhecimento perante os meus pares e com o público em geral e permitiu-me ganhar conhecimento e experiência no ato de expor no espaço da galeria.
5. Teve uma grande importância. Foi um marco importante no meu percurso, da qual não vou esquecer.

António Olaio, 23.07.2022

1. Comecei a desenhar quando todas as crianças começam. Logo que lhes dão um lápis para a mão e já sabem o que é. No meu caso, muito cedo comecei a dedicar muito tempo ao desenho. Porque queria ser artista e desenhar, desenhar muito, desenhar coisas difíceis acreditava ser o caminho para o conseguir ser...
2. O desenho, numa relação mais próxima com a mão do artista, com o próprio artista, fisicamente, mesmo, tem esta dimensão de expressão mais direta e com menos filtros do seu processo de criar imagens. A enorme plasticidade do desenho permite-lhe mostrar muitas coisas ao mesmo tempo, assumindo uma dimensão particular nos jogos conceptuais que motivam o meu trabalho como artista.
3. Tudo participa de uma performatividade fluida, mas o desenho traz consigo os seus próprios jogos e, quase como uma escrita, pode brincar com o que é estrutural nos processos criativos, dando imagem de um durante que, ao mesmo tempo, terá as qualidades de obra acabada como uma pintura, ou outra obra de arte.
4. Com o João Esteves de Oliveira, na sua sensibilidade para a montagem da exposição, para a escolha dos trabalhos e as suas relações, houve uma intensa partilha na construção da exposição como um todo. Muitas vezes em pequenos detalhes, na importância que as subtilezas têm nestas coisas. E também na gratificante empatia que nele senti em relação aos meus desenhos, no seu interesse pelo que de particular, único cada artista traz.
5. Foi de facto a minha primeira exposição exclusivamente de desenho, e um estímulo da maior importância para dar cada vez mais espaço ao desenho no meu trabalho e nas minhas exposições.

1. Naturalmente que para um artista, o desenho é algo presente ad continuum. Mais tarde (1991), entro no desenho por via da minha formação em arquitectura. Até 2008 o desenho é usado como ferramenta para conceber ideias arquitectónicas. Diagramas, perspectivas, notas gráficas, rabiscos, pormenores construtivos, etc. Uma abordagem pragmática e funcional do desenho. Em 2008 entrei noutro campo do desenho quando iniciei a minha formação em artes plásticas no Arco. O que era isto de desenhar sem a função a que me habituara na arquitectura? Ouvia falar de desenhar por necessidade... por poesia, por composição, por pensamento, por hábito, por estímulo, por encontro com uma “voz interior” ...
2. O desenho veio a mim de todas essas maneiras incorporando também a abordagem mais funcional. Veio por acumulação orgânica das experiências de vida. Continuo a usar o desenho com funções preparatórias para o desenvolvimento de outros desenhos e pinturas. É um modo de me aproximar de algo que pode mais tarde vir a ser um trabalho final. Através do mesmo e dessas aproximações procuro a composição, a poesia, o espiritual, a contradição, a ordem e a desordem, a lógica e a ausência da mesma.
3. Existem as diferenças circunstanciais. Certos materiais sobre certos suportes reagem de certas formas diferenciadas. A percepção de algo bidimensional reflecte uma outra experiência visual e sensorial. Mas o conteúdo interno , ou seja, o que gera o desenho ou a pintura ou a escultura ou a instalação será o mesmo. São forças criativas, convicções ou dúvidas que despertam o nosso interior e nos catapultam para uma ação.
4. Foi um momento muito importante na minha carreira de artista. Marcou a minha primeira exposição numa galeria comercial e foi uma enorme honra ter podido contar com a confiança do João. Foi uma exposição partilhada com a minha querida amiga e artista Maria José Ortigão Ramos. A preparação da mesma foi uma oportunidade para nos conhecermos todos melhor, partilhar sensibilidades e concluir com um verdadeiro espírito de união. O resultado final foi de enorme satisfação! Foi gratificante pelo conteúdo da exposição mas também pelo lado humano e bondoso característico do João. Ficarei eternamente grato.
5. Uma importância de grande relevância. A galeria do João Esteves de Oliveira foi e será para sempre uma referência na cultura do desenho em Portugal. O João desenvolveu ao longo dos anos um programa único com consistência e elevada reputação. Ter tido a oportunidade de mostrar trabalho na sua galeria foi um privilégio ímpar que contribuiu para a consolidação do meu trabalho no mercado profissional.

Cecilia Costa, 08.09.2022

1. Talvez mesmo antes de me passarem qualquer material riscador para as mãos; eu já construía percursos e constelações na minha cabeça.
2. Enzimático e motor, mas também recetor e mediador. Alimenta e é alimentado pela escultura e pela acção, o gesto e a performance.
3. Esse processo está tão intrincado que o fluxo entre os vários media têm todos os sentidos que conheço até ao presente.
Desenho como se de uma escultura se tratasse ao cobrir a superfície bidimensional com fita adesiva ou desenho gradualmente na própria escultura as alterações que pretendo. Gosto muito de desenhar cadeiras por exemplo.
Já a pintura é um amor muito mais complicado e, no meu caso, ainda não assumido.
4. Uma das melhores relações que já tive com uma pessoa independentemente do par artista/galerista. Muito respeito mútuo.
Mas o que mais me fascinou no João foi o seu olho clínico absolutamente ligado à sua sensibilidade. Tantas vezes referiu os mesmos pormenores que para mim eram tão importantes.
5. Uma valente contribuição na construção de um selo de qualidade.

Constança Meira, 11.10.2022

1. Desde que me lembro que comecei a desenhar com três ou quatro anos. Em 1968 fui para Nova Iorque, andava no Kindergarden e desenhava bruxas com muita cor. Alguns destes desenhos a minha mãe ainda tem guardados. Naquela altura em Nova Iorque havia muitos homeless people, muitos eram velhinhas que andavam com carros de supermercado onde levavam a casa atrás. Sendo eu criança tinha muito medo e lembro-me de todos os pormenores. Os botões dos casacos eram alfinetes de dama e os carrinhos estavam cheios de roupas coloridas. Elas vestiam-se com camadas e camadas de roupas.
2. Mais tarde na minha adolescência andava sempre com cadernos e fazia desenho à vista. Como eu era muito tímida e silenciosa era uma maneira de eu estar dentro do meu universo. Quando entrei para as Belas Artes em Florença, em 1982, desenhava-se todos os dias modelo nú. Em 1983 fui para Cleveland, Ohio, e continuei sempre a desenhar à vista, desenhar modelo nú e frequentava também muitas aulas que estavam ligadas ao desenho com uma grande variedade de exercícios. Hoje em dia o desenho é a base fundamental para qualquer uma das minhas obras. Tudo começa com uma ideia que se traduz num esboço, num apontamento, numa marca, através do desenho.
3. Eu gosto e tenho a necessidade de me surpreender com a técnica e a obra com a qual estou a trabalhar na altura. Se estou a trabalhar com a técnica da monotíпия a minha primeira acção é desenhar com o pincel em cima da matriz. Tenho a liberdade de corrigir o desenho as vezes que eu quiser, porque a matriz é uma placa de acrílico que posso apagar facilmente. Quando estou a trabalhar sobre papel gosto de fazer todas as experiências que me ocorrem utilizando vários papéis, com várias cores, espessuras e texturas. Utilizando também uma grande variedade de materiais como lápis grafite, lápis de cor, pastéis de cera, pastéis de óleo, tinta acrílica, tinta de óleo, carvão, canetas de filtro de cor, pau de giz, etc. Tudo aquilo que me apetece utilizar e que de alguma forma está ligado à ideia inicial de como me quero expressar. O meu último trabalho foi uma instalação de vários objectos que contavam uma história, a minha história de família. Para este trabalho fiz vários esboços em cadernos com descrições dos materiais utilizados. Eram desenhos feitos rapidamente e simples como apontamentos. O trabalho era composto por objectos tridimensionais como madeira, pregos, fotografias, luvas, tecidos antigos e muitos outros materiais.
4. Como já mencionei, foi um privilégio para mim expor na galeria João Esteves de Oliveira. Foi das galerias mais interessantes e importantes, por ser a única que trabalhava só com papel e porque o João tinha uma selecção de artistas que eu admiro e valorizo muito. Pessoalmente tenho muita pena que a galeria tenha fechado, porque sinto que o meu trabalho se adaptava muito bem àquele contexto. Sinto que o teu desempenho na galeria, juntamente com o João, foi muito produtivo e construtivo para a mesma e para nós artistas. E que sempre me receberam com muito respeito e calorosamente
5. Certo dia o João veio ao meu atelier e esteve cuidadosamente a ver o meu trabalho, fiquei sensibilizada quando ele pegou numa pequena obra e disse que a queria comprar para ele. Com este gesto valorizou o meu trabalho, o que me fez sentir feliz e ainda mais confiante. Ter tido o privilégio de ter participado como artista e de ter uma obra editada no catálogo da galeria João Esteves de Oliveira, foi uma honra e uma experiência única e muito importante para o meu curriculum vitae e a minha história pessoal.

Diogo Guerra Pinto, 05.09.2022

1. Comecei a desenhar mais a sério, quando entrei para o Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual)
2. O desenho é para mim um instrumento no processo que tem com fim a pintura
3. O desenho serve de preparação para a pintura sendo que esta tem um ritmo muito mais lento que o desenho. A pintura parte do desenho, mas ganha a sua própria vida.
4. Foi muito importante expor na galeria pela reputação que tinha de única galeria dedicada exclusivamente ao desenho e pela qualidade dos artistas que expunha.
5. Por tudo o que foi dito aqui e pelo reconhecimento que a galeria João Esteves de Oliveira tinha no mercado, ainda gozo da fama de ter lá exposto

Domingos Rego Azeitão, 27.07.2022

1. Como a maior parte das crianças, o desenho ocupou desde cedo um lugar privilegiado na minha vida, como forma de expressão plástica, exercício lúdico e lugar de inúmeros deslumbramentos. Esse assombro inicial foi dando lugar, gradualmente, a uma forma de conhecimento e reconhecimento daquilo que me rodeava, até se tornar uma prática constante de invenção e criatividade.
2. Tenho um entendimento do desenho como algo transversal a várias práticas artísticas, ou seja, a atenção e a educação do olhar que o desenho foi ajudando a desenvolver ao longo do tempo manifesta-se quando pinto, fotografo, penso um objeto ou estrutura uma exposição. Nessa medida, constitui um pilar fundamental da minha formação artística.

A par desse fator estruturante, o desenho constitui uma das minhas expressões artísticas principais, com total autonomia. Potenciador de obras que exploram o gesto, a expressão direta ou a elaboração analítica, que promove dimensões intuitivas e espontâneas das formas, ou uma abordagem mais complexa. O desenho permite essa plasticidade operativa do tempo, acelerando-o ou dilatando-o, essa experiência fica inscrita nos desenhos.

3. O desenho, regra geral, desenvolve-se com grande liberdade, requerendo recursos simples e sem grandes meios de produção. Essa simplicidade permite arriscar, experimentar e trabalhar num registo muito natural, com grande proximidade entre o pensamento, a mão e a matéria de que os desenhos são feitos.

No meu caso, a pintura implica um tempo expandido do fazer, a fotografia implica a tomada de decisões rápidas, constitutivas das próprias imagens, o desenho possibilita encontrar um bom equilíbrio entre todos estes fatores.

4. É difícil sintetizar em poucas palavras dez anos de trabalho regular com a Galeria João Esteves de Oliveira e o próprio galerista.

O trabalho com a Galeria foi, a todos os títulos, altamente profissional, possibilitando-me expor o meu trabalho no espaço do Chiado, em excelentes condições de montagem e produção, mas também a participação em feiras e exposições coletivas. Essa visibilidade originou a integração de trabalhos meus em diversas coleções portuguesas e estrangeiras.

Os aspetos que caracterizaram a minha relação com João Esteves de Oliveira foram: a confiança recíproca, o enriquecimento pessoal constante, a lisura de comportamentos, a cumplicidade e um desafio permanente de superação.

5. Como se depreende de tudo o que ficou dito anteriormente, o trabalho com a Galeria JEO revestiu-se da maior importância no plano profissional, mas também pessoal.

Foi um privilégio poder participar neste projeto artístico, com características únicas, desenvolvendo um trabalho raro de valorização do Desenho, como área fundamental nas práticas artísticas contemporâneas, enquadrada pela riqueza da produção modernista.

Eduardo Souto Moura 13.09.2022

1. Aos 5 ou 6 anos na Escola Italiana no Porto. Todas as cópias e os ditados tinham que ter um desenho.
2. O desenho no projeto, é por onde começamos e depois no fim, confirmamos se está conforme.
3. O desenho na arquitetura é completamente diferente das outras disciplinas, como a escultura e pintura, porque é um código para ser materializado por outros.
4. Quando começamos, fomos-nos conhecendo melhor e ao longo do processo conheci outras pessoas dentro e fora do “metier”, o que foi agradável, para hoje guardar uma boa memória.
5. A exposição na Galeria JEO foi uma divulgação dos meus esboços e, deu-nos para aferir valores que me têm servido de referência.

Eugénia Mussa, 08.09.2022

1. Desde sempre. Nasci em Moçambique, cresci durante a guerra civil, não havia muito entretenimento (televisão, etc), só me restava desenhar para passar o tempo.
2. Comecei a estudar desenho em 2003 e pintura só em 2007. Durante esse intervalo só desenhei, quando se deu a transição para a pintura senti-me bastante incapaz porque dominava o medium do desenho. Hoje sinto que embora o meu trabalho se destaque pela pintura, ainda me acho melhor desenhadora que pintora, mas desenho ensinou-me a focar de modo obsessivo durante um determinado período de tempo, o que se revelou imprescindível para a pintura.
3. Como sou pintora e raramente produzo obras para além do medium, o desenho está lá sempre, não existe separação.
4. Foi uma excelente experiência porque foi a primeira galeria privada em que expus e onde fui muito bem acolhida pelo João Esteves. O seu entusiasmo pelo desenho/pintura era contagiante e deu-me bastante motivação e confirmação que apesar de estar a pintar o que apetecia- usar cores berrantes- fora do que era normal na altura, o meu trabalho era muito bem recebido pelos entusiastas da pintura/desenho, como era o João Esteves.
5. As exposições na Galeria JEO foram sem dúvida uma rampa de lançamento/ponto de viragem no inicio da minha carreira, a partir das quais surgiram vários convites para outros projectos, como o feito pelo João Mourão para a minha primeira exposição individual na Galeria Quadrum.

Gil Heitor Cortesão, 08.09.2022

1. Muito cedo, nos meus primeiros anos.
2. Quando comecei a expor, na segunda metade dos anos 80, quase todo o meu trabalho era realizado sobre papel. A pintura surgiu mais tarde e, em termos públicos, foi substituindo o trabalho de desenho.
3. Sim, sem dúvida. Existiram sempre. Nos últimos tempos o desenho assumiu para mim um papel próximo da escrita, do registo imediato e pouco elaborado, para uso próprio e preparação das pinturas – não para ser exposto. Noutras alturas teve um papel diferente (como foi o caso com o ciclo de desenhos apresentados na JEO em 2010) mas sempre distinto do da pintura.
4. Em 2010 participei, com Alexandre Conefrey e Rosa Carvalho, numa exposição, “Arquitecto de Nuvens”, realizada na JEO. A proposta de pensarmos e realizarmos uma exposição de trabalhos sobre papel veio do Alexandre Conefrey e achámos que a JEO seria a galeria ideal para concretizar esse projecto. A ideia foi acolhida com entusiasmo por João Esteves de Oliveira, com quem foi um prazer trabalhar e cujo contributo e profissionalismo foram decisivos para que a exposição se concretizasse como aquela que tínhamos à partida idealizado, acompanhada por um catálogo com um belo texto de João Miguel Fernandes Jorge.
5. Recordo a exposição em que participei, na JEO, como um momento especial no meu percurso, por ter tido oportunidade de colaborar não só com dois artistas que muito admiro (Alexandre Conefrey e Rosa Carvalho) mas também com aquele que continua a ser (anos depois da JEO ter encerrado) um galerista único e idiossincrático, principal referência no campo da divulgação do desenho em Portugal.

Graça Pereira Coutinho, 02.09.2022

1. Pensando bem comecei a desenhar quando nasci (como todos os bebês) os primeiros gestos, com os braços no ar. Consciente ou inconscientemente aos 4 anos comecei a seguir formas no ar, a repetir desenhos deitada na cama, das cortinas, do teto do meu quarto, e assim passava horas.
2. O desenho teve desde sempre um papel importante no desenvolvimento da minha obra. Sempre foi fácil representar e exprimir as minhas ideias através dele. Tudo sai naturalmente, sem esforço. A complexidade do processo criativo, a própria natureza de ideias novas adaptam-se muito bem à escrita no papel, à colagem, à aguarela, pigmentos, etc, tudo flui e no papel ganham vida própria.
3. Não nenhuma, complementam-se as ideias novas que vou tendo vão-se manifestando em desenhos Imaginários ou reais. Depois começo a elaborar a melhor maneira de comunicar essa ideia nova. Pode ser desenho, escultura, fotografia ou Instalação. Tem a ver também se estou a viajar, ou no estúdio. A viajar é-me mais fácil usar o desenho, a escrita ou a fotografia e vídeo. Geralmente faço séries de trabalhos em papel bastantes grandes, em que as próprias ideias se vão desenvolvendo.
4. Conheci o João Esteves de Oliveira nos anos 80 em Londres através de um amigo comum que colecionava o meu trabalho e nos apresentou. Mais tarde quando o João abriu a Galeria fui das primeiras artistas a expor. As visitas ao estúdio em Londres para escolher o trabalho foram sempre enriquecedoras, e só revelaram a grande sensibilidade, inteligência e apreciação de arte contemporânea que o João manifestava também como colecionador.
5. Posso dizer que foi muito importante a experiência de expor e construir uma amizade com o João. É sempre bom encontrar alguém que goste e aprecie o nosso trabalho.

Hugo Palma, 04.03.2023

1. 12 anos.
2. o desenho em papel é a base, sempre o ponto de partida, como um respirar permanente, que permite abordar imagens de modo mais rápido e compulsivo, explorar a espontaneidade e registar ocorrências, que poderão ser desenvolvidas outro meio, no meu caso, pintura a óleo.
3. sim, há diferenças. Encaro sempre o desenho de um modo mais descontraído, sem um compromisso muito definido com o resultado final. O desenho permite ir mais rápido e chegar mais facilmente a sítios desconhecidos.
4. a minha relação com o galerista João Esteves de Oliveira foi curta. Participei apenas numa exposição coletiva, cujo convite surgiu depois de uma mostra de desenhos ao João Esteves de Oliveira, que se proporcionou numa conversa durante uma visita à galeria. Depois dessa exposição, fui convidado a participar numa segunda coletiva, mas esta participação não se concretizou.
5. foi importante pela experiência, por poder participar numa exposição com muitos artistas (alguns deles consagrados) e pelos contactos e relações que criei. Deste contacto surgiu uma outra exposição, com os artistas Manuel Diogo e Diogo Guerra Pinto.

João Jacinto, 23.07.2022

1. Quando comecei, não sei. Já ouvi dizer que o começo antecede a origem.

O primeiro desenho de que me recordo, como coisa a fazer diferente a regularidade do mundo, foi aí pelos meus 5/6 anos, nos inícios dos idos anos 70 do passado século. A televisão tinha acabado de entrar em casa e, depois de visto o primeiro filme (lembro-me que de guerra), fiz um desenho para que o filme durasse mais. E durou.

2. O que acabei de referir como "primeiro momento": fazer durar.
3. Sim. E é essa diferença que simultaneamente as faz incomparáveis e, assim, as mesmas.
4. Tive a felicidade de encontrar no João uma "sonoridade" familiar
5. A Galeria que "deu a ver" o meu trabalho sobre papel. Antes não tinha ocorrido. Devo-lhe tudo isso.

João Queiroz, 11.11.2022

1. não me recordo. Desde que me deram um lápis para a mão. Penso eu
2. É muito importante. Talvez o mais importante.
3. Não
4. Foi uma experiência longa e positiva. Durante bastantes anos estive impossibilitado de fazer a exposição na galeria, devido aos meus compromissos com outra galeria No fim lá se resolveu. Gostei muito de a fazer. Foi a única exposição que eu não escolhi, o João escolheu os desenhos entre aqueles que eu tinha, ao seu gosto.
5. Não consigo avaliar. Creio que foi boa.

Jorge Martins, 22.07.2022

1. Antes de falar
2. Desenho para passar o tempo, desenho para compreender formas, desenho para simplificar formas, desenho para complicar formas, desenho para pensar em pinturas, desenho até para fazer desenhos, etc.
3. Desenhá é pensar em formas na ausência de problemas de cor, tal como um compositor
4. Ao compor uma sonata para piano não está a pensar no oboé nem no violoncelo
5. Conheci o J E O muito antes da galeria existir, ainda em Paris em finais dos anos 70.
Era um homem culto, afável e civilizado e um verdadeiro amante de arte. Logo se estabeleceu uma relação de boa amizade até hoje.
Quando abriu a galeria estava como peixe na água a lidar com arte artistas e colecionadores, sempre atento, conhecedor e irrepreensível.
Fiz lá creio que quatro exposições que me deram muito prazer e satisfação profissional.
Lamento profundamente o fim da galeria que tinha um estilo tão próprio e que durante anos foi um verdadeiro oásis no meio artístico lisboeta

Jorge Nesbitt, 2022

1. comecei a desenhar quando era criança, na adolescência essa relação com o desenho intensificou-se e por fim foi parar ao ar.co e passou a ser um assunto mais sério, fiz muito desenho de observação que foi estruturante para o resto da minha actividade artística.
2. Para mim o papel tem uma importância grande, a maior parte da minha obra foi feita sobre papel.
3. Para mim o desenho é transversal a todas as áreas de criação artística
4. Foi muito boa, o João tinha um interesse genuíno no meu trabalho e de muitos outros artistas, foi excelente trabalhar com ele.
5. teve um enorme impacto, a galeria tinha uma excelente visibilidade e uma programação irrepreensível

José Loureiro, 02.09.2022

1. Desenho desde que me lembro.
2. O desenho subjaz a tudo. Não há como evitá-lo.
3. O desenho costuma ser mais rápido. A pintura costuma ser mais lenta. Mas pode acontecer exactamente o contrário.
4. Trabalhar com João Esteves de Oliveira foi muito fácil, não só por ser uma pessoa informada, mas por saber muito bem o que queria.
5. O meu percurso artístico já estava estagnado e continuou estagnado. Nada que se deva a João Esteves de Oliveira: sempre valorizei a estagnação. Creio que as sábias palavras de Durer, escolhidas para guião deste inquérito, revelam bem como qualquer ideia de percurso artístico é um assunto menor.

Josefina Ribeiro 23.07.2022

1. Quando começou a desenhar?

Na verdade, comecei a desenhar na infância, amava pintar com as mãos, aos 19 anos iniciei o curso de Design onde tive muito desenho a partir daí foi sempre o desenho, aos 25 fiz um curso de pintura e a partir daí foi sempre a pintar, mais tarde fiz o Arco e apaixonei-me pelo papel.

2. Qual o papel do desenho/trabalho sobre papel na sua obra?

Desde que saí do arco, que o papel é o meu suporte, adoro experimentar vários papéis, cada um com o seu propósito, cada um com a sua resposta.

3. No seu processo criativo existem diferenças na criação de um desenho e outras obras de arte, como uma escultura, instalação ou pintura?

No meu trabalho não existem diferenças entre desenhar ou moldar, o desenho está sempre presente, para moldar tenho de primeiro desenhar, o desenho faz parte do pensamento quando crio uma obra.

4. Tendo exposto o seu trabalho na Galeria gostava que me contasse como foi essa experiência. Como descreve a sua relação com galerista João Esteves de Oliveira.

Para mim foi uma honra trabalhar com o João, senti-me bem com o João, bem recebida bem acolhida, foi uma experiência a qual estou muito grata.

5. Que importância teve no seu percurso artístico a participação em exposições na Galeria JEO?

A importância na minha carreira artística sinceramente não sei, com toda a certeza deve ter algum peso no meu currículo, acredito nisso.

Manuel Aires Mateus, 05.09.2022

1. Eu sempre desenhei, mal. O desenho é um esforço; fui desenhando cada vez mais. Hoje, apesar de desenhar mal, sinto uma grande liberdade no desenho para trabalhar.

2. O meu trabalho é desenhar. Só desenho e escrevo à mão. É a única coisa que faço como trabalho. Em desenho registo as minhas dúvidas, em desenho vou à procura do projeto. Portanto, entre desenhar e escrever, no papel vou encontrando o fio condutor de cada projeto. O trabalho para mim é desenho e escrita sobre o papel.

3. O desenho para a arquitetura não é uma arte final. Não é um produto final. É uma mediação e a procura de uma arquitetura. Portanto em relação aquilo que seria uma arte final, que teria um valor por si mesmo, há uma enorme diferença. Nós desenhamos procurando, não desenhamos para um objectivo que tenha haver com o próprio desenho.

4. O convite do João Esteves de Oliveira foi de uma enorme generosidade. Eu não sinto que desene bem, sinto que desenho com verdade no que corresponde ao meu trabalho e à minha procura. Nós aqui procurámos expor aquilo que foi um facsímil de um caderno utilizado num concurso para a nova entrada do Alhambra. Neste concurso concorria também o arquiteto Álvaro Siza. Como não desenho obviamente na presença dele, isto obrigou-me a desenhar todos os espaços e tudo o que queria recordar, de memória. Na verdade foi um concurso em que num só caderno se concentrou toda a investigação; o que é raro mas aconteceu. E foi isso que foi exposto na galeria Esteves de Oliveira.

5. Esta exposição conferiu-me uma maior liberdade. Nunca esperei alguma vez vir a expor um desenho. E, portanto, quando o fiz também ganhei maior liberdade em relação ao desenho. Na verdade, acho que o apoio que o João deu ao organizar esta exposição me conferiu uma maior confiança que me ajudou desde aí a continuar a desenhar e a desenhar cada vez mais.

Manuel Botelho 30.08.2022

1.

Comecei a desenhar muito cedo; a minha mãe tinha formação pedagógica e deu-me meios para desenhar na minha mais tenra infância.

2.

O desenho foi essencial tanto para a obra plástica, que percorre toda a minha vida, como da arquitetura, a que me dediquei entre 1968 quando ingressei na ESBAL até 1983, quando passei a dedicar-me exclusivamente à arte.

3.

O desenho em geral é mais direto (embora nem sempre o seja), mais imediato; existe uma maior proximidade temporal entre pensar e fazer; a pintura é por definição mais lenta.

4.

Expus o meu trabalho na galeria JEO em exposições coletivas, tendo realizado uma individual muito relevante na minha carreira. A minha relação com o João Esteves de Oliveira sempre foi excelente, a todos os níveis. Ele é uma pessoa extremamente afável e sensível; e sempre admirei a sua postura (invulgar entre nós) de defesa do desenho. O nosso diálogo sempre foi rico e de enorme utilidade e construámos ao longo dos anos uma sólida amizade.

5.

A minha colaboração com a Galeria João Esteves de Oliveira foi de grande relevância na minha carreira artística. Na exposição individual que aí realizei em 2007 apresentei um núcleo de obras particularmente importante e diferente, que apenas apresentei publicamente nessa ocasião, e que ficou registada num excelente catálogo.

Manuel Caldeira, 01.09.2022

1. Não tenho recordações do início. Acho que foi algo que sempre esteve presente desde criança.

2.

O desenho acaba por ter um papel central no meu trabalho. Algo que cruza todos os mediums em que trabalho. Funciona como um gesto que ensaia e dá forma ao pensamento, como elemento estruturante.

3.

O João sempre gostou de ter uma presença na seleção do trabalho a ser exposto. Gostava também de ter alguma intervenção nas decisões de montagem de exposições, mas dando espaço ao artista para ter a decisão final.

A experiência de trabalho com o João

João foi sempre positiva, das várias exposições que fizemos, a experiência foi sempre interessante, conseguia ser extremamente profissional e demonstrar amizade pelos artistas.

4 e 5

Foi muito importante ter mostrado trabalho na JEO. Fiz duas exposições individuais e uma de trabalhos em colaboração com a Ana Jotta ao longo de 10 anos.

Portanto, acho que existiu um evoluir na relação ao longo de esses anos. Desde a aposta num jovem artista que tinha saído há pouco tempo da escola, até consolidar numa amizade e na admiração de trabalho mútua.

1.
A desenhar como actividade lúdica, desde sempre. A prática consciente como objecto artístico ou com pretensão a tal, foi mais tardia. O meu percurso não foi muito linear. Venho de psicologia. A formação artística, no Ar.Co, aparece mais tarde, por uma questão de necessidade. Foi um percurso que tinha sido interrompido e ao qual precisava voltar.
2.
O trabalho sobre papel, nomeadamente a pintura a óleo sobre papel, passou a ser central ainda durante a minha formação no Ar.Co. Sempre foi claro para mim o foco na pintura e após algumas experiências noutros suportes encontrei no papel e na sua diversidade e multiplicidade o suporte que me tem satisfeito e preenchido até agora. Do mais nobre artístico ao vulgar manteigueiro, de esquisso, alta ou baixa gramagem, papel velho, o frágil papel de arroz, de jornal... cada um com as suas singularidades que passam a integrar no meu trabalho. Agrada-me ainda a flexibilidade e fragilidade do papel por contaponto ao peso da tela (ambos no sentido literal e simbólico).
3.
Balanço entre a pintura e (algum) desenho e não tenho a fronteira bem definida entre os dois. A superfície/suporte onde trabalho é a mesma. A abordagem também.
4.
A Galeria JEO era uma das minhas galerias de eleição e referência quando estudante de artes pela certeza da qualidade dos trabalhos que sabia ir lá encontrar. Fazia parte do meu percurso regular por galerias. A oportunidade para a primeira exposição colectiva em que participei surgiu após a minha participação na exposição de finalistas do Ar.Co, tendo o contacto por parte do João, como se compreende, me enchido de satisfação. Acabei por participar em várias colectivas e a relação foi sempre franca, de confiança, de troca de ideias e aprendizagem.
5.
Foi muito importante, um privilégio mesmo e um enorme prazer, ter começado o meu percurso artístico pós-escola de artes na Galeria JEO. O profissionalismo, o rigor e o critério do João cedo começaram a ser uma referência. Também pelas outras pessoas que conheci (artistas, coleccionadores...), as cumplicidades que se foram criando e que duram até hoje. É, sem dúvida, um ponto especial não só do meu percurso artístico mas também pessoal que me irá acompanhar sempre e que me enriquece bastante.

Manuel Gantes, 28.07.2022

1.
Quando comecei a andar.
2.
Um papel fundamental, experimental e construtivo.
3.
Não diferenças de fundo conceptual, eventualmente diferenças de tempo e modo.
4.
Foi boa mas curta e insuficiente, tendo apenas participado em duas exposições colectivas.
Foi uma relação cordial.
5.
Foi uma experiência não determinante, mas enriquecedora, como todas.

Marcelo Costa, 05.08.2022

1.
Por volta dos 18 anos, quando fui estudar para o Ar.Co.
2.
Tem um papel central, com o tempo tornei-me um desenhador e trabalhar sobre papel é algo que faço quotidianamente.
3.
No meu caso diria que não. Sendo o desenhador estou sempre a desenhar, independentemente dos materiais e suportes utilizados.
4.
Foi uma relação em crescendo. Ao início pareceu-me um galerista negociante, mas rapidamente percebi que não podia estar mais errado, o João é um entusiasta do desenho, um verdadeiro amante do desenho. A partir desse momento foi um prazer trabalhar com ele.
5.
Foi importante. Não exponho muito regularmente, e fazê-lo com as excelentes condições que o João proporcionava foi e é muito importante para mim

Marco Pires, 07.09.2022

1. Comecei a desenhar desde muito cedo, 5, 6 anos, e compulsivamente. Desenhava não só para mim como mais tarde comecei a desenhar para os meus amigos, logo, era evidente que partilhar o que fazia parte desta da actividade de desenhar.
2. O papel está presente em todo o meu trabalho, adoro papel, coleciono papel, não só o que compro em lojas de belas-artes como papel antigo que teve outras funções e que uso no meu trabalho, livros, mapas, folhas antigas.
3. O desenho para mim é a prática que mais está relacionada com um prolongamento braço-cabeça, uma forma de pensar, o gesto mais primário, e por isso mais espontâneo. Todos os outros são mais elaborados.
4. A minha experiência foi muito boa, tendo sido o artista mais novo a expor na galeria na época, o programa contemplava artistas instituídos e de gerações mais velhas, a minha responsabilidade era muita, e o respeito que sempre senti pela experiência e sensibilidade sempre demonstrada pelo JEO fez que fosse sempre com muito gosto que a nossa interacção e conversas em torno do trabalho existisse, nem sempre sem divergências, mas sempre com profundo e proveitoso diálogo.
5. Teve extrema importância, o meu trabalho foi muito bem acolhido nas duas exposições individuais que realizei, a par de não sei quantas colectivas, que proporcionou extrema visibilidade e interacção com pares de artistas que tinham em comum a ligação ao desenho. Foi uma experiência muito boa e com extrema importância no meu percurso

Maria José Ortigão Ramos 09.09.2022

1.
Acho que comecei a desenhar desde criança. Creio que aos 5 anos participei num concurso do Diário de Notícias com o desenho de um Comboio (Ganhei o 1º prémio!) Depois sempre gostei de desenhar! E como ia para arquitetura fiz “Desenho de Estátua aos 16/17 anos e durante o curso que terminei em Junho de 1980.
2.
Se puder considerar o desenho o trabalho sobre papel (guache, aguarela, monotipia) tem um peso muito grande.
3.
No meu processo criativo tem um papel de preparação é “pensamento”, mas quase sempre dando lugar a futuras pinturas (ultimamente trabalho na prensa da gravura).
4.
Na exposição que fiz na Galeria JEO considero que foi uma ótima experiência. Fiz uma instalação no 2.º andar com cerca de 100/120 monotipias de papel de formato A4 e tive a preciosa ajuda na montagem de Vasco Futscher. Já conhecia o João (meu amigo e do meu marido) e ele foi sempre acompanhando a evolução do meu trabalho durante o curso do Ar.Co que terminei em 2012. Nomeadamente nas exposições de finalistas e numa dessas disse-me que gostava de ver o meu trabalho exposto na Galeria. Fiquei muito contente quando isso se concretizou e agradeço muito ao João essa oportunidade! Numa galeria tão conceituada!!
5.
Essa exposição teve uma grande importância no meu percurso.

Miguel Branco, Setembro de 2022

1. Comecei a desenhar desde muito cedo, em criança, e continuei a fazê-lo sempre até iniciar o meu trabalho de pintura em meados dos anos oitenta. O Desenho foi a parte verdadeiramente estruturante do meu trabalho.

2. Na minha obra, o desenho como disciplina autónoma tem um papel particular. A primeira exposição individual (em Janeiro de 1988) apresentava um conjunto de desenhos e de esculturas de 1987. O desenho teve um papel importante até 1987, altura em que comecei a pintar de forma sistemática. A pintura substituiu o desenho, por assim dizer, o desenho passou a estar integrado na pintura e deixou de ser uma prática autónoma. Deixou de haver, a partir de então, obras sobre papel.

3. São coisas muito diferentes. A pintura tende a ser mais fluente, bem como a escultura. No desenho, o processo é mais complexo. Primeiro costumo construir os modelos para os desenhos utilizando o computador, construindo a imagem digitalmente a partir de fotografias existentes de espaços e de figuras, normalmente de animais. Uma vez construído o modelo, são feitos vários desenhos a partir deste, muitas vezes são fragmentos de partes do modelo. O processo é complexo e demorado, feito em fases sucessivas, por camadas.

4. Expus por três vezes na Galeria. A primeira foi uma exposição colectiva em 2010 com mais dois artistas, que eu organizei e propus ao João. O João desde logo acolheu com grande abertura a minha proposta, bem como a da terceira exposição que contou também com mais dois artistas e que lhe propus em 2017. Em 2014 tive na galeria a minha exposição individual “Terra” que foi muito marcante no meu trabalho. Pude sempre contar com a maior confiança, generosidade e simpatia por parte do João, criámos uma relação de trabalho sólida e especial ao longo dos anos, criámos laços de amizade. Foi sempre um prazer trabalhar com o João.

5. Foi muito importante. A exposição de 2010 por umas razões, a individual de 2014 por outras. O facto de ter deixado de desenhar em 1987 e o facto da galeria trabalhar com obras em papel, obrigou-me a desenhar de novo. Isso foi crucial para o meu trabalho de desenho que começou verdadeiramente com a exposição de 2010 e se mantém como parte central da minha obra desde então. Pode dizer-se que a minha obra sobre papel se deve a essa exposição. Em 2014, a exposição individual “Terra” foi central no percurso do meu trabalho, uma exposição extensa, ocupando todas as salas, pensada para o espaço da galeria

Pedro Cabrita Reis 24.01.2023 – duração 29.14

O inquérito foi realizado no atelier do artista em áudio e depois editado e adaptado para um discurso escrito. Por fim, esta versão editada do texto foi enviada por email para o Cabrita para validar.

Pedro – Conversa em torno da presença da Galeria João Esteves de Oliveira em Lisboa como tema do mestrado da Isabel Andrade Dias

Isabel – Pedro o meu objetivo é mostrar qual é o lugar da Galeria João Esteves de Oliveira na arte contemporânea Portuguesa, o que contribui para o desenho, primeiro para o trabalhos sobre papel/desenho. Porque a Galeria só vendia trabalho sobre papel. Eu estou -me a focar na arte contemporânea, embora o João tenha feito um papel muito interessante com os modernistas mas o meu trabalho é focado na arte contemporânea e entrevistei a maioria dos artistas ou pelo menos aqueles que tiveram uma exposição individual, tiveram destaque porque achei que era importante focar com o registo de cada um, primeiro qual a importância do trabalho sobre papel na obra deles.

Primeiro qual foi a importância do trabalho sobre papel/desenho e depois qual foi a importância de ter colaborado com a Galeria e falar um bocadinho sobre a experiencia de ter exposto lá.

Comecei a perguntar quando começou a desenhar. A maior parte dos artistas falam na infância, quando é que o desenho começou a ter importância no teu trabalho.

Pedro – Bom, não serei diferente dos outros artistas com quem conversaste antes e poder-te ia dizer com a mesma simplicidade e até com uma dose de banalidade, sim comecei a desenhar desde muito jovem. Recordo-me, por exemplo, que fiz aqui há uns anos na Fundação Carmona e Costa uma exposição que se intitulava 390 desenhos que era uma exposição exclusivamente concentrada, desenhos aguarelas, enfim trabalhos sobre papel e o desenho mais antigo que eu tinha exposto era de 1971 ora eu tinha 14 anos em 1971, era uma vista infantil e inocente de uma coisa que eu via da janela de minha casa que era um telhado, com uma casa em frente, enfim uns pássaros uma árvore por trás e por aí fora. Também te poderei dizer uma coisa que muitos outros artistas ter-te ão dito igualmente mas que eu sinto como absolutamente entrosado na minha prática é que o desenho sempre foi um eixo axial na minha prática enquanto artista desenhei quase sempre e o desenho tem essa particular qualidade de ser uma espécie de exercício mental para descartar coisas que se provam mais tarde vir a não ter importância e que o desenho escarpeliza o olhar, escarpeliza a prática da mão e vai limpando e vai permitindo ao artista, neste caso a mim próprio, ir confrontando com coisas que acaba por se dar conta com coisas de não serem lapidares ou imprescindíveis ou se quer importantes, que ainda é mais a baixo, para o exercício da criação artística. Portanto, o desenho estrutura a casa do pensamento plástico. Contudo, devo dizer-te ao mesmo tempo que afirmo isso, sem qualquer dúvida ou hesitação, posso dizer que nunca fiz desenhos para preparar outras coisas ou seja, tenho meia dúzia de desenhos de projeto porque quando faço por exemplo escultura, sobretudo ou basicamente escultura, quando tens intenção de fazer uma escultura que envolve a contribuição e os esforços de outros profissionais fora do atelier, imagina que tens que fazer uma peça em ferro ou em bronze, ou uma peça que envolva luz, ou trabalhos de madeira, naturalmente terás que explicar aos serralheiros, aos carpinteiros, aos eletricitas o que queres ou o que esperas deles, para isso, voltando a um ditado muito popular muito verdadeiro, um desenho vale mil

palavras é mais fácil fazer um rabisco nas costas de uma fatura do que propriamente estar ali horas a fio a explicar o que é que se quer. O desenho é, não lhe chamaria uma sombra que nos acompanha que é da medida do nosso corpo, mas é claramente um lugar em que o pensamento se desenvolve, se expande, se transforma diretamente de depois esses processos do desenvolvimento da expansão e da transformação podem vir a dar como resultado esculturas, etc. Para pintura nunca fiz isso, pinto diretamente da cabeça para a tela e o desenho para mim tem, se pudermos usar esta palavra, que é uma palavra armadilhada de sentidos tem uma autonomia que o faz valer por si próprio, eu desenho pelo desenho, desenho porque gosto de desenhar, desenho para fazer desenhos não desenho para fazer projetos e também, reitero repito-me talvez, mas é importante dizer isso, não desenho para projetar coisas que venho a fazer mais tarde. Conheço alguns pintores do meu tempo e outros até mais jovens que se acompanham dos cadernos em que fazem, digamos, umas antecipações, uns esboços do que querem fazer como pintura, eu não faço isso. Para mim o desenho é, em si próprio uma disciplina por si mesma e é algo que eu faço porque sim e não porque o uso como ferramenta. Se é uma ferramenta de clarificação do pensamento não é necessariamente uma ferramenta de ordem técnica ou processual para chegar a outro fim. O desenho é o fim de si próprio. Portanto, sim, desenho desde a tenra adolescência continuo a desenhar, desenho bastante e não tenho constrangimentos de qualquer natureza tanto posso desenhar um série de nus como árvores como nuvens como nada, riscos no papel enfim, riscos é o que for e não sei o que poderia dizer mais para esta pergunta.

Isabel – Está muito bem. Esse é o problema é que eu falo de tudo.

No teu processo criativo existem diferenças entre fazer um desenho ou fazer uma escultura ou uma instalação?

Pedro – Do ponto de vista do processo, do ponto de vista formal, sim claro existem diferenças quando fazes um desenho o universo de uma folha de papel tem todo um território de medidas que não são só as medidas do papel são as medidas que provêm do modo como se olha para o desenho. Essas medidas não são as mesmas que assistem ao processo da construção ou de uma escultura ou do desenho projeto para uma peça de grandes dimensões a que chamaremos para facilitar a comunicação, uma instalação, palavra que eu, entretanto abandonei em 2009 ou também da pintura, ou seja, há e não há diferenças. Há diferenças na forma como cada disciplina desenho, pintura convoca...cada um desses territórios é diferente do que o procede. Já não há diferença nenhuma porque se considerarmos todo este leque desde as múltiplas formas de exercer a criatividade que um artista pode ter, mas essas múltiplas formas são todas apenas e não só a mesma expressão de uma coisa só a mesma forma como o artista olha em torno de si através do que ele vê e depois do que viu fora ele transmite isso com a linguagem um contínuo da expressão do artista tem e através da qual o artista plasma

Isabel – Eu queria que me falasses um bocado como foi a tua experiência com a galeria e a outra que é mais vocacionada para a artistas emergentes que tiveram outro caminho que importância é que teve teres exposto na Galeria.

Eu inevitavelmente as duas perguntas estão juntas. Nessas 4 exposições que eu fiz com o João Esteves de Oliveira nessa galeria homónima e ele sempre fez bem em dar o seu nome a Galeria, porque as galerias são na verdade, projetos de uma profunda interioridade e uma marca de individualidade de quem as cria, quem as desenha, quem as constrói e quem as alimenta e vai assegurando a continuidade. Ele ter atribuído o seu nome a galeria foi um ato de profunda honestidade intelectual não foi atrás de uma qualquer designação com recortes pretensamente intelectuais nem pseudo intelectuais foi apenas através da atribuição do seu nome à Galeria foi, articulou e construiu uma verdade inquebrável, este é o meu lugar, isto é o que eu faço e eu sou

isto. Portanto, isso creio que ao longo do tempo no qual eu trabalhei com ele se foi reforçando diariamente continuamente e aumentando ou seja. Ao contrário de muitos outros atores deste pequeno mundo que eu diria quase, este pequeno circo de arte contemporânea o João Esteves de Oliveira que vem de uma área totalmente diversa é um homem que vem da banca internacional e, quando chegou a altura, considerou para si próprio que lhe apetecia imenso mudar de vida e fazer uma coisa que lhe trouxesse outro tipo de prazeres e outro tipo de recompensas sobretudo espirituais por isso fez a galeria. O João sempre foi uma pessoa de uma integridade muito particular e por muito particular entendo eu dizer que inabalável, desde o rigor até às vezes obsessivo das contas com os seus artistas coisa que nem sempre esteve muito em voga nas relações entre os artistas e as galerias a quem entregavam o trabalho para comercializar. Desde essa questão que não é uma questão com menos importância e também é ainda, provavelmente mais importante, tinha uma retidão intelectual no sentido das escolhas que fazia em relação aos artistas que expunha e tinha uma dedicação muito própria quase obsessiva na escolha não só dos artistas mas a cima de tudo dos trabalhos. Ele passou aqui no meu atelier largas horas da vida dele ao longo das quatro exposições vinha ver-me trabalhar vinha ver os meus arquivos vinha comigo escolher trabalhos e encantava-se a cada novo desenho que via e, às vezes diria eu, com um olhar maroto, atrevido e culpabilizado perguntava-me se podia levar este ou aquele ou aqueles desenhos ao que eu dir-lhe-ia, claramente que sim. A natureza da relação que eu estabelecia com ele desde o princípio era uma relação que é também importante, e que não tenho a certeza que se verifique em todos os artistas e galeristas, uma relação de cumplicidade. Esta história da galeria, as galerias sabemos nós, são uma instância de mercado, sabemos disso, servem para vender arte e com isso garantir aos artistas os meios de subsistência para poderem desenvolver o seu trabalho. Tudo bem, não temos ilusões românticas, uma galeria é um lugar onde se vende arte, é um lugar onde se praticam as regras básicas de mercado que assistem à venda de todos e outros quaisquer produtos. Contudo, é um produto de uma natureza particular tem a ver com coisas muito antigas como o colecionismo, coisas transversais e transcendentais como a história de arte e, como tal, é assim um lugar onde se pratica uma forma muito específica de mercado mas cuja matéria prima é uma matéria prima que escapa às classificações, um par de sapatos é um par de sapatos, uma garrafa de whisky é uma garrafa de Whisky e um automóvel é um automóvel. Um quadro não é nada disso e é qualquer coisa difícil de definir. Portanto, um desenho neste caso. O João tem essas características, tem a característica da integridade, tem a característica da vocação, tem a característica da motivação e da obsessão de continuar. Isso torna-o naquilo que eu disse há pouco, em mais do que um galerista, tornou-o e, eu acho que não terei sido o único que trabalhou com ele a experimentar esse tipo de sensação, tornou-o num cúmplice mais do que propriamente um parceiro de negócios.

O que é que se passa??? Quando me apercebi, quando o João me comunicou aos artistas que eventualmente iria por um fim à sua atividade na rua Ivens, ficamos todos chocados inclusive lembro-me de termos estado em conversa eu e outros artistas com ele trabalhávamos a tentar desenhar uma forma de o armadilhar de o prender de o impedir de fazer isso e porquê? Não por aspetos de ordem financeira comercial ou estratégia simplesmente porque o trabalho que ele desenvolveu ao longo de uma série de anos em Lisboa, era um trabalho que não tinha par, não tinha forma de ser comparado com outro, era um trabalho único e ele ao decidir que o seu espaço dirigido ao papel, ao desenho, à aguarela enfim trabalhos sobre papel e a forma como ele geriu ao longo desses anos todos como foi criando a fidelidade do ponto de vista dos colecionadores como foi criando um território de respeito para a sua atividade. O desenho era sempre menos considerado era uma coisa menor, era uma coisa que estava numas pastas nos ateliers dos artistas e que muitos poucos a mostravam publicamente. Era uma coisa que servia para rascunhos para fazer pinturas ou esculturas. O desenho ganha, no cenário lisboeta e nacional ganha com o trabalho do João Esteves de Oliveira uma identidade e ganha um direito

de cidade e ganha da parte do público a atenção a uma forma de arte que é autónoma, que é específica e que tem um conjunto de valores inerentes e próprios e que fazem com que ela seja mais do que a simples prática de esboços. Portanto, eu não vejo como é que se possa olhar para o João sem ver nele e na galeria onde ele esteve esses anos todos como um lugar especial, um lugar digamos era um lugar que eu diria usando uma terminologia que me é cara embora possa ser chocante para alguns era um lugar de combate a despeito da atávica e elegância enquanto cavalheiro. Na verdade, a galeria dele era um lugar de combate pelo desenho, pelas boas relações entre a galeria e os artistas a respeito pelo trabalho destes, digamos preparação e educação do público e estando ali tão perto das Belas Artes, no caminho para a Escola de Belas Artes das inúmeras vezes que eu passei pela galeria nessa altura eu ainda ia a galerias, não ia a galerias ia aquela e a poucas mais. Das coisas que mais alegria me dava era ver passar os grupos dos estudantes de Belas Artes que paravam e entravam para ver. Dessa forma a galeria cumpriu também uma função pedagógica e cultural muito importante porque tinha e trazia aos estudantes que obedeciam entrar para ver tinha exposto, digamos da mão própria e direta o trabalho dos artistas coisa que provavelmente não acontecia na escola.

De uma maneira geral, o que eu acabei de enunciar foi digamos em três pinceladas apenas da minha natureza da minha relação com o João Esteves de Oliveira e com a própria galeria ao longo do tempo em que tivemos juntos. No que diz respeito mais especificamente à importância digamos profissional enquanto artistas das exposições que eu fiz. Bom, tendo em conta tal como eu disse no princípio da nossa conversa a importância que o desenho tem para mim e para a minha prática artística é evidente que as exposições que eu fiz na galeria João Esteves de Oliveira é fundamental para uma maximização através da exposição dos desenhos, é levar os desenhos ao público, à crítica, à cidade, aos jovens artistas, aos artistas menos jovens, às pessoas que gostam de ver exposições, é levar esse corpo de trabalho, essa parte de mim próprio que para mim tem uma grande importância, portanto não creio que haja muito para dizer sobre isso porque quando um artista expõe os seus trabalhos numa condições em que esta galeria tem uma vocação dirigida e específica e digamos absoluta em torno do trabalho sobre papel e o artista leva os seus trabalhos sobre papel escolhe em conjunto com o galerista, neste caso, dada a cumplicidade que havia entre nós é evidente que as consequências disso são todas elas consequências que trazem uma massa crítica positiva que vai interferir e influenciar e transformar o seguimento do trabalho. Não vamos agora estar aqui a refletir se as exposições tiveram, embora *en passant* eu possa dizer que tiveram e bastante o que é atribuível a esta conjugação imbatível daquilo que eu sou e daquilo que eu faço com o que João era e aquilo que ele fazia e cada um no seu lado transformou estas exposições em momentos altos de modo que eu não saberia o que poder acrescentar aqui. Não se expõe por acaso em qualquer lado, para já nunca se expõe por acaso e, muito menos em qualquer lado. Estas exposições não sendo por acaso são objeto, fruto e consequência de um trabalho aturado de escolhas e de planificação e, depois não se expõe em qualquer lado porque só se deve mostrar o trabalho em lugares onde ele possa de alguma forma ter uma visibilidade que nós ambicionamos e alvejamos para o que fazemos. Expor desenhos numa galeria vocacionada em exclusivo para o papel ou desenho se quiser, é realmente um encontro de dois momentos, que é um encontro que dá frutos bastante sólidos e eu lembro-me e recordo-me de que qualquer uma dessas quatro exposições a sensação de gratificação era para mim notável e permanente e tenho ainda dela uma memória muito viva e tenho pena que, apesar do João ter decidido que na altura que ele achou oportuna digamos por um fim a essa sua atividade tenho pena que não tenha acontecido ou não tenha aparecido em Lisboa alguém que lhe quisesse seguir os passos e, acima de tudo aproveitar o grande capital que o João Esteves de Oliveira e a sua prática de galerista deixaram para poder dar frutos. Alguém provavelmente poderá continuar eu acho que isso seria muito bom.

É isto.

Isabel – Obrigada é optimo, agradeço-te imenso

1.

Eu comecei a desenhar quando comecei a frequentar os cursos de formação artística da Sociedade das Belas Artes em 1970,71 ... eu fazia uns desenhos mas era uma espécie de hobbies que eu fazia no final da minha adolescência com 16 anos e cheguei, aliás a fazer uma exposição de trabalhos sobre papel com outros amigos mas já estava no primeiro ano da Sociedade de Belas Artes e depois as aulas com o Sá Nogueira, que eu não tinha porque estava no curso da noite mas depois comecei a ver as aulas de dia de desenho de modelo, isso atraiu-me para desenhar era um complementar, eu fazia fotografia. Além de estudar engenharia o que eu gostava era de fotografia. Mas a engenharia estava a decorrer desinteressadamente para mim e eu fui avançando no meu trabalho e, no caso foi sobre o desenho na Sociedade de Belas Artes. Só depois da revolução em 76, 77 é que eu fui para as Belas Artes

2.

Eu faço duas coisas. Uma coisa é o desenho sobre papel que tem várias formas, também faço desenho no computador também toma várias formas tem características diferentes, é o desenho e a pintura sobre papel. E portanto o papel como suporte surge naturalmente porque é muito acessível em termos não só por ser mais fácil de preparar para trabalhar como está à mão não precisamos de uma sala mais complicada em qualquer secretária dá para desenhar. É o uso do material fácil que me deu o interesse de continuar sempre porque é um trabalho que eu continuo a fazer hoje à parte do meu trabalho de pintura. O desenho nunca me serviu muito como projeto para pintura também o fiz, mas ele teve sempre um carácter muito autónomo. Portanto desde os caderninhos de desenhos, aos desenhos de computador, aos desenhos de folhas normais folhas de hotel de 56 x 76, formato de mesa de secretária, sempre foi um trabalho que eu cultivei e que preciso de trabalhar, mesmo às vezes para fazer uma pintura não tem nada a ver... que é cheia de cor. Eu tenho desenhos que faço por contraste e depois provooco as pinturas não tem o tenho aquele sentido tradicional do que é o desenho...se o desenho é preparatório de pintura, o desenho é mais uma prática autónoma que é o fundamento da criatividade assim como um processo que se liga à pintura, mas que se desliga também.

3.

Eu tenho feito alguns objetos com caráter de escultura, há um desenho de estudo de projeto mas ele não se impõe e deixa que não. Claro há um estudo de projeto para a escultura, mas é processo que se autonomiza. Ele tem é uma ferramenta também auxiliar de outras coisas, mas permite uma prática autónoma. Mas determinadas esculturas precisam e não precisam do desenho. Deixam-me ser ambíguo.

4.

No momento aparecer uma galeria que dá a primado ao desenho que dá ao primado ao trabalho sobre papel, até pelo próprio gosto do João para mim foi uma surpresa e uma grande curiosidade e grande felicidade quando o João me convidou para mostrar o trabalho na galeria. Normalmente todas as minhas exposições são projetos entidades que tem uma entidade para um determinado espaço, sequência e as exposições tinham essa temática. Foram exposição de obras inéditas criadas para aquela exposição não fui buscar outros trabalhos já feitos. Fiz sempre apresentação de trabalhos de investigação que estava a fazer. Quando havia uma exposição era programada com antecedência um

ano antes ou seis meses que me dava tempo para a galeria sobre papel e inédito. Foram exposições especialmente criadas para esse projeto João Esteves de Oliveira

5.

Há muita cumplicidade visual. Sempre comentei e João gostava de ter essa conversa, o João gostava de ter essa conversa das obras não era só as minhas eram também dos outros autores. O trabalho que eu gosto mais é este ... e ele dizia que era este por causa das formas, claro escuro, contraste de cor, de pastel, de linha. Tínhamos esse gosto. Também tinha admiração por ele ter obras de alguns mestres do século XX que ele tinha, como o Matisse, que é uma artista que eu prezo muito. Além de ter sido artista também fui colecionador. Também fui colecionador da Galeria também adquiri uma colagem do Cruzeiro Seixas. Há uma relação que se completou. Há uma relação de um ciclo que se fechou... que se completou

Ricardo Bak Gordon, 05.08.2022

1.
Sou arquitecto e comecei os meus estudos na Escola do Porto, onde o desenho era uma disciplina fundacional. Aí comecei.
2.
Desenho muito para registar e investigar o trabalho que estou a desenvolver. Através do desenho descubro o caminho que o trabalho quer seguir.
3.
A verdade é que no meu caso essa questão não se aplica. Não produzo obras de arte. Produzo desenhos de trabalho na prática da arquitectura.
4.
Sempre conheci e admirei a galeria JEO, não apenas pela sua prática expositiva exclusivamente dedicada ao desenho, mas também pela pessoa do João, que emprestou à galeria um ambiente de intimidade muito acolhedor.
Também recordo com particular entusiasmo o facto de o JEO ter sido o primeiro galerista de Arte, a apresentar de forma sistemática, mas criteriosa o Desenho de Arquitectos, onde eu próprio me incluo.
5.
Teve sobretudo a importância de marcar um momento de enorme prazer!

Rui Chafes, 05.08.2022

1. Como todas as pessoas, quando era criança.
2. O desenho é a razão de ser do meu trabalho, a espinha dorsal de tudo o que faço em escultura. Não acredito que existam artistas visuais que não desenhem. O desenho é o olhar do artista.
3. Evidentemente que sim. Mas o desenho é a base de tudo o resto.
4. João Esteves de Oliveira é um homem com um olhar subtil e um conhecimento refinado do que é, na verdade, o desenho e o trabalho sobre papel. A sua Galeria (que nunca deveria ter acabado) desenvolveu uma actividade rara e preciosa no contexto da arte e do mercado português e acredito que a relação que manteve com todos os artistas foi sempre da maior honestidade, correcção, simpatia e até amizade. Sempre admirei muito o trabalho sério e corajoso da Galeria e o conhecimento profundo do João Esteves de Oliveira. Tenho o enorme privilégio de ter mantido uma boa amizade nestes anos todos, mesmo depois do encerramento da Galeria.
5. Foi a única exposição individual de desenhos que realizei numa Galeria de arte. Normalmente, recuso vender desenhos.

Rui Sanches, 12.09.2022

1. Desenho desde que me conheço

2.Desde 1982 comecei a encarar o desenho como uma prática autónoma e a fazer desenhos que podiam ser mostrados como obras de pleno direito.

3.Normalmente alterno o trabalho em desenho com a produção em escultura. Os desenhos que exponho não são estudos para esculturas nem desenhos das esculturas. As questões envolvidas, as temáticas tratadas, são muitas vezes as mesmas. Mas os meios e os processos utilizados são, obviamente, muito diferentes. Os desenhos são feitos com os meios próprios dessa linguagem: bidimensionalidade, meios riscadores, manchas e aguadas, formas, imagens, etc.

4.Expus apenas uma vez na GEO. O João já tinha comprado desenhos meus para a sua coleção e a proposta de fazer a exposição surgiu, em conversa, naturalmente. A experiência correu muito bem. Foi um prazer trabalhar com ele: atento, envolvido e exigente. A exposição coincidiu com o agudizar da crise financeira de 2008, mas mesmo assim o resultado, a nível comercial, foi positivo. Não voltei a expor na galeria, mas mantivemos a amizade e continuei a visitar as exposições. Tive muita pena que a galeria tivesse fechado, era um projecto único e muito importante no panorama artístico português.

5.Expor numa galeria prestigiada como era a GEO é sempre importante e acrescenta ao currículo de um artista.

1. O desenho sempre fez parte da minha vida. Primeiro, como observadora mais tarde como executante, artista. Pelo meio ficaram os anos em que como qualquer criança que tenha lápis e papel garatuja, desenha casinhas, animais, as nuvens e o sol.... Mais tarde ainda, pelos meus treze anos altura em que os interesses se vão diversificando, continuei a desenhar; para mim fazia parte do meu mundo íntimo. Como artista expus pela primeira vez com vinte e um anos “Lagos 82” uma coletiva em Lagos, Algarve, Portugal – Pintura. Expor desenho aconteceu muito mais tarde só com 29 anos. Até lá sentia-me mais confiante a Pintar.

2.3 O desenho corre em linha paralela ao meu trabalho de pintura sobre tela, são dois campos diferentes apesar de se cruzarem por razões técnicas.

Desenho em tela como também pinto sobre papel. Faço a distinção entre pintura e desenho. As duas únicas áreas a que me dedico enquanto artista plástica pelo suporte utilizo papel = desenho e tela = pintura.

3. No entanto, o gesto, mais ou menos lápis de cor ou carvão, colagem tem muito a ver com a densidade do papel utilizado; o mesmo acontecendo com a tela, a tinta neste suporte permite ser mais densa, mais matéria, mas o traço não pode ser tão incisivo com o pincel como com o lápis. É uma questão técnica a qual tento respeitar.

4.5

Como artista a minha colaboração com a Galeria João Esteves de Oliveira, com o próprio galerista teve um carácter e papel único, particular, singular e irrepetível. Uma Galeria que trabalhava apenas com o suporte em papel, com desenho. Uma Galeria que tendo uma dimensão física pequena mesmo assim permitia a exposição de trabalhos de diversas dimensões e géneros.

5. Foi um trabalho feito em equipe, com entusiasmo de entusiasmo pelo que se passava no mundo da arte, belíssima programação e um entusiasmo que ligava os artistas ao galerista, aos seus colaboradores. Mais próximos aos clientes e visitantes do espaço.

Ao João Esteves de Oliveira devo-lhe muitas das minhas conquistas enquanto artista; o seu empenho e dedicação aos artistas e aos seus trabalhos fizeram desta galeria da qual fiz parte até ao seu fecho um caso único de dedicação. E volto a repetir de entusiasmo!

Vasco Araújo, 27.10.2022

1. Aos três anos de idade.
2. É igual a qualquer outro trabalho que faço, seja escultura, instalação, vídeo ou desenho, são sempre ideias e obras.
3. Como disse antes, é exactamente igual, parto sempre de uma ideia, que tanto se pode materializar em desenhos, esculturas, instalações ou vídeos.
4. Foi uma boa experiencia, apesar de não ter realizado os trabalhos de propósito para a exposição, ou melhor, os trabalhos já existiam. Penso também que a minha exposição desafiou o João a olhar para o espaço, ou a forma de expor desenhos de outra forma no espaço.
5. Não teve um grande impacto, até porque as obras já tinham sido mostradas anteriormente.

Vasco Futscher, 06.09.2022

1. Creio que, como todas as crianças, comecei a desenhar muito cedo, possivelmente ainda antes de ter uma memória desse gesto. Lembro me, porém, de um gesto inaugural: uma promessa da minha mãe, de me oferecer um caderno com um cadeado, deveria ter cerca de 3 anos, caderno esse que ainda tenho e está repleto de desenhos. A diferença talvez esteja no facto de nunca ter deixado de desenhar, ao longo do resto da minha infância e da adolescência, tendo assim passado de uma forma relativamente natural ao início da minha carreira, que foi feita em desenho e em pintura.

2. Nos últimos anos o desenho tem vindo a ocupar mais tempo do meu trabalho e do meu processo criativo. A última série que mostrei em 2018 era complementar ao trabalho em cerâmica. Procurei no papel por um lado procurar formas e soluções que fossem exequíveis em cerâmica, ou que permitissem abrir caminhos. E por outro lado, completamente oposto, aproveitar a liberdade no papel para precisamente fazer aquilo que não será nunca capaz em 3 dimensões ou num objecto.

3. Parcialmente respondido aqui na pergunta anterior, no entanto não existem para mim diferenças qualitativas entre os médiuns. Na verdade cada ideia plástica pede uma expressão material, e sendo assim algumas ideias pedem para ser cerâmicas, e outras ideias pedem para ser desenhos, ou pinturas, ou esculturas, etc.

4. A relação que tive com o João e com a Galeria desenvolve se, no meu caso, em dois momentos. No primeiro, recordo o João a mostrar curiosidade no meu trabalho e a fazer a minha primeira exposição colectiva, na sua galeria, muito no início da minha carreira. Sempre gostei da relação que se criou nessa exposição, mas foi muito ligeira. No segundo momento, em que assisti o João e a Galeria durante 2 anos, tive a oportunidade de conhecer muito melhor o João e o seu entendimento do que era por um lado o trabalho de galeria, de galeria, que sempre fez com brio, e por outro o que era o seu entendimento e amor pelo desenho como médium específico.

5. No meu caso, tendo exposto muito cedo na Galeria, serviu como uma validação do mercado e dos agentes (neste caso o João) ao meu trabalho, que na altura ainda era bastante verde. Trouxe-me reconhecimento ainda muito jovem, ainda que nos anos seguintes tenha sobretudo feito mais cerâmica, e, portanto, deixado mais distancia entre esse “early work” e os trabalhos em papel que tenho feito mais recentemente. Posso concluir dizendo que se a galeria ainda estivesse aberta, seria com muito prazer que faria uma exposição lá do meu trabalho recente.

Vasco Monteiro, 29.07.2022

1. Esquecendo os desenhos de criança, por volta dos meus 17/20 anos desenhava máquinas mas só mais tarde comecei a desenhar
2. Tem o papel de impulsionador para criação de ideias, bem como libertador da pintura.
3. Claro que sim, o desenho é mais direto e simples que a pintura.
4.
Foi uma experiência muito positiva dado o profissionalismo e simpatia do João
5. Teve uma considerável importância pois foi uma forma de apresentar trabalho que de certo modo não apresentaria na galeria Módulo e assim alargar e divulgar o meu trabalho.